

A Campagna - N. 100

...efvindicação que o
do grande eco no
amadas populares

Inter

am...
 sticia montem mente, e em nom
 e a Camara Commum. Ant
 votos, havia um grande comi
 do governo a açao daqu
 e inscricao Inte que votaram a
 e seguiu o seu Nessa reun
 egimen polu e rificam em
 e o aventurel e pridas cent
 issolini legrou i. do govern
 nobre Italia. es diata de P
 é a Barbari
 a a m de ratificar accrescenta outros
 ncia pontos, não muios trisarios
 mia. Diz por exemplo, no ultimo
 imites numero de sess formalice
 tismo d integralismo é a lei de Deu
 grosse da Patria, actualmente ame
 egaloma cada por essas duas coisas a
 guerra lismo internacional. O
 raria a t munitismo interu e o comu
 os da Cul pitalismo athen e o capitalismo
 a Nação agra submetter o Brasil
 poio do late no geral dos bar
 alismo chevistas de Londres
 mmunismo que onar
 os Brasileiros do
 de Macchau
 a mensez
 quanta

NÃO SEI

Independência
Vou dar a
meias de
muito
do

**tomará
Integralismo.**

camisa-ver
ção de que q
da Nação (ala so
João paulista
das idéas —
brasilos e t
plantações de pr
América lha, forne
sobre se
disse, em i
não recebi nen
prova, provando que
estão apindo for
idéas, conspire
motins, movime
aculando graves s
tiver sciencia de sly
então agora q
um tem o lito
propaganda A preocupa
do governo e manter Inte
a ordem e a autori
para que haja u
confiança

SIVO TELE-
 DO SR. GETU-
 GAS AO SR.
 SALGADO
 (Pelo telephone)
 Hello Vargas pen-
 sante telegramma,
 o Salgado:
 Salgado - Ma-
 de estiver.
 recebimento do
 ramina e agrado
 ia a espontane-
 e manifestação
 edade ao gover-
 acha perfeita
 parelhado par-
 dem e assegura-
 is instituições.
 le, entre tanto,
 colher vossa no-
 tamento de coope-
 ração nacional, co-
 ador (testemunha-
 ades civicas da
 sabe, assim, po-
 a qualquer hora,
 za e a dedicação
 uns brasileiros,
 se cada vez mais
 uetaria

[illegible]

Associação dos
Cadastrados do
Comércio e Indústria
Horizonte e trabalha
dos desejos para vós,
e vossos amigos a au-
toridades
esperarão
da mesma alentadora es-
e ante vossa patética atenção.
D. J. REZ CALDEIRA BRANT
de estudos de
cia do Minas Gerais:
"Correio-Minas"

Uniteretado ao sr. C
lio Vargas com mil ca-
misas verdes para com-
bater os comu-

VAE SER PRESO

Newton Praga, por se ter declarado
integralista

Leiam **PANDORA**
Ruy
do pensamento
político
e social
jurídico
Bibliografia

para contidas numa entre-
lha foi publicada p-
riscos. A Noit-
horas

SALV

SE LUTA CONTRA O INTEGRA- AO

MILITANTE

ADVOGADO

VAE SER PRESO

Newton Braga, por se ter declarado integralista

Leiam PANDRA RUY

SE LUTA CONTRA O INTEGRA-

... de estudos da ...
 ... da Minas Gerais
 ... Correlato-Minas ...
 ... contidas numa entre ...
 ... foi atribuída p ...
 ... A No ...
 ... horas ...
 ... er Pilo ...
 ... Selgado ...
 ... laando ...
 ... toda ...
 ... Estudos ...
 ... jurídicos Thoma ...
 ... Bibliographia, C ...

Leia o PANORAMA
 Ruy
 SALVA
 SE LUTA CONTRA O INTEGRALISMO

SE LUTA CONTRA O INEGRA. 10

Itamar House
Grande amigos.

Carta *fac simile* de
Rodrigues de Abreu

Bauri, 15 Junho 27

Querido sr. Plinio

Cuide da sua vida
como de uma obra sagrada. O maior
representante da mentalidade da raça bra-
sileira no actual momento, não lhe per-
tence. De você é que eu espero a
redempção do pensamento nacional, por que
você há de ser uma das mais genuínas
figuras do continente americano. Já
tem ótima cultura adquirida, e tem, sim-
plesmente, a revelada, a que Deus con-
cede pô a raça, e de século em
século. Digo isto a você, sem intuito de
elogiá-lo. Você está acima dos elogios. Digo-
lhe como um lembrete à sua modestia,
que o far malbaratar, e mesmo compro-
meter com o pouco cuidado que volta as
physicas, coisas que não lhe pertencem e
que não quer perder. Venha até
Bauri, a esta chácara onde estou. Aqui
você viverá como um bicho, cacando,
brincando no mato, e ficará rijo
para terminar o 'Esperado'!

Abraços meus o do
mamãe

Plínio de A. B. Cruz

NOTA: Esta carta está no arquivo dos
organizadores deste livro.

Dados biographicos de Plinio Salgado

Plinio Salgado nasceu no dia 22 de Janeiro de 1895, na cidade de S. Bento do Sapucahy, S. Paulo. E' filho do coronel Francisco das Chagas Esteves Salgado e de D. Anna Francisca Rennó Cortez, ambos fallecidos. Seu pae foi chefe politico naquella localidade, desde a proclamação da Republica até ás vespervas do seu fallecimento. Aquelle municipio foi durante todo esse tempo um dos raros onde não existiu politica de opposição municipal, dado o poder de fascinação e de commando daquelle chefe da roça, considerado, numa vasta zona do norte de S. Paulo, como pae do povo e amigo dos humildes. Profundamente nacionalista, admirador de Floriano, costumava reunir os filhos, á noite, para lhes contar as façanhas de Caxias, de Osorio, narrando-lhes os episodios das vidas dos grandes estadistas do Imperio, cuja origem estadual nunca disse aos filhos, porque os educava num sentido nacionalista e não estadualista. A mãe de Plinio Salgado era professora normalista, formada em S. Paulo, no ultimo anno do Imperio. Caracter energico, dedicou todo o seu esforço no sentido de estimular os filhos na luta sendo ella propria quem os ensinou a ler, quem lhes deu as primeiras lições de historia do Brasil e de Historia Sagrada, de Geographia, Arithmetica e Francez.

Os avós paternos de Plinio Salgado chamavam-se Manoel Esteves da Costa e D. Marianna Salgado Cesar. O primeiro era portuguez, de Vizeu, tendo estudado humanidades em Coimbra e vindo para o Brasil por motivos politicos; a segunda, ligava-se, pelo ramo Salgado a uma familia portugueza, e pelo ramo Cerqueira Cesar a antiga familia paulista, que se entrosa na linhagem dos Bandeirantes, indo a Manuel Preto, o conquistador de Guayra.

Os avós maternos chamavam-se Antonio Leite Cortez (professor, amigo das letras latinas, politico do partido conservador do Imperio, de origem espanhola, pelo lado paterno); e D. Mathilde Sophia Rennó. Era esta filha do medico allemão Dr. João Rennó de França, que foi official (capitão) da cavallaria de Baden e emigrou para o Brasil no primeiro quartel do seculo passado, com a idade de 26 annos. Esse joven medico allemão, de educação franceza, o que o levou a accrescentar ao seu o proprio nome da França, parece ter vindo para o Brasil por motivos politicos ou sentimentaes, pois trouxe recursos, com os quaes viajou todas as provincias e terminou estabelecendo-se como agricultor, tendo sempre clinicado gratuitamente. E' possivel que descenda de antigos emigrados francezes para a Allemanha, não só pelo nome Rennó, como pela locução "de França", que póde tambem não traduzir apenas sympathia pela cultura franceza (bem evidente na sua velha bibliotheca que Plinio Salgado ainda conserva) mas significar um epitheto indicativo da remota origem de sua familia. Depois de percorrer todo o Norte do Brasil, tendo estado na Bahia, onde comprou numerosos escravos que trouxe para o Sul, fixou-se temporariamente em Curityba, naquella tempo comarca de S. Paulo. Alli conheceu D. Anna Joaquina Ferreira, a qual se ligava ás mais antigas familias dos colonizadores da Capitania de S. Vicente,

tendo como mais remoto ancestral brasileiro, Pero Dias, que foi o guardião das chaves da cidade de S. Paulo, logo depois de fundada pelos Jesuitas.

Assim, Plinio Salgado descende de um portuguez absolutista, partidario de D. Miguel; de um allemão de cultura philosophica e politica franceza e provavelmente de origem gauleza; de conquistadores de territorios para a grande Unidade da Patria; e, finalmente, por uma mysteriosa fatalidade, do primeiro guardião da cidade de S. Paulo, daquelle que tinha nas mãos as chaves com que trancava a cidadela contra os assaltos nocturnos das tribus selvagens.

* * *

Plinio Salgado estudou as primeiras letras com sua mãe, seu avô materno, com os professores primarios Antonio Porphirio da Silva e João Galvão de França Rangel. Iniciou os estudos secundarios no Externato S. José, dirigido por José Maria Calazans Nogueira. Estudou finalmente humanidades no Gymnasio Diocesano de Pouso Alegre, Minas. Em 1911, fallecendo seu pae, Plinio Salgado não pôde continuar seus estudos.

* * *

Em 1914, torna-se professor secundario. Lecciona para mais de cincoenta alumnos. Dá os primeiros passos no jornalismo, dirigindo a folha local. Entrega-se ao estudo, lendo muitas horas por dia. Devora a obra dos philosophos do seculo XIX. Trava conhecimento com as literaturas franceza, ingleza, allemã, italiana, espanhola e russa. Cultiva carinhosamente os classicos da nossa lingua. Aprofunda-se no conhecimento da litera-

tura brasileira. Dedica-se, para augmentar seus recursos, aos trabalhos de agrimensura. Esse trabalho o encanta, porque vae fazendo o levantamento topographico da sua zona e sente-se mais em contacto com a natureza e as condições sociaes dos habitantes da região. Sua vida se divide entre a floresta e os livros. Lendo os philosophos materialistas, fica materialista. Mas, no fundo, guarda uma inquietação continua, que o reconduzirá ao espiritualismo. Em 1918, casa-se com D. Maria Amelia Pereira. Nesse tempo, é figura central de tudo, na pequena cidade. Director do jornal da terra, com Joaquim Cortez Rennó Ferreira, seu futuro cunhado; orador do Gabinete de Leitura; secretario do Tiro de Guerra; presidente do Clube de Foot-Ball; director do Grupo Drammatico; director do Externato; agrimensor, enfim, o dinamizador da pequena cidade. A grippe de 1918 attinge-o quando ultimava a leitura de toda a obra de Herbert Spencer. Tendo quasi perdido a vida, é ainda a leitura a sua distracção na convalescença. Lê um livro de Almeida Magalhães sobre Farias Brito. Um clarão o illumina. Lê, então, Farias Brito. Sente renascer as fontes do espiritualismo em seu coração. Interessa-se por Jackson de Figueiredo. Traça novos rumos ás suas leituras. E' o sentimento christão que reffloria na sua alma. Em 1919, enviuvou, depois de um anno de casado, ficando com uma filha de 16 dias, que conta hoje dezeseite annos. Nessa occasião, envolve-se na politica municipal. E' o seu primeiro contacto com a politica. Verifica, desde logo, muitos erros de ordem geral. Organiza o Partido Municipalista, para combater a dictadura do governo estadual, que suffoca os municipios com a mão de ferro dos directorios dos partidos situacionistas. Esse partido elege um deputado, o sr. Gama Rodrigues. Propaga-se em dezeseis municipios do

Norte do Estado. Plínio Salgado faz discursos políticos, atacando a dictadura dos governos estaduais que absorvem as autonomias municipaes. Escreve ensaios literarios e philosophicos. Faz conferencias. A primeira é sobre o thema "Ordem e Disciplina", para um tiro de Guerra de Paraizopolis, Minas. Publica artigos e contos na "Revista do Brasil", de Monteiro Lobato e Paulo Prado. Mas a politica municipalista torna a sua situação insustentavel na sua terra natal. Na vespera das eleições de vereadores, verifica-se um tiroteio e Plínio Salgado é preso. Posto em liberdade, instauram-lhe um processo absurdo de tentativa de morte, por ter defendido a casa de seu cunhado contra um assalto a tiros. Está terminado o seu cyclo municipal, de que sahio com experiencias que mais tarde lhe iriam valer tanto no estudo do caso brasileiro e do problema das instituições politicas. Sem recursos, perseguido e humilhado, vae para São Paulo. Não tem uma carta de recommendação, não tem nada. Está sem dinheiro, sem protecção, sem amigos, longe da filha, que ficou com sua velha mãe e sua irmã, completamente isolado, porém, não abatido.

Em São Paulo, tinha um amigo, que não conhecia pessoalmente, o poeta Nuto Sant'Anna, que publicára alguns trabalhos do nosso biographado na secção de letras do "Correio Paulistano". Nuto Sant'Anna arranja-lhe um lugar de revisor daquelle jornal; menos que revisor: suplente de revisor. Desconhecido de todos, trabalha até trez horas da madrugada. Agora pôde estudar muito mais. Tem a Bibliotheca Publica, tem os sebos onde compra e vende livros usados. Para prover melhor a sua subsistencia, assiste aos domingos os jogos de foot-ball e escreve a chronica esportiva para "A Gazeta", onde faz alguns amigos. O director desse ves-

pertino, Casper Libero, incumbe-o de escrever uma critica literaria. O trabalho agradou e Plinio Salgado começa a publicar os seus artigos sobre livros, revelando a sua cultura. Isso vae repercutir no jornal onde é revisor e levam-no para a redacção. Faz tudo. Todos os assumptos lhe são familiares. E' reporter, é critico literario, é economista, é politico, é secretario de redacção em varias oportunidades. Seus artigos assignados alcançam um successo enorme. Elles trazem pontos de vista novos e são vazados num estylo differente de tudo quanto então se fazia.

Mas Plinio Salgado quer publicar um livro. E' um romance. Quando o escreverá?

Um dia viaja com Alarico Silveira para a Araraquarense. Em Monte Aprazivel sente definitivamente o livro. Está em pleno sertão de São Paulo. Tortura-o, porém, a questão da forma. Plinio tinha tomado parte na Semana da Arte Moderna, presidida por Graça Aranha, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Mario de Andrade, todos escriptores de nome feito, com livros publicados. Elle, porém, não publicára ainda nenhuma obra que pudesse encartar no rythmo moderno da literatura. Tinha um estylo. Esse estylo não bastava para a architectura do romance.

Em 1924, deixando a redacção do "Correio Paulistano", no apogeu do seu prestigio como jornalista, vae trabalhar no escriptorio de advocacia do Dr. Alfredo Egydio. Tem uma porcentagem. De 24 a 26 fica muito bem. Não precisa mais viver de jornalismo, mas a sua grande paixão de escriptor não lhe dá descanso. Começa a escrever o romance. Leva dois annos porque o refundia varias vezes. Em 1926, publica "*O Estrangeiro*".

Esse livro exgotta-se em 20 dias. Sáo outra edição. Todos os jornaes fálam delle. Ha polemicas. Um barulhão dos diabos.

Aggripino Grieco, dando o balanço literario do anno, consagra "*O Estrangeiro*" o maior livro de 1926.

Jackson de Figueiredo, Rodrigues de Abreu, Monteiro Lobato e Augusto Frederico Schmidt veem no escriptor Plinio Salgado uma *força nova*, uma *esperança*, um *Bielinsky* e *Gogol* do Brasil que renasce...

* * *

De 1926 para cá, de corpo e alma, Plinio Salgado (2) entregou-se á lide politica como o "*decifrador das intuições collectivas*", como um "thermometro".

Foi sempre um incomprehendido dentro dos quadros partidarios.

A sua *acção politica* é uma pagina rara de fé, de perseverança e de coragem, desde o dia em que percebeu tudo quanto era necessario fazer neste immenso paiz, para transformal-o e crear nelle uma grande Patria.

* * *

(2) "Baixo, magro, elle tem nos olhos esse brilho dos inquietos e dos em eterna actividade. A fala é rapida é incisiva. Nervoso. Chelo de movimentos mansos. E essa facilidade de expressão, essa sensatez nas palavras, que traduzem sempre um pensamento que floresceu. Esses elementos, compõem, no escriptor Plinio Salgado, o "homem contagioso" de Costeau e nos dão a convicção de ser elle uma idéa que anda num corpo commodo e portatil..." (D'"A Nação" — início de 1933).

Depois da publicação de "*O Estrangeiro*", Plínio Salgado conquista uma grande posição na literatura nacional. Torna-se, em São Paulo, o centro de toda uma agitação de jovens escriptores, poetas, pintores, ensaístas politicos. Começa a escrever o seu segundo romance "*O Esperado*". Lança, com Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Motta Filho, um grande movimento que é logo baptizado com o nome de "verdamarellismo". A revolução literaria de 1922-23, chefiada por Graça Aranha, Mario e Oswald de Andrade, Menotti, Ronald, subdividiu-se em muitas correntes e dissolvia-se na maior confusão. O "verdamarellismo" era o sentido nacional do movimento modernista. Plínio Salgado o lançou para que elle fosse a transição para alguma coisa mais séria e mais profunda. O "verdamerelismo" tinha muito de formal. Era uma attitude de brasilidade com uma forma exterior que buscava nos grande motivos decorativos os cartazes com que se chamava a atenção dos brasileiros para a sua terra e a sua gente. Não podia ser um movimento senão de transição, desde que seu objectivo era puramente formal. Enquanto se fazia com estardalhaço a propaganda do "verdamerelismo" nas columnas do "*Correio Paulistano*", Plínio se entregava com Raul Bopp a Alarico Silveira ao estudo da lingua tupy e da ethnographia nacional. Ao mesmo tempo, com Plínio Mello, Fernando Callage, Motta Filho, estudava Alberto Torres, Tavares Bastos, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, Oliveira Lima, Calogeras, os que estudaram a terra, o homem, os seus problemas. Por outro lado, com Augusto Frederico Schmidt e outros, interessava-se pela obra de Jackson Figueiredo, dos pensadores espirituualistas. Foi um periodo fecundo da vida de Plínio Salgado, esse em que elle se torna a figura central de varios grupos dispaes, no trabalho de pesquisa, de meditação sobre todos os problemas. Foi nesse tempo que, com

Plinio Mello, Mario Pedrosa, Araujo Lima, e outros, começou a estudar o marxismo, lendo todos os autores e anotando a obra de Marx. No meio de tudo isso, Plinio Salgado, para operar mais rapidamente a transição do “verdamearellismo” para uma outra etapa do movimento social e nacional, lança, com Raul Bopp o “movimento da Anta”. Era o trabalho com os imensos subsidios do espirito autochne. Era uma indicação á solução do problema da unidade nacional. Era o estudo do “homem” na sua fonte primitiva. Esse movimento foi ephemero mas impressionou fortemente. Parallelamente, Plinio Salgado desenvolvia o seu combate, na tribuna da Camara Estadual, para a qual fora eleito nas condições que se verão adeante, no capitulo relativo á sua acção politica, o seu combate á hypocrisia dos feiticistas das formulas liberaes. Pelas columnas do “Correio Paulistano”, onde collaborava assiduamente, desenvolve idéas novas sobre os problemas sociaes e economicos do Brasil. Luta, assim, trabalha assim, estuda assim, produz assim, em 1927, 1928 e 1929. Mas, no fim desse anno, está desilludido deante da possibilidade anteriormente imaginada de influir nas transformações politicas de modo indirecto. Começa a pensar numa acção mais directa. E’ preciso coordenar os elementos esparsos dessa nova mentalidade inquieta, angustiada.

Este nosso trabalho biographico constitue, apenas, um conjuncto de apontamentos. Seria impressionante registrar, ponto por ponto, a acção de Plinio Salgado nesse periodo. Sirva de suggestão este nosso esforço para que outros se dediquem a um trabalho mais completo.

Em 1930, Plinio segue para a Europa. Percorre 14 paizes. Regressa e publica “*O Esperado*” em 1931. Em 1932 escreve, durante os mezes da revolução paulista,

“*O Cavalleiro de Itararé*”, seu terceiro romance. Os pormenores sobre como foram escriptos esses dois livros são dignos de serem narrados pela propria penna de Plinio Salgado. Foi em situações terríveis, não só de incompreensão, de luta contra o meio, mas das mais tremendas difficuldades materiaes. Em 1933, estando na mais extrema penuria (o jornal em que trabalhava fora incendiado pelos separatistas), rejeita o alto cargo de Secretario Geral do Estado, que lhe offerecera o general Waldomiro Lima. E’ que a Sociedade de Estudos Politicos, de que falaremos adeante, ia transformar-se na “Acção Integralista Brasileira” e Plinio preferia arrostar com todo o negrume das difficuldades materiaes do que sacrificar o seu ideal e a fidelidade aos moços que o acompanhavam. Nesse anno escreve o seu quarto romance “*A Vóz do oeste*”, que é publicado em 1934. Publica tambem “*O que é o integralismo*”, que está hoje na 4.^a edição, e “*Psychologia da Revolução*”, que attinge hoje a terceira. Dahi para cá, a obra cultural de Plinio Salgado realiza-se, ao mesmo tempo que elle dá corpo á maior organização politico-social de todos os tempos no Brasil. Elle é, a um tempo, organizador, orador, jornalista, chefe, porém, não deixa de ser o escriptor e o exito de seus livros, que estava assegurado, desde 1926, com a publicação de “*O Estrangeiro*”, offerece-lhe os meios d’elle se tornar o unico chefe dos movimentos congeneres do mundo que, além de desempenhar todos os papéis, de administrador, de orientador, de dirigente, de propagandista, ainda trabalha para viver e jamais depende de quem quer que seja. Sem ser rico, tendo tido mil oportunidades de se collocar optimamente na vida, o Chefe do Integralismo Brasileiro é o unico chefe no Brasil que póde ser Chefe, sem occupar cargos publicos, sem ser rico e sem depender de terceiros. Todos os outros no Brasil occupam cargos remunerados de senador,

como Glycerio e Pinheiro Machado; de presidentes de Estado, como Borges de Medeiros; de deputados, etc., como sempre se deu em outros tempos e ainda se dá agora. Mas Plinio Salgado, esse faz eleger deputados, nunca se apresentando numa chapa; recusa cargos; e jamais articula uma palavra de queixa. Trabalha para viver. Depois de dias exaustivos, consome as madrugadas, atendendo aos reclamos dos editores. Cumpre ainda notar que o consumo de seus livros no mercado não é uma consequencia do movimento integralista, porque em 1926 "*O Estrangeiro*" teve sua primeira edição exgotada em vinte dias. No meio da tormenta de uma luta cruel, em que elle tem contra si adersarios que lhe não dão treguas, produz sempre.

* * *

São as seguintes as obras de Plinio Salgado: "*O Estrangeiro*", "*O Esperado*", "*O Cavalleiro de Itararé*", "*A voz do Oeste*", romances; "*Oriente*", viagens; "*O que é o Integralismo*"; "*Despertemos a Nação*", "*Cartas aos camisas-verdes*", "*Palavra Nova dos Tempos Novos*", "*A Doutrina do Sigma*", "*O soffrimento universal*", "*A Quarta Humanidade*", "*Discurso ás Estrellas*", "*Literatura e Politica*", "*Geographia Sentimental*", "*Nosso Brasil*", "*Cartographia politica e social do Brasil*".

Plinio Salgado jamais se apresentou candidato a qualquer instituto literario ou cultural. A Academia Paulista de Letras, cujo regimento determina que os seus membros sejam eleitos á revelia dos mesmos elegeu-o para a cadeira de Couto Magalhães.

Na sua actividade constante, Plinio Salgado trabalhou ou collaborou nos seguintes jornaes e revistas do paiz: "*Correio Paulistano*", "*Revista do Brasil*", "*Jornal do Commercio*", "*A Gazeta*", "*Folha da Manhã*", "*Folha da Noite*", "*A Garôa*", "*Klaxon*", de S. Paulo; "*O Dia*",

de Curityba; "Diario de Noticias", de Porto Alegre; "A Gazeta de Noticias", "O Paiz", "A Illustração Brasileira", "Hierarchia", do Rio; "Era Nova", da Bahia; "A Razão", de São Paulo, órgão em que fez a doutrinação integralista durante todo o anno de 1931; e hoje escreve na "A Offensiva" (Rio), "A Acção" e "Panorama", São Paulo; "A Cidade", Recife; "A Razão", Fortaleza, além da collaboração periodica em dezenas de semanarios da rêde do Sigma.

A obra de Plinio Salgado ainda não foi estudada no seu conjuncto. Todos os ensaios publicados neste livro, por eminentes escriptores, apanham determinado aspecto. E' uma obra complexa em que se realiza, quer no que está escripto por elle, quer no que por elle está feito objectivamente, uma synthese em que se fundem um romancista, um poeta, um philosopho, um sociologo, um estudioso de assumptos technicos e administrativos, um orador, um agitador, um politico, um organizador, um psychologo e até um caudilho. Todos estes aspectos, fundidos ao fogo de uma inquietação angustiosa, de dôres, de um sentimento de humanidade e de espiritualidade, exprimem-se na figura do Chefe do Integralismo.

Vejamos, porém, ainda que ligeiramente, antes de offerecermos os estudos de brilhantes personalidades, inseridos neste livro, o que tem sido a acção politica de Plinio Salgado.

I PARTE

*Apontamentos sobre a
acção politica de
Plinio Salgado*

Desde o dia em que Plinio Salgado percebeu tudo quanto era necessario fazer neste immenso paiz, para transformal-o e crear nelle uma grande Patria, traçou o plano e começou a executal-o com firmeza.

Tudo tinha de subordinar-se a um methodo e a formidavel empresa era cheia de linhas curvas. Dahi as marchas, as contramarchas, os avanços e os recuos, os periodos da ficção, os da theoria, os da pratica, as sondagens de terreno, as obras provisorias e as definitivas, os desvios de rumo, a applicação de processos, as inspirações momentaneas, — *tudo com um pensamento fixo, preconcebido.*

Os homens mudando sempre... (1)

As circumstancias modificando-se...

Esta areia movediça do Brasil!

Aqui, fracassaria um Disraeli, porque não encontraria consistencia partidaria em que se apoiasse; aqui,

(1) "De tal forma se obliterou o senso do nosso povo, que aquelles que se conservam dentro de um ponto de vista doutrinario, e que por isso não cogitam de saber que pessoas estão ao seu lado, desde que estas estejam adoptando o seu programma, são os accusados de haverem mudado! Só não mudam os que, sendo visceralmente desfibrados, acham meios e modos de obedecer servilmente a patrões, que adoptaram de uma feita e que teem de seguir, ainda que estes assumam attitudes erradas, por toda a vida. Assim, foi accusado Ruy Barbosa, que em certa occasião declarou: "são os homens que mudam, eu estou no meu lugar".

Sim; o lugar de um homem de responsabilidade intellectual e moral não é aquelle que lhe dictam os interesses particulares, nem os que lhe indica o arbitrio de uma multidão na qual, cada dia mais se accentuam os caracteristicos da incapacidade politica. Os que amam sinceramente a sua Patria, devem sobrepairar ao partidarismo faccioso, aos conchavos, ás subserviencias, para expôr claramente o que pensam e submeter-se unicamente aos dictames da sua consciencia". (PLINIO SALGADO, 27/6/31).

fracassaria Bonaparte, porque não encontraria *tonus* revolucionario; aqui, fracassaria Bismarck, porque não encontraria a tradição de Frederico; aqui, fracassaria Mussolini e Hitler, porque não encontrariam os hábitos de arregimentação parlamentar. Tínhamos, como temos, um paiz sem partidos, de aspirações municipalistas e regionaes, cheio de facções instaveis tangidas pelos caudilhos. A articulação das forças nacionaes encontrando o entrave das politicas dos Estados, a consciencia economica das classes ainda rudimentar, a cultura sem nenhum sentido de unidade.

Deante desse panorama, para agir dentro das realidades do paiz, o que Plinio Salgado tinha a fazer era um trabalho duplo: emquanto procurava despertar as élites através de um movimento literario, tentar crear, dentro dos muros de um dos partidos estaduaes mais fortes, uma corrente renovadora. Foi o que, de facto, Plinio Salgado fez, contando com o prestigio do Sr. Julio Prestes, quando Presidente de S. Paulo. (2).

Os annaes da Camara Estadual conteem os seus discursos onde se encontra o mesmo pensamento que sempre o norteou. (3).

(2) Em 2 de março de 1932 Plinio Salgado concedeu ao jornal "A Batalha" uma optima entrevista explicando a sua situação dentro do P. R. P. No introito da entrevista escreve o reporter: Plinio Salgado "é antes de tudo, um homem que sabe raciocinar, armazena uma opulenta cultura e tem idéas proprias". Esta chamada vale como uma indicação aos mais curiosos.

(3) Por ocasião da victoria de Plinio Salgado nas eleições para deputado estadual, o grande poeta e escriptor Augusto Frederico Schmidt escreveu um artigo intitulado "A proposito de uma eleição", do qual separamos os seguintes períodos:

"Plinio Salgado é, com sua sensibilidade moderna, e sua perfeita comprehensão dos problemas internacionaes, antes de tudo, um typo bem marcado do homem do campo brasileiro, que conhece profundamente de perto os soffrimentos, as misérias, e, tambem, as possibilidades, e os

Nesse tempo os perrepistas applaudiram-no com palmas; hoje, não o conhecem. E Plinio Salgado é o mesmo!

Infelizmente, o Sr. Julio Prestes, eleito presidente da Republica, mudou completamente e Plinio Salgado foi para a Europa, acompanhando, como preceptor, um joven rico, cuja Mãe lhe abriu um credito no Banco Francez-Italiano, para esse fim, (ver nota 11 da pag. 165). Do contrario não poderia fazer essa viagem.

* * *

Depois de correr o Oriente, percorreu a Europa, incendiando todos os jovens brasileiros que foi encontrando, para a *nossa revolução* que devia ser, preliminarmente, cultural.

Ribeiro Couto, no estudo que inserimos nesta collectanea, relata o que foram as suas noite em Marselha.

Em Roma, agitou os paulistas que lá se achavam.

Em Paris, e disso foi testemunha um pintor brasileiro, (4) fez o rascunho do manifesto que, mezes mais tarde, iria servir á Legião Revolucionaria.

remedios para solução das difficuldades e fatalidades que assolam as nossas populações ruraes, tão esquecidas até então, tão entregues a si proprias, completamente desprovidas de recursos, victimadas por uma politica estreitamente urbana que não comprehendeu o factor decisivo que ellas representam no equilibrio da nossa nacionalidade.

...E' um homem que pensa. Fez-se só como pensador. Sua victoria é uma victoria do homem da intelligencia brasileira, que, como o homem do nosso mato, foi relegado para o mais injusto e revoltante esquecimento".

(4) De Paris, em 31 de agosto de 1930, Plinio Salgado escreveu para o "Correio Paulistano" e para o "Paiz" a entrevista denominada *Um pintor brasileiro em Paris*, que termina com as seguintes palavras de fé:

Escreveu da Europa numerosas cartas, longas e minuciosas, a amigos no Brasil, annunciando-lhes que regressaria para a nossa revolução. Temos em nosso archivo a carta que elle escreveu ao tabellião de São Bento do Sapucahy, sr. Manoel Pinto, (hoje tabellião em Taquaritinga), escripta de Milão, 4 de Julho de 1930, que gentilmente nol-a cedeu para transcrever neste livro:

“Estou hoje convencido de que o Brasil não póde continuar a viver na comedia democratica. Ahi, eu já era um descrente em relação ao suffragio. A eleição que juntos fizemos, inspirou-me uma profunda repulsa pelo regimen. O artigo que, logo depois, escrevi no “Correio”, conteem nas entrelinhas os cavallos de Troia de meu pensamento revolucionario. De ha tempos que me impressiona o enfraquecimento do poder central; as unanimidades estaduaes em torno dos presidentes de cada Estado; a politica economico-financeira de cada Estado, consultando interesses de grupos; a falta de unidade no aparelhamento da instrucção publica, da hygiene, da justiça; a ausencia de um aparelho de funcção technico-commercial que seria precioso para a nossa expansão no Exterior; a situação deprimente dos nossos parlamentares, lacaios do poder ou demagogos liberaes-democraticos, verdadeiros somnambulos que não atinam com a causa primeira dos males da Nação; o feiticismo das formulas constitucionaes, burladas frequentemente, mas

“Temos de iniciar o grande movimento nacional. Cada um no seu posto. Cada um na sua batalha. Todos orientados pela mesma crença. Todos visando o Grande Brasil.

A nossa geração precisa erguer-se num movimento inédito na historia do paiz. E’ preciso comprehender essa necessidade. Esse dever. Essa responsabilidade”.

respeitadas como Budhas, o que occasiona a descrença do Povo; a nossa defesa nacional, sem efficiencia nenhuma, um exercito fabrica de revoluções, as lutas em cada successão presidencial, desorganizando a vida do paiz e gastando rios de dinheiro com os jornalistas venaes e os politicos que tresandam a podridão, a imprensa vergonhosa que temos; a advocacia administrativa, cancro nacional, e a protecção politica, lepra deformadora.

Numa situação como essa, os dois perigos, que os governos não veem; não creem: — o espirito de regionalismo que se accentua dia a dia e que nos leva a caminho do separatismo, e a questão social, que nos arrastará, de um momento para outro, ao bolchevismo. Os que teem a noção dessas cousas são chamados ahí loucos, sonhadores e poetas. Os homens de juizo são os inconscientes, de espirito burocratico, os administradores de fachada e os homens de negocios... E o que ha de peor no Brasil é o materialismo grosseiro em que vivemos, a falta de coragem, a incapacidade para o sacrificio, a ausencia absoluta de espirito nacional. O Imperio legou á Republica um paiz unido, homoganeo, vibrando pelo mesmo coração; a Republica, com mais vinte ou trinta annos, terá completado a sua obra de dissociação... E' necessario agirmos com tempo de salvarmos o Brasil. Tenho estudado muito o fascismo: não é exactamente esse o regimen que precisamos ahí, mas é cousa semelhante. O fascismo, aqui, veiu no momento preciso, deslocando o centro de gravidade da politica, que passou da metaphysica juridica, para as instituições das realidades imperativas. O Estado Fascista, sendo uma concepção mais ampla do que os limites traçados ao conceito do Estado nos regimens

de indole liberal-democratica, veio interferir em varias actividades, modificando lineamentos anteriores do direito constitucional, do direito administrativo, e influindo mesmo na esphera civil, commercial e criminal, porque o Fascismo não é propriamente uma dictadura (como está sendo o governo da Russia, emquanto não chega á pratica pura do Estado Marxista), e sim um regimen. Penso que o Ministerio das Corporações é a machina mais preciosa. O trabalho é perfeitamente organizado. O capital é admiravelmente controlado. O parlamento é constituído pela representação de classes. Esta ultima cousa seria preciosa num paiz novo como o Brasil por dois motivos: teriamos a precisão **TECHNICA** nas leis, e amorteceriamos o espirito regional nos parlamentos estaduais. Ha outras cousas interessantissimas aqui. Volto para o Brasil disposto a organizar as forças intellectuaes esparsas, coordenal-as, dando-lhes uma direcção, iniciando um apostolado. Contando eu a Mussolini o que tenho feito, elle achou admiravel o meu processo, dada a situação differente do nosso paiz. Tambem como eu, elle pensa que, antes da organização de um partido, é necessario o movimento de idéas. Aliás, a minha orientação não teve nenhuma influencia fascista. O encontro com Mussolini foi, apenas, o momento historico em que tomei uma decisão. E' a fascinação de Roma. Em Roma tudo nos convida á luta. A nossa personalidade cresce aggressivamente, entre os vestigios dos povos que passaram pela vida lutando. Uma manhã, no alto do Janiculo, junto á arvore de Torquato Tasso, com o panorama de Roma a meus pés — o Coliseu e o Vaticano, o Forum Romano e as Thermas de Caracalla, o Aventino e o Palatino, e

os palacios seculares que sobem e descem pelas collinas, eu senti uma saudade immensa do Brasil. E sentindo este amor da Patria, pensei em todas as marchas da cidade Eterna e reflecti sobre a necessidade que temos de dar ao povo brasileiro um ideal, que o conduza a uma finalidade historica. Essa finalidade, capaz de levantar o povo é o Nacionalismo, impondo ordem e disciplina no interior, impondo a nossa hegemonia na America do Sul; principalmente no Prata. Voltarei para combater esse combate cheio de enthusiasmo.

— Nós precisamos mesmo reformar esse Brasil!

— Recebi uma carta do Ribeiro Couto, longa e com as mesmas idéas politicas minhas. Hoje, no Brasil, ha bem um milheiro e pouco de moços pensando assim. Portanto, porque não fazemos a nossa entrada na Historia?

(a) PLINIO".

* * *

De volta da Europa, Plinio Salgado desembarcou no Rio no dia 4 de outubro.

Iria passar por uma dura prova.

Havia rebentado a revolução liberal.

Tratava-se de uma questão duplamente grave para Plinio Salgado: a de doutrina e a de dignidade pessoal.

Em doutrina, não poderia estar com uma revolução liberalesca, chefiada por velhos ratões politiqueiros, embora estivesse farto da infame atmospheria de subserviencia do P. R. P. Quanto á sua attitudo pessoal, ignorando o povo as deliberações que de antemão elle trazia da Europa, não seria honesto que elle se valesse de oportunidade para abandonar o Sr. Prestes. (JULIO PRESTES)

Foi aos Campos Elyseos. Pôz-se á disposição do presidente.

Assistiu, dia a dia, á derrocada do P. R. P.

Escreveu dois artigos contra a revolução “liberal”, mostrando que ella estava fóra do rythmo do mundo (5).

* * *

Todo o interregno da revolução de 30 foi de inquietação e soffrimento.

Em 14 de outubro de 1930, Plinio Salgado escreveu a seguinte carta ao poeta Augusto Frederico Schmidt:

“Schmidt,

Recebi sua carta hontem. O Brasil precisa de reformas radicaes. Quarenta annos de experiencia

(5) “O Brasil tem um grande destino a cumprir. E’ preciso repetir isso muitas vezes, até que a phrase se anime, se torne bem viva, na consciencia da Nação.

Mas o Brasil só realizará esse destino, se souber se integrar no instante universal, apprendendo o sentido da civilização moderna com uma comprehensão exacta dos problemas sociaes e economicos que constituem a preocupação de todos os povos.

E’ á mocidade da minha patria que dirijo este appello: para que se ponha em dia com a Historia.

Todas as nossas questões, todos os nossos problemas, as nossas inquietudes de raça em formação, as soluções de ordem politica e administrativa, tudo se reduz a esta verdade simples, essencial: urge actualizarmos o nosso espirito.

Positivamente, está encerrado o cyclo de evolução humana que se caracterizou pela experiencia das formulas de um idealismo politico cujos ultimos lampejos se extinguíram definitivamente com a Grande Guerra.

Os povos renasceram para uma vida nova. As nações renovaram-se para uma differente concepção do organismo social. As actividade economicas inauguraram situações ineditas.

Ha palavras que envelheceram, que morreram. Ha outras palavras que surgiram com uma significação quasi inesperada.

E’ que o seculo economico, a era da technica, surgiu quasi de improviso, desnorteando todos os inadaptados. Não é um seculo material;

republicana provaram que o regimen não presta. Mas, o que presta, no Brasil?

Tudo é confusão. Vejo aqui catholicos francamente sympathicos á revolução; e vejo mentalidades positivamente communistas, incontestavelmente anti-christãs, com o rotulo da legalidade.

E o povo? A massa? E' a indiferença. Psychologia de espectadores, promptos a adherir aos que vencerem. Essa é a realidade.

As tropas do Sul batem ás fronteiras de S. Paulo. Que idéas trazem? Com que programma veem? Ellas marcham com essa bandeira vaga, imponderavel, indefinivel, do LIBERALISMO. Que é o liberalismo? E nós, que vamos ao encontro dellas, combatemos em nome de que? Da mesma ideologia republicana, do mesmo feiticismo liberal-democratico.

Se vencermos, o que faremos? Manteremos as instituições para possibilitarmos novas revoltas e

elle creou um espiritualismo mais profundo, trouxe uma concepção de existencia e de relação social que não pode ser apprehendida pelos que se detiveram na contemplação mystica dos phantasmas do Passado.

Eu encontrei no meu Brasil, num dia luminoso em que eu entrava na Guanabara, com essa fé e esse orgulho dos que regressam dos velhos paizes, para se reintegrar de novo na Patria joven, uma corrente desvairada de somnambulos pegando em armas para defender phantasmas.

Triste espectáculo, para quem veiu sentindo a necessidade cada vez maior e mais urgente, de um grande movimento das forças moraes e intellectuaes da nacionalidade num sentido de construcção e de disciplina, de ordem e de trabalho!

O Velho Mundo renova-se; e ha espiritos do Novo Mundo que pretendem envelhecer-nos...

Uma revolução em nome de um defunto. Em nome desse liberalismo que já não constitue nem objecto de discussão em qualquer paiz do mundo". (Correio Paulistano — S. Paulo — 7 outubro 930).

nova confusão? Continuaremos a manter essa mentalidade regional, estreita e intransigente, que é todo o fruto do regimen federativo, tal qual o praticamos? Mas, então para que tanto sacrificio?

Ha um desequilibrio evidente na evolução politica, economica, social dos Estados. Nós temos transplantado, para um outro plano, a mesma equação de Canudos.

Ahi vem a politica dos Pampas, marchando contra a politica de S. Paulo. Nós não temos feito outra cousa senão animar antagonismos.

A nossa politica, desde 89 tem sido uma obra de charlatanismo liberal-democratico. Não appareceu um homem de coragem. Que chegue, e dê golpes. Que arrase preconceitos. Que VEJA os verdadeiros perigos a que estamos expostos. Eu não tenho duvidas: a unica organização séria, uniforme, coherente, do nosso paiz, é o communismo.

Elle não nos convem? Mas que forças opporemos á sua acção? As policiaes? Isso é um incentivo: nimba de aureolas os apostolos. Prestigia a propaganda pela imposição de sacrificios.

A doutrina catholica? E' aqui que eu desejava ponderar uma porção de cousas a V.

V. me fala num jornal "Acção Brasileira". Até parece a "Action Française" ... Esse jornal quer ter efficiencia politica? E não será levado, no ardor da refréga, a se encurralar na mesma situação em que se viram Daudet e Maurras? V. me fala num partido. Qual será sua bandeira? A religião? E' muito para uma finalidade politica; é pouco para uma acção pratica, destemida, direi mesmo machiavelica, uma habil, aguda, segura mobilização, de forças aproveitaveis, de energias esparsas, contradictorias sob certos aspectos, mas passíveis de ca-

nalização, de captação, de applicação, NUM SENTIDO BEM DETERMINADO QUE SO' OS DIRIGENTES DO MOVIMENTO DEVEM SABER E ORIENTAR.

Precisariamos ter em vista a URGENCIA DA VICTORIA, que não póde permittir a lenta formação gradual de um typo de MENTALIDADE POLITICA generalizado.

Um partido politico nos moldes communs terá uma vida theorica e uma acção platonica.

Isso tudo me preoccupa muito. A bandeira que imagino, a bandeira visivel, que a Nação deve contemplar — será o Nacionalismo. Porque, com ella, captaremos os sentimentos. O sentimentalismo é a unica força positiva da economia social brasileira. Com elle fizemos a Independencia. Com elle fizeram-se todas as revoluções. Essa energia é incontestavel no caracter nacional. Recrutemol-a. Ella, como sempre, caminhará ás cegas. Nós a dirigiremos. Antes que outros a venham dirigir.

Mas, como pôr em pratica essa grande acção? Eis um assumpto que convinha discutir e combinar, sob um ponto de vista PRATICO.

Antes de tudo, acho que, neste Brasil confuso, neste Brasil sem physionomia, interesseiro, commodista, neste Brasil intelligente demais, de espirito critico aguçado, neste Brasil das controversias politicas e literarias, cheio de grupinhos incompatíveis, erigido de pontos de vista pessoas, — quem assumir uma attitude de aspectos demasiadamente minuciosos, quem traçar um programma de linhas detalhadas, — isola-se. Não consegue nada. Quem appellar para a Intelligencia Brasileira, escutará o éco de mil vózes contrastantes. Só ha uma unidade no Brasil: a do sentimento. A ella é que deve-

mos recorrer. Ella é docil. E' entusiasta. Acompanhariá o Czar ou Lenine, tudo dependendo de se tocar o Hymno Nacional.

Pense bem nessas cousas, e escreva-me. Nós estamos aqui vivendo dias de emoção excepcional. Estamos combatendo todos os dias. Os trens partem para o Sul repletos de soldados.

Instante doloroso, terrivel. Quanta coisa teriamos a commentar de viva voz. Não posso me afastar daqui; estou preso moralmente a esta agonia, no Palacio e pelo "Correio". Pessoalmente, tenho uma enfermidade grave em minha casa, um cunhado que passa mal. Tudo me prende aqui. Não sei do dia de amanhã.

Estou com o Julio, por um dever de dignidade; motivos de coherencia doutrinaria: pela ordem, pelo Brasil conservador, pelo respeito á autoridade; motivos particulares: minha estima a elle.

Escreva-me. E receba um abraço muito affectuoso e fraterno do

(a) *PLINIO*".

Esta carta, que tiramos do nosso archivo para publical-a neste volume, é a melhor prova que poderíamos dar sobre a personalidade de Plinio Salgado. E' de uma eloquencia extraordinaria.

* * *

Em plena Revolução, altas horas da noite, Plinio Salgado elaborava em companhia de Mario Graciotti, uma proclamação aos intellectuaes, sabendo que o cháos iria chegar. Desejava articular todos os homens de pensamento, fosse qual fosse o desfecho da luta. Não encon-

trou, porém, numa reunião que convocou senão a confusão dos espiritos e ninguém assignou o documento. Motta Filho advertiu-o de que, se o publicasse, seria preso pela policia do sr. Washington e, se escapasse desta, — accrescentou um jornalista official presente —, cahiria nas unhas do gauchos.

Abatido e desilludido, esperou o fim do drama, que terminou logo.

Aguardou a prisão: não o prenderam, exactamente, porque escrevera artigos anti-liberaes...

— A Revolução não era, então, liberal-democratica?

Para o Tte. João Alberto, 1.º interventor em S. Paulo, não era...

* * *

Depois...

Vieram pedir-lhe um manifesto para a Legião Revolucionaria. Plinio Salgado respondeu aos emissarios que suas idéas eram irreductiveis e que, se quizessem aproveitar o que já tinha escripto, — pois se considerava um homem liquidado, — elles poderiam salvar nossa Patria, impondo um pensamento nitido no meio da confusão reinante. Aceitaram com uma condição durissima, arrasadora: "Plinio Salgado assignaria com elles o manifesto".

Embora soubesse que seu nome seria arrastado pela rua da Amargura, assignou. E com que despreendimento! (6).

(6) O illustre jornalista Luiz Amaral, que foi um dos directores das "Folhas", hoje integralista, atacou-o violentamente. Plinio Salgado endereçou-lhe, então, a seguinte carta:

Meu caro amigo:

Quando a Patria está nos seus grandes transes historicos, — indignos e covardes são os que se esquivaram de servil-a, em nome de preconceitos partidarios;

O manifesto foi o documento politico mais discutido que nossa historia registra.

Foi um manifesto sensacional. Realmente, de tal forma encarou as questões brasileiras, que a imprensa ficou desnorteada. Verificou-se — escreve em nota politica um critico em 24/9/31 — um phenomeno que o his-

Quando uma Nação está immersa no chãos de todas as doutrinas, corroida por todas as incertezas, solapada por todos os regionalismos, todos os personalismos e prejuizos, maldito seja o seu filho que colloque o respeito humano acima dos sagrados interesses da Patria;

Quando o camblo cõe sob a onda dos boatos derrotistas, contra um governo que procura acertar, quando o estrangeiro nos contempla com desconfiança e aguça as unhas para a sua colonia financeira, — seja execrado o brasileiro que não corre, immediatamente a participar da obra da reconstrução, dando tudo o que tiver no cerebro e nos braços para a salvação nacional;

Quando uma Revolução se faz e consegue o seu objectivo, não para encher de proventos os que a realizaram, mas para alguma finalidade mais alta, e, por isso, chama a postos, todos os cidadãos do palz, — infame e desertor é todo aquelle que se negar a trabalhar com seus irmãos;

Maldito, trez vezes maldito o que se nega a servir a Patria. Indigno o brasileiro que não entra, no momento decisivo, no momento tragico, nessa corrente dos que devem se bater para arrancar a Patria de todas as duvidas.

Meu caro amigo. Não pretendo nada. Não quero nada. Exijo que não me deem nada. Porque o que eu quero, é arrancar S. Paulo e o Brasil de uma hora atroz de duvidas, de angustias e desesperos. Que o povo se levante num grande movimento de fé, que realize o seu destino, e estarei satisfeito. E podem falar todos os que entendem, como Você, que um brasileiro não tem o direito de batalhar e, se preciso fôr, morrer pela sua Patria ameaçada de villipendios e de torvas desgraças.

Eu julgo um covarde o homem que não se definir claramente, nesta hora, assumindo inteira responsabilidade de seu gesto.

E' assim que respondo ao artigo com que você hontem pensou que me afastava do cumprimento duro, aspero, amargo de um dever, ao qual não me furto, não me furtarei, porque acima de Plinio Salgado, acima de seus interesses e de seus amigos, acima de seu nome, e do juizo que delle possam fazer, está uma cousa maior, mais séria, pela qual elle sabe sacrificar-se: — a honra e a felicidade do Brasil.

Para a frente! (Diario de S. Paulo — S. Paulo — 5-4-32).

loriador do futuro não deixará de registrar; é que todas as criticas todas as tremendas polemicas que se ergueram em redor desse manifesto se expressaram sem saber bem porque, não ferindo ainda que de leve a propria superficie do notavel documento politico. E, enquanto isso se dava, os indices da cultura das diversas ideologias nacionaes se exprimiam em relação ao manifesto, quer elogiando-o, quer atacando-o, quer lhe estabelecendo restricções, com a convicção de que estavam deante de um novo ponto de vista sobre os problemas da Nação”.

De facto, Oliveira Vianna, com sua autoridade de sociologo, numa longa entrevista ao “Correio da Manhã”, consagrou-o asseverando... *“esse manifesto tem a virtude de iniciar uma obra de coordenação, pois, affirma, propõe, suggere já alguma coisa.* Tristão de Athayde tratou-o com expressões lisongeiras; Azevedo Amaral, grande jornalista e grande ensaista, considerou-o *“o mais notavel dos documentos post-revolucionarios”*; Octavio de Faria, pondo em relevo o manifesto, teceu considerações extraordinarias, em seu livro “Machiavel e o Brasil”; os marxistas cultos atacaram-no, vehementemente, porque comprehenderam o “perigo” das idéas expostas nelle. (Ver *Revista Nova* n.º 2, artigo de Astrogildo Pereira.).

A Legião não sustentou o pensamento do manifesto. Falhára. E Plinio Salgado ficou amargando sem esperanças.

* * *

Depois da desillusão que soffrera com a Legião, á qual cedera o manifesto que eschematizára em Paris, Plinio Salgado tenta alguma cousa no Rio, reunindo no Palace Hotel um grupo de intellectuaes. Nessa reunião estiveram Madeira de Freitas, Santiago Dantas, Raymundo Padilha, Antonio Galotti, Helio Vianna, Americo Lacom-

be, Augusto Frederico Schmidt, Antonio Giudice, Gilson Amado, Chermont de Miranda. A reunião redundou em fracasso. Essa reunião, entretanto, valeu como tentativa. Falhára por falta de ambiente.

Adopção de um methodo novo se impunha.

* * *

Em S. Paulo, Plinio Salgado combinou com o dr. Alfredo Egydio a fundação de um jornal, pois antes de mais nada era necessario um periodo de doutrinação.

Temos em nosso archivo, marcando esse instante, uma carta preciosa de Plinio Salgado, escripta a 18 de fevereiro de 31, dando noticias da marcha da sua Idéa ao escriptor Augusto Schmidt. Nella vemos como se prepara uma batalha. Nella sentimos toda angustia de Plinio Salgado. E a sua preocupação pela grandeza do Brasil.

Nella está a primeira directiva integralista.

Transladamos para este volume alguns fragmentos, documentando essa phase da vida de Plinio Salgado, sentindo immensamente ter de cortar pedaços que, aliás, interessam mais a determinadas pessoas do que mesmo ao fim que teem em vista os organizadores deste livro.

Eil-os:

“Schmidt,

Não tenho estado inactivo. Tenho mesmo alguma coisa a lhe contar. O meu companheiro de viagem está com o negocio quasi fechado para a compra, por algumas centenas de contos, de um matutino daqui, o qual terá de desapparecer, para dar lugar a um outro jornal. Esse nosso amigo seguiu, a serviço profissional, para a Bahia e, ao partir, declarou-me que o negocio estava fechado; e me incumbiu de fazer uma inspecção nas machinas,

o que tenho feito com technicos no assumpto. Esse jornal terá um character de nacionalismo radical. E' o que, no momento, se póde fazer.

Como V. sabe, eu preciso de um ponto de apoio. Neste instante, eu me sinto immensamente desamparado de elementos materices para qualquer acção pratica. Esse jornal será o primeiro impulso. O centro de coordenação dos LUGARES COMMUNS do pensamento conservador. (E quando digo conservador, é por me faltar uma palavra com que designe nosso movimento, que, positivamente, é tambem revolucionario, pois conservar o que temos tido, desde 89, será cahir nos mesmos erros da mentalidade liberal-democratica).

Esse jornal deve actuar de modo a dividir bem nitidamente a massa brasileira em dois campos distinctos: — o dos que pretendem subordinar o Homem á Machina; e o dos que querem subordinar a Machina ao Homem. A minha acção politica, nesse sentido, será bem forte: e isso já será um começo de organização, de affirmação de uma mentalidade que, evoluendo para uma expressão politico-social definida e efficiente, poderá ainda um dia dizer ao mundo uma palavra nova.

.....

Se conseguirmos levar o Brasil para uma affirmação politica baseada mais no coração do que no estomago, teremos desviado uma onda de materialismo que avulta, dia a dia.

Auscultando mais attentamente a alma do povo, com o fim de poder oriental-a, dirigil-a, conduzil-a, em vez de contrariar-a, cheguei á seguinte conclusão: a unanimidade (e posso usar dessa palavra, porque só exceptúo os burguezões materialistas da

nossa plutocracia) a unanimidade do nosso povo declara hoje guerra de morte ao capitalismo. O clamor é enorme; é um côro de angustias. A própria alma nacional, numa intuição profunda, parece compreender aquillo que o Tristão deixou tão meridianamente esclarecido em uma de suas conferencias: que o communismo é, apenas, um desdobramento do capitalismo.

.....

Temos, agora, de acompanhar a onda e dirigir-a num MOVIMENTO DE RETORNO ás bases moraes da formação brasileira. Assim penso, como politico. Não se trata de um machiavelismo, e sim de um methodo, do processo mais viavel para uma solução social que não póde, não deve tardar, afim de que evitemos que a Patria Brasileira seja arrastada numa onda de anarchismo e de sangue.

.....

Quero, logo que seja iniciada a minha acção jornalística, PROCLAMAR OS DIREITOS DO HOMEM. Cento e poucos annos após as declarações da Revolução Franceza, uma nova proclamação precisa erguer-se na face da Terra. Que ella parta do Brasil como um protesto, que ecoará, principalmente entre os povos meridionaes, sem hulha, sem petroleo, sem ferro, sem possibilidades para exercer um imperialismo economico, mas com enormes possibilidades de exercer uma poderosa influencia moral.

Essa affirmacção de nacionalidade é o grande ponto de contacto entre todas as correntes que não se conformam com o "materialismo historico". Acredito que ella arrastará as multidões brasileiras.

Será um passo largo e decidido no rumo ao qual deveremos chegar.

O que urge, neste instante, é uma immediata mobilização de todas as forças moraes e espirituaes do Brasil. O combate ao inimigo commum, que esse está coheso, uniforme, collocando suas pequeninas dissensões muito abaixo dos grandes interesses geraes. Se não dermos esse toque de reunir, seremos esmagados. Ficaremos como aquelle general Tamarindo, que o Euclides estampa numa pagina dos "Sertões", sentado sobre um tambor, tamborilando com os dedos, a dizer: "em tempo de Muricy, cada um cuide de si"; e a onda dos jagunços veio, liquidou com a sua tropa, e o velho general lá ficou como um espantalho, pendurado numa arvore...

Não estamos num concilio: estamos numa batalha. Nossa campanha inicial se define: com Deus, e contra Deus. São os dois campos. Basta, no momento. Para o grande arranco.

.....

Quanto á sua acção ahí, deve ser a de ir tomando nota de todos os que estão de accordo com estas idéas e dispostos a uma luta em todos os terrenos. Mas V. irá expondo por partes, até chegar á absoluta confiança quando tiver de dizer até que ponto poderemos chegar, nesse movimento. E' preciso muito cuidado.

.....

E' o que lhe digo: sinto-me muito pequenino e muito humilde; acabrunhantes são os meus soffrimentos pessoaes; difficuldades de toda a sorte e

guerras surdas contra mim; entretanto, sinto que posso fazer alguma coisa, e quero fazer.

Quero.

E essa palavra não deverá ser a palavra inflexível, a tenacidade, a intelligencia das direcções, dos avanços, dos recuos, da conquista, palmo a palmo, para uma projecção final definitiva?

Querer, para nós, não deve ser apenas grilar que queremos. Mas caminhar, ainda que em silencio, querer possivelmente, mas querer.

Não nos preocupemos, no momento, com um chefe. Este, deve surgir DO MOVIMENTO e não PARA O MOVIMENTO. Elle surgirá no meio da nossa batalha, por uma fatalidade de centralização de confiança e de esperanças. Será um ponto de intersecção. Nós todos que vamos dirigir esta campanha, seremos simples soldados. Nosso commando é o nosso ideal commum. Nossa força é nossa união de vistas. Pessoalmente, que valemos nós? O homem só vale em função de Alguma Coisa superior á miseria e á dor terrenas. Nesse caso, o homem tudo supera.

Seja a nossa palavra, a nossa senha, a nossa saudação, entre os arranha-céus niveladores e as fabricas proletarizantes, isto, que é tudo, para a nova civilização e para um mundo novo: — O Homem vale mais do que a Machina.

Um abraço cordial do

(a) PLINIO"

São Paulo, 18 — 2 — 1931.

* * *

O jornal "A Razão" marca o inicio da nossa Revolução. Ahi, Plinio Salgado trabalha 14, 15 horas anonimamente...

Depois de alguns mezes fundou a "Sociedade de Estudos Politicos". (7).

A acta da terceira sessão da Sociedade de Estudos Politicos, correspondente á sessão de 6 de maio de 1932, contem este trecho:

(7) "A Sociedade de Estudos Politicos fundou-se definitivamente em S. Paulo no dia 12 de março de 1932, data em que se realizou a segunda reunião, tendo sido a primeira no dia 24 de fevereiro.

Assumindo a presidencia dos trabalhos, o sr. Plinio Salgado leu uma longa exposição, terminando pelo resumo do pensamento politico que serve de ponto de partida para um entendimento geral entre os socios e orientação de seus estudos e propaganda. Esses principios basicos, que foram por todos approvados, são os seguintes:

OS PRINCIPIOS FUNDAMENTAES

- Somos pela unidade da Nação.
- Somos pela expressão de todas as suas forças productoras no Estado.
- Somos pela implantação do principio da autoridade, desde que elle traduza forças reaes e directas dos agentes da produção material, intellectual e da expressão moral do nosso povo.
- Somos pela consulta das tradições historicas e das circumstancias geographicas, climatericas e economicas que distinguem nosso paiz.
- Somos por um programma de coordenação de todas as classes productoras.
- Somos por um ideal de justiça humana, que realize o maximo de aproveitamento dos meios de produção, em beneficio de todos, sem attentar contra o principio da propriedade, ferido tanto pelo socialismo, como pelo democratismo, nas expansões que aquelle dá á collectividade e este ao individuo.
- Somos contrarios a toda a tyrannia exercida pelo Estado contra o Individuo e as suas projecções moraes; somos contra a tyrannia dos Individuos contra a acção do Estado e os superiores interesses da Nação.
- Somos contrarios a todas as doutrinas que pretendem crear privilegios de raças, de classes, de individuos, grupos financeiros ou partidarios, mantenedores de oligarchias economicas ou politicas.
- Somos pela affirmação do pensamento politico brasileiro baseado nas realidades da terra, nas circumstancias do mundo contemporaneo, nas superiores finalidades do Homem e no aproveitamento das conquistas scientificas e technicas do nosso seculo".

(Ext. da acta de 12/3/32).

“Expondo em rapidas palavras a grave situação que o paiz atravessa, o sr. presidente propoz que se organisasse, subordinada e parallelá á Sep, uma campanha de acção pratica, no sentido de se infiltrar em todas as classes sociaes o programma politico da Sep, decorrente de seus principios fundamentaes. Essa campanha seria denominada “Acção Integralista Brasileira”. Essa proposta foi unanimemente approvada”.

Começou, então, Plinio Salgado aliciar gente nova. Estava farto da Velha e da Nova Republica. Todos o haviam trahido. Lutaria, doravante, sozinho.

Semeou a idéa na Faculdade de Direito com a conferencia “*A Quarta Humanidade*”.

Conquistou quatro rapazes.

Depois foram 12, e a algum tempo depois 40 e poucos.

A “*A Razão*” estava acima dos partidos e dos governos. Era a sua bigorna, que malhava para chamar os moços de todo o Brasil.

Nessa occasião começou a escrever o “*Cavalleiro de Itararé*”.

* * *

Plinio Salgado estava, agora, livre completamente do Passado.

* * *

... novas amarguras! Que terrivel crime amar a Patria!

A sua tribuna foi destruida: empastelaram a “*A Razão*”.

Novo desastre o aguardava. O manifesto do Integralismo já estava prompto para ser publicado. Existiam 148 integralistas na capital paulista e muitos no interior do Estado.

Mas... estoura a revolução paulista.

Que dias terríveis passou Plinio Salgado! Em doutrina, não podia aprovar uma revolução igual á de 1930, que condemnara. O caracter liberal-democratico do movimento de 32 era o mesmo de 30. E quem foi contra a Alliança Liberal tinha de ser contra essa revolução que trazia pela frente o mesmíssimo João Neves.

Mas S. Paulo inteiro se levantara. O grupo integralista soffria com Plinio Salgado.

Entre necessidades e dores moraes atravessou Plinio Salgado os trez mezes da revolução dormindo de dia e escrevendo á noite "*O Cavalleiro de Itararé*".

Antes de finda a revolução o livro estava terminado. Era o grito de alarma e de batalha.

* * *

Depois desse periodo anormal — em 7 de outubro — o manifesto integralista foi publicado.

E Plinio Salgado, sem querer, é empurrado á frente do Sigma, como Chefe Nacional.

Com sua palavra apostolar e capacidade de sacrificio e renuncia conseguiu levantar as forças moraes do paiz. (8)-(8-a)

(8) "Hel de levantar a legião luminosa, de espirito virgem como as florestas. Novas Bandeiras, que fixarão os limites moraes do paiz..." ("*O Estrangeiro*").

(8-a) "Quanto ao exito da nossa campanha, estamos convencidos de que será fatal, e não temos nem desanimo, nem soffreguidão.

A obra é grande, exige tenacidade, espirito de sacrificio e abnegação. Sabemos que não devemos abdicar dos direitos de uma geração pelo prato

Hoje é um homem marchando para o triumpho pelo bem do Brasil.

Mas *"todo triumpho é feito de renuncias e estrangulamentos ignorados"*. (9), (10).

de lentilhas de vantagens transitorias. Dizemos claramente ao paiz o que queremos e affirmamos que nada deterá esta marcha porque é uma arrancada da mocidade de uma Patria que deverá ser grande e forte". (De uma entrevista (1933) de Plinio Salgado a A Nação).

(9) "O Estrangeiro" — 1926 — Plinio Salgado.

(10) Os depoimentos de Ribeiro Couto, Augusto F. Schmith, Jehovah Motta, Virginio Santa Rosa, Almeida Magalhães e outros, que estão na II parte deste volume, esclarecem pontos que nesta parte, apenas conseguimos tangenciar. Agora, quem desejar maiores esclarecimentos, aconselhamos ler os prefacios dos livros de Plinio Salgado *Despertemos a Nação* e *O que é o Integralismo* (3.^a ou 4.^a edições).

ADDENDO (11)

O sr. Plinio Salgado, Chefe Nacional do Integralismo, actualmente é o homem mais focalizado do Brasil. Essa verdade, em que pése ao despeito de muita gente, é irresistível. Embora, antes de vibrar o manifesto de outubro que retesou os nervos de milhares de brasileiros, tivesse, como sociologo, como jornalista de combate, como literato e escriptor os seus meritos proprios, os maioraes do Brasil não o conheciam, occupados com o temeroso exercicio da introspecção e os fundamentos de um egoismo de fina raça — como estavam e como sempre viveram.

Logo que sahiu em S. Paulo com os seus primeiros milicianos, quarenta brasileiros que ostentaram a Camisa Verde, afrontando a chufa dos basbaques, a zombaria dos nescios, a incomprehensão dos indifferentes, os jornaes — certos jornaes — pretenderam ridicularizar o grande movimento que surgia. (12).

Mas o sr. Plinio Salgado e os seus milicianos fecharam ouvidos á fuzilaria dos adjectivos graciosos. Tinham um objectivo e um rumo, tinham uma direcção, cousa estupefaciente numa sociedade constituida de inquietos e motejadores.

(11) Achamos opportuno deixar o artigo "A grande hora do Brasil" de Hello Fontes em additamento ao que ficou eschematizado nesta I parte.

(12) "Dizem que vamos fazer a marcha sobre o Anhangabahú... Essas imbecis ironias nunca faltaram no nascimento de todos os grandes movimentos que foram á victoria. Mas eu affirmo que os camisas-verdes farão a sua marcha um dia e esse não estará longe. A marcha será implacavel e entusiasta porque é com entusiasmo que se levantam os povos que não querem apodrecer na politicalha e morrer de miseria moral". (2 maio 933 — Plinio Salgado — Nota dos organizadores).

Desde então elle começou a apparecer nas primeiras paginas dos jornaes, dos maiores periodicos brasileiros. As noticias traziam quasi sempre um travo de ironia.

Surgiram os appellidos deprimentes, as assacadilhas á reputação do Chefe. Os politicos e apolíticos riam do visionario. Nem mesmo o tinham como um adversario. Habitados á geração espontanea dos partidos, de vida ephemera, e cujo principal objectivo era a satisfação dos seus proceres, de aspirações superiores, continuaram saboreando as noticias perversas sobre os “gallinhas-verdes”, “a peste-verde”, os subvencionados por Mussolini, Hitler e Pio XI.

E a idéa foi dominando consciencias, principalmente a juventude, e os homens de alma nova, libertos do accidente dos crepusculos nevoentos.

Appareceram jornaes, revistas. (13). A propaganda tomou um impulso extraordinario. Vieram as eleições, e os “gallinhas-verdes” metteram alguns “gallos” nas Camaras Legislativas de alguns Estados.

Ahi os politicos e apolíticos coçaram a cabeça e, pela primeira vez, examinaram, com certa gravidade o temeroso phenomeno.

Então a carga contra o Integralismo recrudesceu. Crearam a Lei de Segurança para suffocar a sua expansão. Mas o Chefe, dando um “golpe anatomico no futuro” previra o despauterio. E no memoravel Congresso de Petropolis, antes que a Lei de encomenda entrasse em vigor, substituiu a garbosa Milicia Verde que apavorava os politicos pelas legiões esportivas que os apavoram ainda mais.

(13) Hoje A. I. B. possui mais de cento e cinquenta semanarios, oito diarios e varias revistas mensaes como “Anauê” e “Panorama”, esta de altos estudos. (Nota dos organizadores).

Os deputados communistas — Velascos, Venturas, *et cetera* — sentiram o perigo do alcaloide. Em companhia de summos sacerdotes, Rabinos e quejandos, prepararam elementos para uma offensiva solerte encabeçada por meia duzia de cavalheiros de industria, que industriavam cavalheiros, serviçaes do opportunismo...

Já então os jornaes, através de commentarios mentirosos, cerraram de outro lado uma outra offensiva contra os "gallinhas-verdes".

Os polvos que, ha muito tempo sugam o sangue miseravel do Brasil, com o apparecimento do libello "*Brasil — Colonia de Banqueiros*", de Gustavo Barroso, tiveram a visão do perigo. O sangue do Brasil era um sôro réles, mas havia ainda alguma hemoglobina. Arregimentaram-se. Estudaram a maneira de acabar com o perigo do Integralismo. Nos conciliabulos havidos entre elles e pessoas gradas concertaram cousas arrepiantes...

Emquanto isso, os soldados do Sigma justificavam o conselho biblico... E a multiplicação era um facto. Surgiu o caso da Tombola da Cruz Vermelha de S. Paulo.

Foi uma alegria entre elles. Individuos com um passado de agua-suja clamavam contra o *facto da Tombola*. Politicos de vida confusa, idem. Alguns estudantes, humidos de mediocridade, idem, e sobretudo, *deshonestissimos*... Subitamente a *Justiça fez justiça: Plinio Salgado é innocente*. Os que se agarravam a esse recurso para *reduzirem* a personalidade do Chefe ficaram desapontados.

Os politicos apavorados tomam medidas de repressão ao avanço do Integralismo. Indignadissimos. Por varios motivos, e facilmente classificaveis.

Primeiro: a hypothese da perda total das posições e seus favores. Depois: a visão de um regimen onde os medalhões se azinhavram sem cotação no mercado so-

cial e politico. E mais: uma Era de Trabalho com a selecção de valores moraes, intellectuaes e technicos. As classes bloqueadas ao classico manejo do coronelismo, ás cotações de eleitores, ao canto-de-sereia dos cabos-eleitoraes. A “canalha-da-rua”, com uma consciencia, liberta do tabú dos “Chefes Politicos”.

E conjecturaram: em quarenta e tantos annos de Republica, nas peias do liberalismo nada construimos que tivesse um sentido de perpetuidade e de grandeza para a patria. Na engrenagem dos partidos, não carecemos de intelligencia para o funcionamento do seu machinismo.

Os chefes de vida ephemera passavam como meteóros e eram por outros sobrepujados no processo das machinações. Tinham um character transitorio como transitorios eram os seus programmas.

Seguiam o mesmo curso dos astros cinematographicos. Os que se recolhiam aos bastidores da vida politica alli ficavam ruminando velhas saudades no inutil de horas vagas. E o destino é uniforme para com todos.

Ora, o sr. Plinio Salgado violentou a Historia. Cresceu, subiu, atravessou as fronteiras do Brasil, vive no ambito internacional numa singular expectativa. Os politicos brasileiros teem razão de ficar damnados.

Lá fóra nunca appareceram. Um governador de Estado septentrional pouco liga, como o povo, a um seu collega de Estado meridional. Especialmente o povo. Só as altas autoridades federaes teem uma atmospherá nacional.

Isso é compungente. Ora, se isso acontece com os politicos do paiz o que não acontecerá com os intellectuaes, por exemplo, cujo circulo é pequeno, o raio de acção logicamente curto?

— O sr. Plinio! Isso em trez annos. Nós, um tempo, e amargando no anonymato. Que absurdo! Precisamos reagir. E' imprescindivel. E' inadiavel.

E reagem calumniando o Homem e os seus soldados, que eram hontem 40 e são hoje mais de 1.000.000! Perseguido-os. Matando-os, até. Mentindo. Bancando os messias, os thaumaturgos que enxergam numa bola de vidro, o futuro das cousas.

Jornaes que usam pouco do escrupulo — o homenzinho que faz a noticia goza o effeito e sente que está *liquidando* o Integralismo — refundem noticias, adulterando-as e servem ao publico *generos falsificados*. O publico ingenuo ingere o "*bluff*" com satisfação. Depois a verdade vem desmoralizar as noticias mentirosas... E o sr. Plinio Salgado, cada vez mais, se firma na Historia.

O Integralismo que os coitados dos delegadinhos do interior pretendem suffocar, traça o destino do liberalismo com a fatalidade de sua marcha. Os delegadinhos — pessimas autoridades, com uma profunda visão socio-philosophica da vida — empregam os unicos recursos de que dispõem para impedir a marcha do Integralismo: a violencia, a pancadaria. Julgam que o Integralismo é só aquillo alli, um punhado de heroicos brasileiros sertanejos. Esquecem que a idéa prolifera nas forças armadas, nos grandes centros, nas grandes massas humanas, com visão superior á visão dos delegadinhos.

Mas dizem: elles cumprem ordens. E *ordes são ordes!*

Os delegadinhos e outras autoridadezinhas. Ambição. Sonho de posição. Os sonhos, em politica, teem as suas categorias.

Um ministro de Estado, um governador de algum Estado notavel sonha com a presidencia da Republica.

Um advogado, ou medico, ou engenheiro, com certa popularidade, sonha com uma cadeira de deputado.

Um bisonho "coronel" no interior sonha com uma prefeitura. Sonhos... Ha outros, somenos, mas que compensam: sinecuras, etc. e tal...

Nesse caso é logico que um delegadozinho, quando militar de carreira, espere uma promoção. Os civis esperam *prestigio* politico-eleitoral. Pontos de vista, imperativos da vida. E' tudo.

E o Integralismo, á margem das leis de emergencia, dentro da Constituição, que vae reformar com os proprios recursos que ella permite, caminha, cresce, toma vulto, enche o Brasil de extremo a extremo e enche de terror os politicos e apoliticos que vivem do erario publico e dos negocios excusos. E os jornalistas sem escrúpulos e sem dinheiro que constróem com o dinheiro do povo arranha-céu para as suas emprêsas o fundam consorcios mercenarios da crapulice com a semvergonhice para maior rendimento dos seus negocios, afundando a mão no thesouro dos Estados exauridos pelas sangrias que já não supportam, para estenderem a rêde dos seus jornaes pelo paiz inteiro e, com a rêde dos seus jornaes, as antenas das estações irradiadoras de patranhas...

Se ha uma cousa logica, explicavel, natural, neste mundo, é o odio que votam ao Integralismo os politicos de todas as côres, os donos de grupos de jornaes e agencias telegraphicas, os negociastas de altobordo, os profissionais que falharam nas profissões, as raposas politicas das cidades do interior, as legiões de desfibrados e inuteis que perambulam nas grandes metropoles e nos pequenos povoados, servindo de instrumentos cegos e inconscientes aos exploradores da baixa politica, a troco de mesquinhos favores e miseraveis empregos que representam toda a sua aspiração na vida... E' odio natural. Odio comprehensivel. Odio que resulta directo do mêdo,

panico da grande hora que sentem proxima em que todos — todos, sem excepção — serão chamados á prestação de contas que a Nação está exigindo.

E se é logico esse odio, é tambem muito natural que esteja sempre em foco, crescendo mais á medida que é mais atassalhado, o Homem que realizou o milagre de despertar a Nação para o dominio de si mesma contra o dominio dos seus aviltadores. E' natural da mesma sorte, muito natural, a guerra desesperada que se está movendo contra ella propria — a Nação — que vae marchando, serena, firme, decidida — formidavel mole compressora — para esmagar, para aniquilar, para extinguir toda a casta ignobil dos inimigos da Patria, dos politicos profissionais, jornalistas mercenarios, dos ladrões do erario, dos burguezes gozadores, toda a immensa legião dos falhados, dos vencidos, dos invertebrados, dos indifferentes, dos indignos.

Tudo isso é logico. Tudo isso é natural, Apenas tudo isso é inutil.

A Grande Hora do Brasil chegará !

**Digitalizado por:
Integralismo em
Goiás!**

GO - 23/02/2019

II PARTE

Depoimentos

A voz do Limbo

TASSO DA SILVEIRA

TASSO DA SILVEIRA nasceu em Curityba, Provincia do Paraná, a 11 de Março de 1895.

Publicou:

POESIA — Fio d'agua, 1918; A Alma Heroica dos Homens, 1924; Alegorias do homem novo, 1926; As imagens accesas, 1928; Cantico do Christo no Corcovado, 1931 e 1933; Discurso ao povo infiel, 1933; Descoberta da vida, poemas escolhidos, 1936.

ENSAIOS — Romain Rolland, 1919; A Igreja silenciosa, 1922; Alegria creadora, 1928; Definição do modernismo brasileiro, 1931; Tendencias do pensamento contemporaneo, 1935.

Traducção:

Uma Nova Idade Media — Berdiaeff.

A sahir:

O canto absoluto — poemas; O sagrado esforço do homem — anthologia; Philosophia do Novecentos de Ruggiero; A tragedia da alma brasileira — livro integralista.

Difficil definir Plinio Salgado, — o Plinio Salgado deste instante, poeta, romancista, philosopho, doutrinario politico, conductor de homens. Difficil, por estarmos no Brasil, onde poucos teem o sentimento da medida e, sobretudo, da nuance expressional, coisas tão necessarias para delimitarmos com precisão qualquer realidade, nesta hora complexissima do espirito. No Brasil, a restricção minima é negação absoluta. A menor flexão no elogio, motivo de magua e irritação. E com Plinio Salgado, em razão mesmo do que nos apresenta de insolito e de novo, a analyse tem de proceder por avanços e recuos, por approximações successivas, sem nunca perder de vista a totalidade das circumstancias, para que se lhe não imponha, de surpresa, um ponto de vista falso.

Aproveito a oportunidade do apparecimento de dois livros novos de Plinio: *O Soffrimento Universal e A Quarta Humanidade*, (1) para fixar alguns traços dessa definição. Com o exordio feito, creio que poderei expressar-me desprevenidamente.

* * *

(1) Estes livros já estão na 3.^a ed. (*Nota dos organizadores*).

Acontece, porém, o seguinte: de um lado, esta rápida ascensão á intelligencia não deu tempo, para nosso bem, a que nos desprendessemos do tumulto das energias elementares. E estas se fazem presentes em nossas affirmações intellectuaes como um substratum de fervor incontido e põem em nossas palavras rythmos marcados, de profunda efficacia expressional. De outro lado, desprovidos de “habitus” millenarios, desarmados das experiencias e das technicas indispensaveis, vemo-nos, nesse campo immenso, na contingencia de um esforço doloroso de complementação, de dominação, de integração.

Dahi resulta a *gaucherie*, o desequilibrio com que nos apresentamos nessa esphera, deixando visiveis as preparações desageitadas, as passadas incertas com que vamos transpondo, ás pressas, distancias inverosimeis.

De tudo isto é eminentemente expressiva a obra de Plinio Salgado. A’ pressão das circumstancias universaes, que não permitem demorar na simples effusão lyrica em materia de descobrimento do destino dos povos, o poeta não poudes permanecer longamente na invocação commovida ao espirito da terra, ao sentido do passado, ás sombras ancestraes, que deu as grandes paginas lyricas de *O Esperado*, de *O Cavalleiro de Itararé*, de *A voz do Oeste*. Sentiu-se sollicitado para a consideração objectiva das reali-

dades historicas, economicas e politicas. E tendo, a uma tensão formidavel do espirito, percebido a ligação transcendente da economia e da politica com as altas regiões do mundo metaphysico, avançou fronteiras a dentro da philosophia, em busca do fundamento necessario á sua construcção audaciosa.

* * *

E' preciso dizer-se que, mesmo no Brasil, a realidade espiritual é por demais complexa para que possa ser delimitada num exemplo. O Brasil offerece outras genuinas expressões de sua actividade de espirito e intelligencia, difficeis de enquadrar num esquema rigido. Lembro, de proposito, o caso de Barreto Filho, no dominio do pensamento metaphysico, o de Tristão de Athayde e Pontes de Miranda, no terreno da especulação sociologico-juridico-politica, e o de Andrade Muricy, no ambito da esthesia pura. Abro o parenthesis exactamente para auxiliar-me na definição de Plinio Salgado. Em Barreto Filho, temos um phenomeno expressional singularissimo. Falava, ha pouco, de nossa incapacidade de expressão technica em materia de philosophia, e da ausencia, em nós, do *habitus* metaphysico, o que tão ardua nos faz a caminhada através do pensamento transcendente. Em Barreto Filho, o que

encontramos é justamente um formal desmentido a essa deficiência. O adolescente admirável ainda não pode, sequer, por exiguidade de tempo, escolher no arsenal alheio as traves definitivas de uma concepção do mundo. Mas veio quasi da infancia com uma tão limpida, espontanea e preciosa capacidade de expressão metaphysica que se diria curioso phenomeno de herança atavica por processos ainda desconhecidos da sciencia. A materia propriamente philosophica sáe-lhe expressa em puros crystaes conceituaes, rigidos e fulgurantes como os de um mestre europeu. Mas a propria materia artistica, o proprio talhe das imagens e das evocações sensoriaes, elle as trabalha com a “ponta d’aço” do buril metaphysico. Nesse documento unico de nossa novellistica que é o *Sob o olhar malicioso dos tropicos*, as coisas concretas, as physionomias individuaes, os ambientes particulares de um momento certo da vida, transpõem subtilmente a esphera propria das imagens e se enchem de significação abstracta, como se tivessem conseguido invadir, por uma falha do mechanismo profundo do conhecimento, a região do conceito puro, sem se despirem, comtudo, do seu denso revestimento material.

* * *

Pontes de Miranda, phenomeno differente. O insigne jurista moço, que trouxe do berço o dom

da harmoniosa expressão de linhas classicas (veja-se a *Sabedoria dos Instinctos* e *O Sabio e o artista*), adquiriu, ao contacto da sciencia allemã, e tambem do mathematismo absorvente que lhe orienta a mentalidade, o estylo difficil que torna excessivamente trabalhoso o accesso ás suas obras de maior vulto. Ha, nesse estylo, muito de facticio, e isto, em Pontes de Miranda, tem um sentido fundamental: o accento predominante no doutrinario da *Sciencia Positiva do Direito* é uma força surprehendente de auto-determinação volitiva. Pontes de Miranda é o realizador mais intímorato que o Brasil intellectual algum dia produziu. A elle lhe sobeja, mas de maneira impressionante, o que ao brasileiro em geral mais tem faltado: a força de vontade. Pontes de Miranda vem conscientemente determinando, desde a adolescencia, o seu destino individual no mundo da intelligencia. Traçou um programma de perfeição a seu modo, — aliás, programma complexissimo e com faces profundas, — e o vem cumprindo á risca. Impoz-se, porque assim audaciosamente resolvera, não apenas ao Brasil, mas aos mais graves centros europeus de labor scientifico-juridico. E impoz-se a si mesmo um dever de perfectibilidade total em todos os sectores de sua realidade propria, do qual jamais recuou. Para que se tivesse uma comprehensão perfeita do que venho dizendo, fôra mister que trabalhasse

um volume inteiro “descrevendo” Pontes de Miranda na sua actividade de cada dia, nos momentos innumeraveis de sua meditação, de sua acção, de suas realizações, como jurista, como homem de cultura, como agitador de idéas, como homem simplesmente humano.

Esta energia extrema de auto-determinação e de operosidade é que constitue phenomeno expressivo e notavel no Brasil. Ao lado disto, ha o “pensamento” de Pontes de Miranda, de faces excessivamente numerosas para que possamos caracterizal-o numa phrase. A columna mestra desse pensamento é, sem duvida, um materialismo positivista, com derivações, no dominio sociologico-politico, para as doutrinas libertarias, que de maneira nenhuma poderiamos acceitar. Mas se lhe escapam, muitas vezes, nexos profundos da realidade viva — porque lhe falta a visão total do mundo pela exclusão do espirito como realidade differente — seria cegueira ou má fé negar-se-lhe uma percuciencia invulgar na penetração do complexo phenomenico da vida. Esta é, porém, outra face da questão.

* * *

Tristão de Athayde, ainda outro phenomeno differente. Um prodigioso assimilador e, a mais disso, um classificador, um coordenador, um

eschematizador. Na obra anterior á sua conversão, essa maneira de ser produziu as claras synthèses das diversas doutrinas alheias que enxameiam nos seus escriptos, assim como as interessantes tentativas de systematização das nossas manifestações intellectuaes. A razão profunda do facto está em que Tristão de Athayde é, intrinsicamente, um naturalista, em dois sentidos diversos do vocabulo. No sentido da intelligencia inclinada, por indole, á consideração objectiva das coisas e ao impulso de distribuil-as por grupos e categorias conforme suas relações de similitude. E no sentido philosophico-literario que tomou a palavra em relação ao movimento esthetico da França de Flaubert e Maupassant e do Brasil de Machado de Assis e Aluisio Azevedo. Por ahi se explicam as suas virtudes e deficiencias. Foi por sua incoercivel tendencia naturalista em materia literaria que lhe escapou o sentido transcendente do symbolismo brasileiro. Foi ainda por este motivo que, já nas vespas da sua total — e fulgurante — conversão á Igreja de Jesus, elle poudé dar o apoio do seu prestigio a expressões de arte que eram, visivelmente para outros, um rumo franco de dissolução moral e espirital. Mas foi pela segurança extrema do seu lucido senso de classificador de realidades, que a conversão á Igreja unificou, aprofundou, illuminou, que elle se poudé fazer o lider incontesté do

joven pensamento catholico brasileiro, e um dos fundamentos mais solidos da confiança com que vamos trabalhando pela organização do Brasil.

* * *

Andrade Muricy, ainda outro phenomeno differente. No autor de *A festa inquieta* e de *A nova literatura brasileira* ha duas faces primordiales: a do escriptor, de raça nova, que levou a prosa brasileira a uma pureza formal e a uma riqueza de rythmos e sonoridades, raras vezes attingidos aqui; e a do critico de valores do espirito, de percuciencia incomparavel em toda a nossa historia literaria.

A prosa de Andrade Muricy tem as flexões orchestraes, as rapidas e marcadas cadencias, os rijos accentos crystallinos de um bailado néo-classico de Strawinsky. Tendo attingido o mais puro e sereno equilibrio, não se confunde, todavia, com o que, no mesmo sentido, obteve em nosso tempo Ronald de Carvalho e obtivera antes Joaquim Nabuco. E tendo alcançado uma extraordinaria e multiplice liberdade de movimentos, não se confunde, comtudo, com o que, na mesma direcção, veem realizando Agripino Grieco e Gilberto Amado.

Na sua perfeita linha de harmonia expressional, Ronald é um representativo, entre nós, da tradição estylistica renaneana, de que procedera,

igualmente, Joaquim Nabuco, e a que o cantor de *Toda a America* accrescentou estremecimentos tropicaes.

Em Agripino Grieco a fôrma é uma chamma lasciva agitando-se aos ventos da paixão e do espirito, ardente, mas impossibilitada, quasi sempre, pela sua inquieta volubilidade, de fazer destacarem-se na sombra os contornos das coisas. O que encontramos em Gilberto Amado é, em geral, uma eloquencia sabiamente construida, e a que não offerece fundamentos seguros a ideologia incerta e fluctuante do escriptor.

Em Andrade Muricy ha um espirito que, desembaraçado de todo pendor consciente de pensamento systematico, mas apoiado em substructura moral de inquebrantavel resistencia, se fixa livremente numa lucida contemplação de cada coisa, fruindo-lhe voluptuosamente a realidade inteira pelo facto de poder isolal-a, de tudo mais no momento em que a contempla. Dahi lhe nascem, num estylo preciso e multiplo, a um só tempo, e cheio de movimentos essenciaes, as definições em que o senso da justeza e do sabor do descobrimento são uma verdadeira ebriez. Tal faculdade fez de Andrade Muricy, mais do que o evocador prestigioso de aspectos naturaes e humanos dos seus romances e novellas (*Festa inquieta*, limpida realização de belleza formal, não revela, comtudo,

facetas outras que ha nos seus livros inéditos de ficção), o critico literario mais completo, penetrante e profundo que o Brasil produziu até hoje, senão no sentido lato dos vocabulos, pelo menos no sentido de definidor sem par de physionomias de livros e de autores.

★ ★ ★

Em face de expressões taes e tão diversas do nosso espirito e que, na sua singularidade respectiva, representam aquisições definitivas, indices do que poderemos vir a ser quando em nós se houverem fundido as energias raciaes em luta, Plinio Salgado me apparece justamente como uma intelligencia ainda presa ao limbo que somos neste instante, integrada nelle e, a um só tempo, constituindo-lhe a expressão.

Percebe-se a differença que estabeleço. Pontes de Miranda, Muricy, Tristão de Athayde, Barreto Filho, por haverem attingido, num ou noutro sector do espirito, um ponto extremo de crystallização, fizeram-se expressões *separadas*, emquanto a massa enorme continua fermentando. Plinio Salgado é essa propria massa, é o limbo de que falei, e que nelle adquire consciencia de si mesmo. Por isso, como dizia de começo, a sua voz vem cheia de pulsação tellurica de suas fundas origens. E é elle um poeta, antes de tudo, um aédo, se quizerem, não tão completamente, mas um pouco á

maneira de Whitman em relação á tumultuosa realidade *yankee*.

* * *

O esforço de pensamento construído e constructivo de que estes dois livros de agora, como outros de Plinio Salgado, nos dão prova, não prejudica o esboço. Ainda nesse esforço, Plinio Salgado é plenamente a expressão profunda que venho tentando caracterizar. Elle expõe conceitos metaphysicos e politicos, ou de modernissima economia, porém em bruscos arrancos, em syntheses velozes, cuja sequencia logica como que lhe escapa muitas vezes. As suas grandes affirmações, as suas certezas definitivas de triumphos vindouros ficam quasi sempre desamparadas de qualquer outro fundo alicerce que não seja o seu proprio fervor enthusiastico de apostolo e poeta.

No capitulo: “O outro lado de Deus”, de *O soffrimento universal*, não obstante as suas incisivas contradictas a Hegel, dir-se-ia estarmos em presença de um hegeliano orthodoxo. Em quasi todo esse livro, o seu estylo adquire o tom sublime das paginas menos significativas de Hello, — daquellas em que, julgando “raciocinar” o mundo, Hello jogava apenas com os dados absolutos da sua forte crença religiosa. Em *A quarta humanidade*, ha mais profunda serenidade reflexiva. E ha tambem mais claridade de raciocinio. Mas, no

conjuncto, o phenomeno continua, — o curioso e empolgante phenomeno “pliniesco”. Ainda aqui *verbi-gratia*, os autores citados revelam significativa improvisação cultural. Fierens-Gevaert emparelha com Pythagoras, e Oliveira Martins com Maurras. Ao lado disso, porém, *as adivinhações surprehenderes, os lucidos lampejos de uma intelligencia que se descobre a si mesma*. E o metal novo, recémfundido, dos pensamentos que já condensaram, ou das imagens essenciaes, boiando na ignea massa effervescente. Na massa effervescente do verbo indisciplinado com que, pelo órgão do poeta, a alma hesitante do brasileiro, ainda tonta do somno plasmico, procura envolver a immensa e extensa realidade desta vida.

* * *

Plinio Salgado formulou, no emtanto, uma doutrina politica. Não quero, nem posso entrar aqui na apreciação dessa doutrina em si mesma. O que me importa é outra coisa. A acção politica, intellectual e moral do joven conductor integralista offerece, porventura, possibilidades de efficaia plena no Brasil? Isto é: podemos esperar do movimento que Plinio Salgado desencadeou e dirige como chefe supremo um resultado effectivo de renovação brasileira?

Direi agora meu pensamento central sobre Plinio Salgado. Sinto que o lider integralista po-

derá vir a cumprir o seu audacioso designio. E não apenas isto. Poderá vir a cumpril-o, justamente por ser como é. Os “separados”, aquelles que por uma completação antecipada do seu psychismo racial, attingiram a um equilibrio que deixou de ser expressivo da realidade *presente* para tornar-se puro indice do futuro, perderam contacto com a massa ebuliente, não canalizam mais a sua secreta pulsação subterranea. E, inversamente, não conseguirão transmittir-lhe, com a força necessaria de efficacia, o impulso de acção creadora para movel-a em seu sentido.

Mas Plinio Salgado não cortou as communições profundas. Não se desgarrou do limbo genesiaco. Agita-se em ansia de liberdade no seio fermentante, e traz para os grandes ares da expressão os rythmos surdos desse limbo. *Esse o segredo do exito, já notavel a esta hora, da sua iniciativa pessoal, no paiz em que todo desejo de renovação morre no nascedouro ao sôpro do sceptico desalento nacional.*

A personalidade de Plinio Salgado

VIRGINIO SANTA ROSA

VIRGINIO SANTA ROSA nasceu na provincia do Pará. Publicista notavel, já publicou varios ensaios como "*Desordem*", "*Sentido do Tenentismo*" e "*Paizagem do Brasil*".

Escreveu em agosto de 1933 o artigo "*Personalidade de Plinio Salgado*", ferindo pontos que precisavam ser esclarecidos. A sua voz tem, sem duvida, o valor de uma antecipação para o Chefe do Integralismo. Em 1936 completou o seu estudo a pedido nosso.

Surgiu esse nome para as élites brasileiras com a publicação do romance "*O Estrangeiro*". Estava no auge o movimento modernista, nascido em S. Paulo, que havia de quebrar os moldes das velhissimas formulas literarias e insuflar maior vida e originalidade na nossa existencia cultural. Uma rapaziada sadia, buliçosa, manejando a penna com a agilidade de um espirito irreverente, alfinetou os pagés decrepitos e offereceu ao publico as alviçaras de um nacionalismo forte, generoso, cheio de seiva. Os conservadores sorriam daquela pequenina arvore que surdia com tanto viço e, alardeiando scepticismo, exigiam logo os frutos, antes de completado o crescimento. Foi justamente nesse momento, quando se reclamava uma realização do movimento futurista, que se publicou "*O Estrangeiro*". Elle appareceu como uma obra de vida, uma pintura exactissima de todas as camadas da população paulistana, e foi saudado como a mais séria publicação do anno. Era o romance da formação social, do esforço de ab-

sorpção das correntes immigratorias pela patria brasileira, o poema da infiltração das raças e do entre-choque de sentimentos e mentalidades diversas. Morria o espirito romantico do seculo XIX, corporificado na resistencia e no saudosismo das velhas populações indigenas e nascia na alma dos paulistas a ansia industrial deste seculo, o espirito pratico, a fome de iniciativas e riquezas.

Já nessa obra, na estupenda evocação da formação paulistana com o desenho de todos os typos e caracteres de uma sociedade complexa, Plinio Salgado revelava-se um romancista completo. Vinha para a vida intellectual com todas as suas armas de acção e combate, as mesmas que havia de conduzir mais tarde pela vida fóra. Mostrara-se um romancista interessantissimo, *doublé* de sociologo, ebrio de nacionalismo, enamorado das possibilidades do paiz e atormentado pelos erros dos nossos dirigentes... Dahi por deante, solicitado por frequentes crises politicas, o sociologo iria crescer em importancia, ameaçando quasi absorver o romancista como podemos observar no seu ultimo trabalho de ficção: "*O Cavalleiro de Itararé*". E' por isso que alguns dos nossos criticos, como Agrippino Grieco, preferem o seu primeiro romance a todas as suas obras posteriores.

Depois do successo da estréa, Plinio Salgado silenciou durante largo tempo. O romancista occultou-se e o homem publico subiu ás columnas

carcomidas do "*Correio Paulistano*", acompanhado de um grupo de valores novos, para tentar uma transformação de processos politicos na grei dos dirigentes da nacionalidade. Sentindo a crise que se precipitava — crise que Alberto Torres percebeu e caracterizou vinte e cinco annos antes — o autor d' "*O Estrangeiro*" tentava a façanha absurda e quixotesca de advertir o governo nos seus proprios arraiaes, afim de fazel-o voltar as vistas para o panorama nacional e assim comprehender que havia uma angustia profunda no ambiente cuja causa cumpria conjurar. Redundou vão esse esforço e o nosso D. Quixote, como mais vezes havia de acontecer, fracassou deante de realidades crueis.

Mais tarde, ao estalar a campanha da Alliança Liberal, prevendo o tragico desfecho de uma revolução sem programma, elle tentou um grande movimento de opinião em favor da candidatura Julio Prestes. O movimento foi nobre, patriotico, desinteressado, animado dos mais sinceros desejos de bem servir o Brasil, como tudo que sae do espirito de Plinio Salgado. Ainda outro fracasso. E, terminada a luta presidencial, na hora da colheita dos louros, quando todos se approximavam para cobrar os serviços prestados, elle partiu para o Oriente, levando comsigo a desillusão de qualquer acção politica para elevar culturalmente os quadros partidarios nacionaes. Acreditamos que essa

certeza tenha sido a maior de quantas crises moraes assolaram a alma ingenua e bôa do escriptor. Conhecendo os costumes dos nossos politiqueiros, eu imagino que este ponto de sua acção passada será inevitavelmente explorado, dentro de breve tempo, como tactica de ataque ao Integralismo pela ignominiosa imprensa burgueza.

Voltando ao Brasil — desembarcou no Rio a 4 de Outubro de 1930 — Plinio Salgado ia assistir ao desenrolar da revolução liberal. Ia tambem concluir o seu grande romance "*O Esperado*", iniciado em 1927 e que crescia de interesse pela oportunidade do momento.

Derrubado o governo constitucional, comprehendendo que o mal era mais do regimen que dos homens, elle escreveu o maravilhoso manifesto da Legião Revolucionaria Paulista que agitou a opinião publica pelos elevados propositos de reacção á desordem. Iniciou-se, assim, a luta de Plinio Salgado pela reconstrucção nacional. Elle queria, entretanto, uma reconstrucção de verdade, erguida de baixo para cima, sem deixar embair pelos mystiforios do liberalismo. A fundação do jornal "*A Razão*" abriu-lhe uma larga janella de onde falava diariamente ao publico. Os seus sueltos, os artigos de fundo, appareceram então como qualquer coisa de precioso, contrastando com a costumeira ignorancia da imprensa brasileira. Eram chronicas politicas de caracter accentuada-

mente doutrinário, de estylo limpo e forma impecável. As observações, os conceitos apoiavam-se no mais estreito conhecimento do nosso povo e na solida inteireza da personalidade de seu autor. E o jornal, dentro, em pouco, pelo feitio e pela feitura, apresentava-se como o mais perfeito e elevado de quantos hajam sido fundados no Brasil. Plinio Salgado, com a sua capacidade alliciadora, attrahira para suas columnas os nomes mais destacados da intellectualidade brasileira e dalli todos pregavam uma palavra de ordem e brasilidade, orientando a confusão da época. O sociologo que vivia embuçado no romancista expandiu-se livremente naquella acção jornalística e foi saudado por Tristão de Athayde como a maior revelação do anno. Apparecia, então, no Brasil um intellectual corajoso, profundamente conhecedor de sua terra e sua gente — *daquelles que sabem que apesar de todas as luzes de uma civilização cosmopolita, o Boitatá accende o seu fogo no sertão* — para dizer á opinião publica que não pode haver transformação politica duradoura sem previa transformação social e que os males nacionaes, até em certo ponto, independem de homens e partidos. Nenhuma acção foi mais forte e criteriosa. S. Paulo abastardara-se nesse instante da vida nacional a picadeiro das mais grosseiras e estapafurdias farças politiqueiras e Plinio Salgado, vigilante ou attento junto aos seus amigos, procura

sempre concertar todos os desatinos, falando sempre a vóz do nacionalismo entre os balbucios do internacionalismo e os brados do regionalismo. Toda crise que surge, toda decomposição que se accentua encontram-no attento e sobranceiro. E' o concertador dos erros alheios, o conciliador de odios e tendencias oppostas. Paira sobre todas as lutas e dissensões, sempre desinteressado e puro, buscando acalmar as paixões e querendo aquietar tudo num grande afan reconstitutivo.

Infelizmente a crise paulista crescia em intensidade e as paixões ferviam, sopradas pelos interesses pessoaes e partidarios e os dias estavam contados para um jornal que verberava os possessos do regionalismo, os demagogos da direita e da esquerda e os pruridos hegemonicos dos Estados em prejuizo do fortalecimento da unidade nacional. Chegou o desvario do movimento de maio e a multidão enloquecida, guiada por Sylvio de Campos e Alfredo Ellis Junior, destruiu a redacção d' "*A Razão*" em nome da liberdade e do direito. Interrompeu-se assim, desse modo brutal, mais um esforço de intelligencia e cultura no scenario politico brasileiro.

A semente lançada nos mezes anteriores já produzira, entretanto, algum resultado. De todos os pontos do paiz, o escriptor recebera cartas de sympathia e incentivo como éco dos seus artigos e elle comprehendera que o paiz ansejava por um

movimento consolidador e forte. Foi esse desde então o seu grande sonho. A publicação d'“*O Esperado*”, mezes antes da fundação d'“*A Razão*”, sacudira as almas do torpor e dissipara o nevoeiro liberal democratico e provocara uma fermentação de idéas poderosas e subteis. Muita gente conhece, que deve sua transformação mental a esse romance. Aquella alma vibratil de Edmundo Milhomens, o homem antenna, symbolizava bem o homem que ia no panorama social brasileiro depois da revolução de Outubro, indeciso, fluctuante, estreme-cendo ao contacto de todas as ondas do momento universal. O livro inquieto, esplendido retrato da sociedade paulista de 2 annos antes da victoria de 30, repercutiu profundamente em todos os brasileiros, mostrando-lhes que da desordem ambiente ia nascer um outro Brasil. As indecisões, a podridão dos typos como do jornalista Gavião Teixeira, eram os symptomas de decomposição de uma época passada; e o tacteio dos novos homens, o apalpamento das trevas, a inquietude dos socios do Club Talvez, o indicio de que uma nova era brotava nos espiritos.

Com a publicação d'“*O Cavalleiro de Itararé*”, que o autor teme que venha a ser o epitaphio de uma patria, encerra-se o triptico iniciado com “*O Estrangeiro*”. Temos, assim, nesses trez livros, o retrato minucioso da sociedade paulista desses vinte e cinco annos. Assistimos nelles ao nasci-

mento de uma época de realizações materiaes, de energia insuperavel, quando um povo luta com todas as forças adversas para attingir a consciencia dos seus deveres. Vemos nelles a decomposição de um regimen dominado pelo espirito de negação, personificado em Gruber, e pelo espirito de revolta personificado em Pedrinho. E vemos, sobretudo, acima do tumulto dos typos e scenas dos romances, o esforço continuado e tremendo do escriptor para a formação da consciencia nacional. E' esse esforço intellectual, desmedido e intenso, que Plinio Salgado, revivendo os sonhos de Edmundo Milhomens e Maranduba, filhos de sua imaginação, vae corporificar no movimento integralista.

Nos dias presentes, após a consagração do seu nome como escriptor, quer com a publicação dos seus romances, quer com o seu livro de viagens "*O Oriente*" e a magnifica conferencia sobre literatura regional gaucha, Plinio Salgado vive inteiramente dedicado ao seu grande sonho de melhores dias para o Brasil com a realização do Estado Integral. Nesse proposito vem de publicar dois livros de critica social — "*Psychologia da Revolução*" onde aproveitou boa porção dos artigos doutrinarios d'"*A Razão*" e "*O Que é o Integralismo*", livro de doutrina e acção partidaria.

Confessamos que é com um misto de esperança e de temor que assistimos á descida do escrip-

tor Plinio Salgado ás lides politicas brasileiras. Esperança — e muito grande — de que a sua consciencia nacionalista, que nos leva a admirar-o como um dos raros homens brasileiros entre populações regionalistas, possa fazer todo o bem que elle almeja fazer pelo nosso paiz. E o temor — tambem bastante profundo — de que a sordidez da nossa politicalha tente enredal-o e conspurcal-o, atirando-o de seu seio polluido com a maior das desillusões de sua vida. Todavia é com a maior das admirações que nos curvamos deante da sua coragem de acção e do seu trabalho desinteressado e gigantesco pelo bem do Brasil. E que todos vejam nelle um homem de pensamento e de acção que abandona o socego e conforto de uma reputação solidamente firmada e desce á praça publica, sem temer a calumnia e as injurias, sem recuar deante das famigeradas moscas da praça publica de que falava Zarathustra, afim de realizar as suas idéas.

II

Escrevi a parte inicial deste estudo nos ultimos dias da primeira quinzena do mez de Agosto de 1933 para publicação no jornal "*A Republica*" de Natal. Nessa época a Acção Integralista Brasileira, recém-fundada, ensaiava os seus primeiros passos, tropegos e entusiastas, no terreiro da politica partidaria. A curiosidade facil e inconsis-

tente, a indiferença descuidada e o ridículo mais hostil acolhiam-na a cada esquina — como se o paiz divisasse o seu apparecimento no campo da politica como um brinquedo novo e inoffensivo em mãos de creanças desattentas. Ninguém queria levar a sério aquelles rapazes que surgiam, vestindo uma camisa verde, aos dois e aos trez — raramente em grupos maiores — pondo uma nota estranha na paizagem social das nossas cidades. Ninguém se incommodava com aquelles homens que escreviam e diziam coisas contra a liberal-democracia e contra o communismo. Todos sorriam deante de tamanha ingenuidade e de tanto exaggero. A liberal-democracia era o regimen ideal e indestructivel, victorioso e plenamente consolidado para todos os seculos vindouros da existencia humana. E o communismo — santo Deus — era uma palavra quasi vazia de sentido, doutrina infensa ao nosso clima politico e o perigo do seu advento só poderia ser utilizado como bandeira de reacção e combate, motivo de justificação e propaganda ridicula daquelles ideologos ou descontentes.

O materialismo burguez e gozador, no seu apêgo estreito ás realidades immediatas da vida quotidiana, na cegueira do seu optimismo de covardes que negam o perigo para fugir á luta, fechou os olhos ainda mais e tapou os ouvidos á pregação integralista que se iniciava. Era impos-

sível comprehender aquelles homens de camisa verde que se desdobravam em caravanas por todo o territorio nacional, doutrinando massas e élites e confundindo liberalismo, socialismo e communismo no mesmo inimigo commum, como ramos da mesma arvore, frutos do mesmo galho: o espirito do materialismo, cupido, gozador e optimista. Era impossivel, portanto, arrancar subitamente a venda de tantos olhos e ouvir o bom tropel das caravanas, o ruido das marchas surdas daquelles punhados de homens pelos caminhos e mares do Brasil a derramar em todos os corações as sedutoras promessas de um regimen de harmonia e hierarchia.

Mas a bôa semente lentamente ia brotando em alguns espiritos, tocando os enthusiasmos da mocidade irrequieta e ansiosa pela completa modificação da eterna desordem da vida social brasileira. Ouvidos vibranteis estremeciam ante a segura palavra de ordem e disciplina, exaltando-se ao contemplar as gigantescas proporções do edificio social e do novo regimen estatal que os adeptos do sigma annunciam para o Brasil futuro. E nas sessões dos nucleos, todas as semanas, começaram a apparecer curiosos — intellectuaes, politicos e operarios — a prescrutar quaes os fundamentos do credo que nascia.

A mocidade de Natal tambem se agitou ao toque da palavra magica. Miguel Seabra, Fran-

cisco Véras, Otto Guerra e outros mal tinham acabado de lançar os alicerces do nucleo provincial do Rio Grande do Norte e já aguardavam, com verdadeira soffreguidão, a proxima visita do Chefe Nacional do Integralismo para ajudal-os a despertar a burguezia citadina e mostrar-lhe, com a força do seu pensamento e da sua eloquencia, os grandes perigos que a ameaçam. E num momento — só nesse momento — nas proximidades da chegada da primeira caravana integralista que alli passava, a curiosidade publica attentou para os camisas verdes e principiou a indagar, num relance de bisbilhotice sadia, sobre as pessoas e os fins da novel agremiação politica.

Foi, então, que escrevi a primeira parte deste estudo, com o modesto intuito de apresentar Plinio Salgado á burguezia illetrada de Natal. Quiz, embora apressada e imperfeitamente, focalizar as multiplas facetas do espirito complexo e brilhante do escriptor paulista e servir de guia para aquelles que desejassem, depois, melhor conhecel-o nos seus escriptos e actos publicos.

Agora, porém, que se cogita de estudal-o em um volume, condensando e illuminando os diversos aspectos de sua rica personalidade através dos angulos visuaes de differentes observadores, eu me sinto no dever de completar o que fiz annos antes. Sinto esse dever porque vejo que, nesses dois annos e meio, o espirito do romancista muito

se enriqueceu com o rapido e avassallador desenvolvimento dos seus dons notaveis de politico e sociologo. E temos deante de nós, quiçá pela primeira vez na Historia, um verdadeiro Estadista, um Homem de Estado na verdadeira accepção da palavra — isto é, aquelle que interpreta as tendencias latentes de sua nacionalidade com o poder de sua imaginação e procura conduzi-las e canalizal-as para uma finalidade superior, para uma realização harmoniosa e integral, com toda a força de sua palavra e todo o vigor da sua acção. Outros já tivemos que souberam corporificar e viver tendencias esparsas, explosões locais e passageiras, ephemeros estados de alma collectiva; outros, como Alberto Torres e Tavares Bastos, tiveram uma visão mais geral e harmoniosa — mas quasi nenhum dos nossos politicos possuiu, como Plinio Salgado, o dom de conjugar a palavra com a acção, o verbo com a carne e descer o sonho das alturas da imaginação para fazel-o palpitar nos corações humanos.

Empregando assim todos os recursos da sua formidavel imaginação, os dons magnificos de sua expressão poetica e a pujança da sua cultura, em beneficio da propaganda integralista, o autor d’“*O Esperado*” me surprehendeu com o desdobrar de sua maravilhosa capacidade de acção, com os milagres dos seus esforços de organização e a grandiosidade da obra diariamente realizada. E aquel-

les que, como eu, em sua intimidade, sentiam ou manifestavam tremendas duvidas sobre o seu senso de objectividade politica, sobre o perfeito equilibrio entre o seu idealismo e o seu opportunismo realista — qualidades mestras de todo verdadeiro estadista — enfim, sobre as suas possibilidades de crear e dirigir o movimento integralista — não podem fugir a esse dever de vir confessar, de publico, que o que o Chefe Nacional do Integralismo tem feito, e vem fazendo, é alguma coisa de singularmente extraordinaria e grandemente animadora para o futuro politico e cultural do Brasil.

De facto, nesse curto espaço de tempo, nesses dois annos e meio que se passaram, muito grande tem sido a obra de Plinio Salgado. Nunca, no nosso paiz de dôce indolencia, um homem exerceu tão irrequieta e incessante actividade. Dia a dia, hora a hora, num trabalho continuo e vertiginoso, como romancista, como ensaista, como conferencista e jornalista e, — muito particular e principalmente — como Chefe e dirigente de um movimento immenso e empolgante, elle vae dando o melhor do seu espirito e do seu sentimento á construcção do Estado Integral. Todo o seu esforço desses annos, sem a mais ligeira discrepancia, vibra num unico escopo, com o mais completo alheiamento de quaesquer preoccupações secundarias: sacudir as populações brasileiras e provo-

car, com a catechese constante, o amadurecimento da consciencia nacional.

Abdicando todos os seus sonhos passados, renegando os pruridos de gloria literaria, sacrificando por completo o romancista de reputação já firmada ao sociologo e ao politico que nasciam dentro d'elle, Plinio Salgado deu um soberbo exemplo de desinteresse e amor patrio. Abandonando a atmospheria de nobre serenidade dos seus romances para descer aos tumultos da praça publica, elle se arriscou a tudo perder e ficar na contingencia de construir novamente a sua vida, de reconquistar os louros tão generosamente atirados pela janella. Sahindo do seu socego passado elle perdeu a estima dos letrados puros, dos amantes da arte pela arte, e dos tibios e encontrou na praça publica a compensação das famigeradas moscas de que falava Zarathustra, com as suas ferroadas trahicoeiras, mesquinhas e venenosas.

Emtanto, as calumnias, as infamias, os motejos e as ameaças, unindo-o ainda mais á causa integralista e aos seus companheiros de combate, só serviram para augmentar o seu enthusiasmo e a sua dedicação. E tudo nelle revela uma luta lucida e sem quartel, o bracejar inaudito para construir qualquer coisa de organico e harmonioso através de irremoviveis tropeços. E qualquer phrase que jorra dos seus labios é o verbo feito carne, manifestação de uma vida interior profunda e

illuminada, em eclosão para as contingencias da acção. Não ha descanso possível. E' preciso fazer tudo muito depressa e cuidadosamente meditado, pois milhares de cerebros e corações aguardam a palavra de ordem de todos os dias, os ensinamentos da doutrina e os mandamentos da acção. Qualquer precipitação poderá ser fatal ao futuro do movimento o qual cumpre defender dos inimigos externos e, sobretudo, dos açodamentos e erros de visão politica dos amigos de dentro. E' preciso portanto o maximo cuidado e dedicação porque um simples impulso mau acarretará a derrocada do bello sonho.

E' espantoso verificar o que Plinio Salgado conseguiu realizar em tão curto espaço de tempo. Sozinho, ajudado sómente pelas forças do seu idealismo e da sua intelligencia, elle alcançou fundar um partido politico verdadeiramente nacional, formando milhares de homens disciplinados e fortes, possuidos de grande amôr pelo Brasil e tão coherentes com a sua doutrina quanto é licito á natureza humana. Vencendo mil obstaculos internos, enfrentando as forças politicas oriundas dos particularismos telluricos, elle conquistou uma parte bastante ponderavel da nação brasileira, acenando-lhe com melhores destinos.

Nunca é demasiado repisar o caracter profundo de brasilidade da obra de Plinio Salgado. Essa colloração tão nitida na estrutura dos seus

trabalhos literarios, revelando a mais firme faceta da sua personalidade, só podia avultar na sua acção politica. E não podemos esquecer essa nota fundamental quando pretendemos explicar o grande milagre que foi o rapido desenvolvimento — quiçá possamos dizer enraizamento — do Integralismo por todo o paiz. Não fosse essa singular característica do seu espirito, levando-o a preferir palavras jamais proferidas por politicos, elle não poderia arregimentar uma parte da população brasileira em torno da nova doutrina.

O Brasil inquieto do anno de 32, povoado de homens tacteantes e indecisos como aquelle heroe do "*O Esperado*", ansejava por uma palavra de ordem para por paradeiro na incrível confusão. Corroído pelo regionalismo mais nefasto, ameaçado por atrevidos balbucios de um internacionalismo violento e inconsciente, com tenda armada nos proprios arraiaes governamentaes, o paiz não sabia para que lado se voltar. Faltava-lhe uma bussola, a segurança de um roteiro mais ou menos coherente. Os espiritos mais lucidos não queriam voltar atraz, á rotina de um passado sem mystérios e já experimentado com todos os seus desencantos. Mas, tambem, sentiam o justo receio de jogar a vida e os haveres numa aventura inconsistente, sem rota traçada nem porto de escala. Foi ahi que, sentindo a patria em perigo, quando todos contemplavam indifferentes o crescimento dos fa-

ctores de dissolução, o nacionalismo de Plinio Salgado deu o seu brado de alarme, atirando-o em plena aventura politica. Foi elle assim o homem providencial que surgiu num dos momentos mais difficeis da nacionalidade e sobre a grandeza da sua acção é necessario aguardar o julgamento da posteridade. Só sabemos, neste instante, como todos os defensores dos valores tradicionaes da civilização christã, que essa acção nos apparece como uma das mais gloriosas e sadias entre tantas de que ha memoria em nossos corações.

Os observadores superficiaes da vida social brasileira, os politicos profissionaes e os indifferentes e os descuidados acreditam, ou fingem acreditar, que o Integralismo não é senão uma imitação ridicula do fascismo e Plinio Salgado não passa de um candidato a Duce botucudo, uma contrafacção grotesca e risivel de Mussolini. Quanta pobreza de espirito, quanta penuria de imaginação! E' preciso possuir uma alma bastante mesquinha para imaginar uma personalidade tão modesta e poderosa como a do autor do "*O Estrangeiro*", com o seu physico e os seu modos de Jeca Tatú — com algo de chaplinesco — a pretender pompear attitudes nietzscheanas como qualquer Mussolini de opereta. O que o Chefe Nacional do Integralismo pretende é alguma coisa de realmente superior e basta ler o "*Elogio da ausencia*", discurso de saudação aos bacharelados de Jaboti-

cabal, para comprehender a nobreza das suas convicções e a nitidez da sua repulsa a toda e qualquer pretensão de personalismo e cesarismo.

O traço commum entre o Integralismo e o Fascismo, como entre o Integralismo e o Nazismo — assim como entre a doutrina do Sigma e outros movimentos igualmente tão profundos tal qual os regimens austriaco e portuguez — escapa em geral á argucia desses julgadores. Elles procuram não comprehender que uma Idade Nova surgiu para a humanidade e que muito lentamente se delineam os seus principaes marcos caracteristicos. Essa nova éra que pouco a pouco vae nascendo viu a luz com a guerra de 1914 e lentamente se levanta por sobre as ruinas do velho Estado liberal-democratico que gradativamente abdica dos seus principios fundamentaes e adopta as roupagens das novas instituições na illusoria e compugente esperança de que assim poderão permanecer no poder os homens que o exploram ou o representam. E ainda é mais difficil para essas intelligencias curtas comprehender o milagre corporificado pelo phenomeno contra-revolucionario deste seculo, quando o advento do bolchevismo na Russia e as correntes politicas dos quadros parlamentares de antes da Grande Guerra, prefixavam a victoria inevitavel e absoluta do socialismo branco ou vermelho.

Esse movimento contra-revolucionario, ao qual se filiam todos os movimentos commumente denominados da extrema direita, surdiu na Italia por motivos puramente occasionaes e, desde então, procurando a sua forma estatal mais perfeita, se entrosou e fortaleceu na corrente néo-espiritualista que nasceu nos fins do seculo passado e já domina todo o pensamento contemporaneo. Nos tacteios em busca de sua forma mais ou menos definitiva, na evolução das suas determinantes politicas e sociaes, esses regimens apresentam uma directriz mais firme, um conjunto de instituições e doutrinas mais consistente, como que a espinha dorsal de quasi todos elles. Nesses pontos de tangencia ou intersecção, exigidos pelas imperiosas necessidades e realidades do mundo moderno, elles todos se confundem e não é licito falar em copia servil de um para outro já que se não utiliza esse argumento para as diversas modalidades de governo democratico que, pacata ou turbulentamente, agonizam pelo planeta.

O senso politico de Plinio Salgado soube facilmente separar os caracteristicos primaciaes e eternos dos regimens da direita, não recuando mesmo deante de certos principios economicos do marxismo, e procurou construir um systema constitucional facilmente compativel com o genio do povo brasileiro. Obedeceu tambem á influencia de factores internos poderosos e seguiu, em muitos

pontos, as pegadas esclarecedoras de Alberto Torres. E assim, de vertente em vertente, não será demasiado difficil diagnosticar as influencias nacionaes brasileiras na genese e crescimento do Integralismo, não sendo absurdo salientar o movimento de renovação das nossas elites catholicas realizado pelo arduo temperamento de polemista de Jackson de Figueredo na sua impetuosa reacção á desordem relaxada da vida social e politica do Brasil.

Comtudo, onde o genio politico do Chefe Nacional do Integralismo mais se destaca, enchendo de seguras esperanças todos aquelles que acompanham a sua acção, com desejo de melhores dias para o Brasil, é quando elle repudia toda e qualquer violencia em nome dos principios christãos. Compreendendo muito profundamente o momento universal no seu aspecto primordial — já focalizado dantescamente pela visão apocalyptica de Dostoievski — elle se incorpora ao grupo dos que avistam na agitação desordenada do presente simples reflexo da luta do Anti-Christo contra Christo. A rebeldia moderna, a desorganização economica e a cobiça desenfreada dos varios grupos e classes sociaes não passam de symptomas corriqueiros de dissolução de uma sociedade que abandona os eternos valores da christandade em busca de soluções collectivizantes e paganizadas. E' imprescindivel, portanto, como reacção, recompor a per-

sonalidade humana nos seus verdadeiros limites, respeitando-se os seus direitos inalienáveis, fazendo-a cumprir os seus deveres irrevogáveis, sem demasias e sem exaltações.

Esse respeito á personalidade humana, esse justo equilibrio entre a pessoa e a sociedade, fazem a grande belleza da doutrina integralista e marcam a trajectória da sua pregação que cada vez mais tangencia os immorredouros principios da sociologia thomista. Repudiando toda e qualquer acção directa, reservando-a exclusivamente para os casos de legitima defesa, e fixando os direitos reciprocos do Estado e da pessoa humana, delimitando os ambitos do primeiro até aos bordos inviolaveis da consciencia, o Integralismo avançou muitos passos sobre o Fascismo e o Hitlerismo e esboçou o grande quadro da Idade Nova. Leia-se para perfeita comprehensão desses novos e alevantados rumos os artigos de Plinio Salgado — *“Technica de Christo contra technica de Sorel”* e *“Carta de Natal de 1935”*. São dois trabalhos magistraes e indispensaveis para bom entendimento das verdadeiras finalidades da revolução do Sigma.

Renunciando á acção directa, que foi a grande força do Fascismo, fugindo á macaqueação de uma marcha sobre o Rio, o Integralismo começa a espantar as pythonisas do jornalismo brasileiro. Ellas perguntam a si mesmas e aos outros que

diabo de fascismo é esse que se esquivava a uma attitude violenta e arrogantemente revolucionaria e que — pobres julgadores — destroe com esse pacifismo crescente a sua verdadeira atmospheria de heroicidade. Pensam elles, ainda julgando mal, que o Integralismo com essa attitude se retira da acção politica e se refugia tolamente no campo da Philosophia. Não queremos ser prophetas, mas acreditamos que com essa orientação mais profunda Plinio Salgado achou finalmente os verdadeiros rumos do movimento integralista e lhe deu um conteudo vehemente de brasilidade. Antes disso, embora essa tendencia já fosse bem clara nos manifestos e actos partidarios, havia uma exaggerada preocupação com milicias e outras exterioridades fascizantes. Agora não, deslocando o problema para um plano de vida mais interior, surge a promessa de uma grande realização que começa a crear raizes na alma popular.

Com essa transformação de attitudes o Integralismo enxerga um unico inimigo: a concepção burgueza da vida, o materialismo. Esse é o verdadeiro adversario a esmagar, o gerador do liberalismo e do seu filho dilecto, o communismo. Urge, portanto, exigir dos brasileiros o combate implacavel a esse monstro, combate sem treguas, numa luta sem quartel. Só aquelle que vence o espirito do materialismo é digno de construir o Estado Integral. E' mister essa determinada di-

rectriz espiritual, essa victoria sobre os dōces encantamentos do mundo burguez para ser digno de viver a mystica integralista. E' essa a verdadeira heroicidade dos partidarios do Sigma. E é essa imperiosa necessidade de mudança de attitude em relação aos valores da vida quotidiana, em relação aos problemas materiaes e moraes, *essa revolução interior, dentro do proprio homem brasileiro* — e só o tempo poderá dizer o que Plinio Salgado conseguirá nesse terreno — que realmente decidirá da grande victoria ou do grande fracasso do movimento integralista. E' essa victoria ou não na formação do novo homem brasileiro, fundamento indispensavel do futuro regimen que determinará o destino da grande obra dos camisas verdes.

Assim, Plinio Salgado vem exigindo dos brasileiros duas grandes negações: o *não* deante do hedonismo burguez que domina em nossa sociedade e ameaça corromper todas as fontes de nossa vida e o *não* deante dos diversos regionalismos que quebram por todos os quadrantes o magnifico sentimento da nossa unidade. Em contraposição, porém, elle exigiu tambem uma grande affirmacão: a crença no Espirito, no primado dos valores que d'elle se originam e combatem o primitivismo dos instinctos de toda e qualquer natureza. E os resultados alcançados por trez annos de preparação methodica e tenaz ahi estão. O Chefe

Nacional do Integralismo pode olhar para traz com o olhar descansado. Os seus esforços em prol da formação e desenvolvimento espiritual dos camisas verdes teem sido notaveis e fecundos. Tanto como é dado perceber pelas manifestações exteriores e o exame acurado das acções da maioria dos integralistas estamos deante de novos homens e o Brasil poderá esperar alguma cousa do esforço dessa geração nova. Agrupados em centenas de nucleos pelo territorio nacional, fortalecidos com a mystica de uma doutrina, esses homens constituem focos vivos de catechese e resistencia á decomposição communista e á desaggregação regionalista. São nós indestructiveis de rija brasilidade e de um anti-bolchevismo consciente e batalhador. E aquelles que almejam para o Brasil a eterna permanencia nos principios basilares da civilização christã podem ficar tranquilos porque os sentinellas estão a postos.

E se todo esse trabalho pode ser considerado obra de um homem, esse homem é Plinio Salgado.

O Cavalleiro do Brasil Integral

RIBEIRO COUTO

RUI RIBEIRO COUTO nasceu em Santos, São Paulo, a 12 de Março de 1898.

Publicou:

POESIA — *O jardim das confidencias*, 1921; *Poemetos de ternura e de melancolia*, 1924; *Um homem na multidão*, 1926; *Canções de Amor*, 1930; *Noroeste e outros poemas do Brasil*, 1933; *Poesia* (reedição dos dois primeiros volumes num volume), 1934; *Provincia*, 1934;

PROSA — *A casa do gato cinzento*, contos, 1922; *O crime do estudante Baptista*, contos, 1922; *A cidade do vício e da graça*, impressões, 1924; *Bahianinha e outras mulheres*, contos, 1927; *Cabocla*, romance, 1931; *Clube das esposas enganadas*, novellas, 1933; *Presença de Santa Therezinha*, 1934; *Conversa innocente*, crônicas, 1934; *Chão de França*, viagem, 1935.

Membro da Academia Brasileira. Actualmente, 2.º secretário da Legação do Brasil em Haya. Pertenceu ao Ministerio Publico do Estado de São Paulo e em seguida ao do Estado de Minas Geraes.

Em 20 de Julho de 1933 publicou no "*Jornal do Brasil*", de que era então redactor, o artigo que inserimos nesta collectânea.

Plinio Salgado
Um para as massas: "O que é o Integralismo"
(Schmidt, Editor). Outro para os intellectuaes:
"Psychologia da Revolução" (Civilização Brasileira
S. A.) (1).

Este artigo não é de critica. Nem á primeira, nem á segunda dessas obras. Pretende ser apenas o signal-amarello: "*atenção*". Quero aqui, effectivamente, chamar a *atenção* do publico do paiz para a força apostolar de Plinio Salgado em "*O que é o Integralismo*" e para a visão philosophica e realista, a visão completa do "caso brasileiro" — a visão integral, em "*Psychologia da Revolução*".

Ninguém que tenha, neste instante, um pouco de interesse pelo Brasil, como Patria, poderá deixar de considerar o Integralismo, de que Plinio Salgado é o Chefe e o Animador, um caminho aberto á procura das soluções necessarias. Podem

(1) D" *A Psychologia da Revolução*" vamos ter a 3.^a edição e d" *O que é o Integralismo*" a 4.^a! — N. dos organizadores.

os homens que teem nas mãos a administração pública. Reconheceu-lhes as virtudes pessoaes, tão injustamente atacadas muitas vezes — como no caso desse P. R. P. que se tornou, para muitos, no paiz, um symbolo de corrupção politica, quando a verdade é que nas suas fileiras se encontram ainda, como em todos os tempos, espiritos nobres e peitos leaes. Plinio Salgado viu tudo isso mas comprehendeu que não era de simples nobreza ou simples lealdade que precisava o paiz, mas de um vasto movimento revolucionario, uma reconstrução integral, orientada por principios philosophicos e uma exacta observação da realidade brasileira, ao envez de o ser apenas pelo criterio dos clans partidarios ou das preponderancias regionaes, com a união de bancadas, accordos de chefes eleitoraes ou combinações de governadores. Viu que o Brasil era maior, mais profundo e mais rico de força do que faziam crer os empresarios de perpetua rinha de gallos conhecida por “disputa democratica do poder”...

* * *

A revolução de 1930 surpreendeu Plinio Salgado ao voltar da Europa, dias depois. Elle trazia de lá — das suas viagens, da sua observação, da sua meditação — o plano do movimento revolucionario intellectual que só agora apparece, com o Integralismo. E na modesta sala de trabalho da

minha casa, em Marselha, ouvi-o falar com o mesmo entusiasmo e na mesma direcção de agora.

Dessas palestras guardo ainda uma quente recordação. Durante alguns dias, antes d'elle partir para o Oriente e a Italia, em começo de 1930, respirámos os dous, no ar de Marselha, a grande saudade do Brasil, a sua imagem total e formosa trazida, com os ventos do largo, no cheiro do café dos porões do "Campana" ou do "Alsina"...

Andou depois por todas as margens do Mediterraneo, marcadas por inapagaveis vestigios de antigas civilizações, assim como por aquellas em que uma parte da humanidade moderna, vencendo a desillusão, reconstroe sobre ruinas illustres, renunciando ao orgulho individualista e aos mythos liberaes. Do Egypto, da Palestina, da Turquia, da Grecia, e da Italia, recebi sempre os écos do Cavalleiro maravilhado; mas, não era para falar de muros famosos, de palacios celebres, ou de monumentos do passado que elle me escrevia de Alexandria, de Jerusalém, de Constantinopla, de Athenas ou de Roma. Era ainda para falar do Brasil, sempre presente aos seus olhos de peregrino, como uma obsessão fecunda.

* * *

Eu tambem, num plano muito mais modesto, padecia da mesma angustia. E se estou a recordar estes episodios é para mostrar como são antigos

os pontos de contacto que tenho com o chefe do Integralismo. Ao dar ao movimento de Plinio Salgado toda a minha fé, faço como os outros intellectuaes que com elle estão tambem solidarios: não pratico nenhum acto de opportunismo. Adherimos, sob o ponto de vista pratico, ao vazio.

Adherimos, sob o ponto de vista idealista, á força de uma idéa necessaria, que vencerá.

O Integralismo, aliás, não pretende “mudar de homens”, nem “varrer dos postos de commando os carcomidos”, nem outras vãs aventuras verbaes. O Brasil ha de fazer a sua reconstrucção com os homens que tem. Para nós, tanto valem os homens apeados do poder, como os homens que ao poder subiram. Só os indifferentes, os hypocritas ou os meros ambiciosos não nos conveem. Não fazemos politica no sentido republicano-liberal. Fazemos pregação de verdades geraes, mobilizamos as forças do espirito brasileiro e estamos com as portas abertas a todos os que sentem a urgencia de uma reconstrucção total e corajosa. Por isso, na “*Psychologia da Revolução*”, o chefe exclama, inilludivelmente: “Precisamos realizar a nossa Revolução. Juntar todos os elementos esparsos do immenso laboratorio que foi o seculo passado. Mobilizar as forças intellectuaes e moraes da Nacionalidade”.

O Cavalleiro desceu da montanha. Traz na mão o facho acceso. A sua vóz rola os rr, ameigando-se á maneira cabocla de S. Paulo. Escutae a sua palavra. Attentae nesses olhos mansos, de onde irradia uma luz vertical. Dentro do seu peito o coração murmura: — *Brasil... Brasil... Brasil...*

Se não vos interessa, passae. Não precisamos de vós. Outros virão atraz, hoje, amanhã, ou depois...

Outros que serão humildes, puros e bravos. Outros que, da sua fraqueza farão a força, pela obediencia e pela disciplina no todo, e sobre as ruinas da mentira e do erro começarão, no mesmo rythmo dos annunciadores, a tarefa sagrada...

*O destino mysterioso
de Plinio Salgado*

AUGUSTO FREDERICO SCHIMIDT

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT
nasceu no Rio de Janeiro — 1906.

Publicou:

Canto do Brasileiro Augusto Frederico Schmidt, 1928; Canto do Liberto Augusto Frederico Schmidt; Ensaio sobre Mauriac; Navio perdido; Passaro cego, 1930; A desapareição da Amada; Canto da Noite, 1934.

E' considerado por Tristão de Athayde e Octavio de Faria, como o maior poeta da geração moderna.

Faz parte da "Sociedade Felipe de Oliveira".

Escreveu "O destino mysterioso de Plinio Salgado" em 7 de Outubro de 1934, n' "A Gazeta de Noticias".

Nesta hora em que escrevo, nesta tarde de domingo quente e parada, nesta mesma tarde de hoje, está se realizando, a poucas horas daqui, em pleno coração de São Paulo — uma grande concentração integralista (1). Mais de dez mil brasileiros vão jurar fidelidade e obediência ao Chefe Nacional do Integralismo — Plínio Salgado. Este acontecimento é um acontecimento mysterioso. Os mais indifferentes, os mais distantes, os criticos cansados e, intelligentes, os mais contrarios ás idéas que provocaram este movimento de affirmação nacional — que é o Integralismo — todos são obrigados — mesmos os de absoluta e constante má fé — a reconhecer a singular e enorme significação deste movimento, que vae crescendo dia a dia, que vae avançando, partido de origens humildes, para frente, para além, apresentando aos olhos já descrentes do Brasil, possibilidades novas de salvação e de vida.

* * *

(1) Nesta tarde os integralistas foram atacados pela horda communista entrincheirada nos arranha-céus da Praça da Sé. (*Nota dos organizadores deste vol.*).

Quem duvidar da força terrível das idéas, quem duvidar da fatalidade dos processos de renovação dos climas sociaes, quem duvidar do dynamismo de um apostolado, animado apenas de sinceridade, quem duvidar da força de um homem desamparado, só e abandonado de recursos, que medite longamente no que está acontecendo com o movimento de Plinio Salgado. Direi rapidamente, como convém neste pouco espaço de que disponho: que o Integralismo é o primeiro partido nacional fundado durante os nossos quarenta annos de Republica. Que é o primeiro partido partido nacional fundado até hoje, entre nós com caracter organico, com um corpo de doutrinas, com uma completa e total unidade de direcção. Que já conta no seu corpo social, duzentos mil brasileiros, (2) com um só pensamento — e dispostos á acção e ao sacrificio. Direi que o Integralismo não promette nada individualmente e que esses brasileiros se movem, se agitam, agem, tocados sómente por sentimentos de salvação nacional. Direi isto, e dizendo assim traço um retrato de seu chefe — Plinio Salgado, que abriu este horizonte de crenças á Nação. E dizendo assim tenho commigo uma convicção clara e feliz, de que nem tudo está perdido, de que um ar novo e vivificador percorre a nação toda, animando os filhos

(2) Hoje bem mais de 1.000.000. (*Nota dos organizadores*).

deste paiz, perdidos até aqui na sua grandeza geographica e por ella dominados.

* * *

Estas palavras que estou escrevendo veem sendo represadas, longo tempo. Diversas tentativas para crer numa solução para a nacionalidade, teem terminado em desillusões bem amargas. Mas agora é a propria realidade, o facto social que está deante de nós, que inspira estas minhas palavras. Estamos entrando em alguma coisa nova na vida politica do Brasil.

O destino mysterioso de Plinio Salgado está se realizando. Vamos de agora em deante verificar, que nesse homem de letras, de apparencia modesta, de ar distrahido e eternamente distante, que nesse esquivo Plinio Salgado, está uma vocação irresistivel de propheta e de homem publico que dominou um ambiente, que venceu a longa somnolencia de um paiz, descrente e ignorante dos seus destinos.

Um dia, em breve talvez, darei o meu testemunho sobre esse “Chefe Nacional” — a quem me ligam velhas relações, velhos laços de estima, e uma convivencia fraternal. Já sinto que sobre esse homem, em breve as lendas começarão a crear uma nova personalidade, a tecer como sempre sua revisão deformadora. E tenho o meu testemunho sobre elle como um grande patrimonio.

Ha dez annos ou mais, que o acompanho. E posso *dizer que elle sempre pensou da mesma maneira*, que elle sempre soffreu pelo Brasil. Fui testemunha de innumeradas tentativas, de innumeros insuccessos seus, da grande incompreensão que o cercou até hoje, até este instante em que o paiz verificou a sua presença e o sentido da sua missão. Ha dez annos que o vejo sempre o mesmo, sempre coherente, sempre pensando nos problemas do Brasil e vivendo-os tambem.

Hômem de letras e homem de acção, homem de fé ardente e de absoluto esquecimento de si proprio. E' impossivel ficar indifferente ao seu chamado.

Plinio Salgado

JEHOVAH MOTTA

JEHOVAH MOTTA nasceu no município de Maranguape a 12 de fevereiro de 1907.

Em 1924 entrou para a Escola Militar, sahindo em 1927 aspirante e, em seguida — em 1928 — é promovido a 2.º Tenente. Em 1930, a 1.º Tenente e a Capitão, por acto de bravura, em 1932.

Actualmente é deputado federal da A. I. B.

Publicou no jornal "*Correio do Ceará*" de 12 de agosto de 1933, na vespera da chegada de Plinio Salgado a Fortaleza, na 1.ª viagem de pregação integralista ao norte do Brasil, o presente ensaio.

Estas duas palavras andam no ar, alegres e incisivas, como um convite e uma ordem.

Encantados, os ventos verdes do Brasil levam-nas a todos os quadrantes da Pátria, acordando o lyrismo barbaço da Terra com as notas vibrantes de uma clarinada cívica.

Fervorosa, a mocidade as recita, no desejo incontido de grandes feitos, na ansia vertical de alçar-se acima da mediocridade e da frioleira ambientes.

Em torno dellas distendem-se em halo a agitação e o murmúrio da terra moça e da gente forte que quer dar á vida um sentido de afirmação heroica e dominadora.

E' que ellas são hoje uma bandeira. Valem, significam um rumo. Teem, no descampado de horizontes indecisos e borrascosos, um sentido azimuthal luminoso.

Plínio Salgado é bussola. Indica-nos caminho de salvação. Por entre a desordem e o tumulto a sua voz ergue-se, avoluma-se, faz-se longa para abraçar todo o Brasil, com uma eloquência estranha e estranho poder persuasivo.

A alma da mocidade, vincada de interrogações e angustias, ao ouvil-a, sereniza, tonifica-se, e desabrocha em affirmações ousadas e fortes.

E' um professor de energia. Quando tudo tende para o commodismo, os prazeres faceis, materializados e immediatistas, para a indifferença e somno, — elle prega a reacção, a luta, o movimento.

Quando o Brasil olha a Revolução com olhares frios, desconfiados, olhares de enfado e de cansaço, olhares moleques e assoviantes, — elle préga o proseguimento da Revolução.

Quando um magóte de incapazes ameaça desmoralizar perante o Brasil sensato e intelligente a idéa da renovação, — elle reabilita esta idéa dando-lhe expressão e altura.

Quando a philosophia burgueza asfixia-nos nos estreitos circulos de um pusilanime agnosticismo — elle ensina-nos a romper estes circulos a golpes de dogmatismos crespos e ferrenhos.

Quando o envolvente e enganoso mysticismo russo, tenta enlear-nos em suas tessituras de ouro falso e ameaça minar os valores basicos da Civilização Brasileira — elle faz-nos fortes na resistencia a estes philtros anti-brasileiros e anti-humanos.

Quando o zum-zum politiqueiro atordoa-nos os ouvidos, vil, rasteiro, feito de competições mesquinhas, de confabulações e tricas, zum-zum de

mosquitos, — elle desvenda-nos os segredos de uma orquestração grandiosa, wagneriana, abre-nos os arcanos de um mundo de sons, onde toda a musica dispersa do Brasil se disciplina, se hierarchiza, na realização de uma politica alta e vigorosa.

Quando por toda a parte, e de todos os feitios, surgem, no scenario nacional, forças de desaggregação, de insubordinação, de dissolvencia; quando o Brasil desapareceu sob as desenvolturas regionalistas dos 20 Estados; quando o patriotismo murchou e vive nos dictionarios — elle dá-nos o senso do Total, da Ordem, da Disciplina, da Honra, faz-nos reencontrar e sentir o Brasil, fecunda as nossas actividades com as notas vivas de um nacionalismo sempre presente.

* * *

Hoje elle é principalmente o pensador politico. Hontem era o romancista agil e visionario. Mas não poderá comprehendel-o quem reparar as duas faces de sua personalidade. Para entender *Psychologia da Revolução* é preciso ler, *O estrangeiro*, *O Esperado* e *O Cavaleiro de Itararé*.

E' evidente que o pensador de hoje, já existia em germen, no romancista de hontem.

O *O Estrangeiro* na phase intensa do movimento literario modernista, foi mesmo a primeira affirmação forte deste movimento no sector-romance. Antes delle todos os esforços renova-

dores concentravam-se nervosos e pugnazes na poesia. Os versos modernistas abarrotavam as livrarias, e ante a ausencia do romance revolucionario já se temia que tal denotasse falta de vitalidade dos novos. Foi quando veio o *O Estrangeiro*, acompanhado de unanimes rumores encomiasticos. Revelador, não sómente de uma technica de expressão renovada, rica de encantos e de effeitos discursivos, mas principalmente de um pensamento seivoso.

Os annos já se passaram e ainda estão vivos na memoria de todos o drama adaptivo de Ivan e o drama nacionalista de Juvencio. O estrangeiro. O brasileiro. O Brasil retorta. Não seria exaggero dizer que em mim o Integralismo vive desde o dia em que o cadête leu o romance admiravel. Integralismo de presentimento, mas Integralismo comtudo, da mesma felpa deste que hoje illumina e ordena a minha intelligencia.

O *O Esperado* veio após a Revolução de 930, descrevendo panoramas de antes do movimento outubrista. Inferior ao *O Estrangeiro* quanto á technica, quanto aos labores de acabamento, o que já é um indicio de que os dias acceleraram a cadencia e a vida sobrenadou impetuosa, matando vãos zelos literarios.

Em traços crús desfilam através das paginas nervosas as paizagens moraes e intellectuaes daquelle tempo: a corrupção politica, a escravidão

do paiz aos interesses dos cabos politiqueiros e dos grupos financeiros, a mediocridade da vida, a luta dos fortes esmagando os fracos, a tortura da mocidade trabalhada de duvidas, de inquietações, de ansias vagas e de presagios tristes. O Club Talvez é o grande reflector dos humores, de todos os tons que passam e perpassam na atmosphera abafada. Um decimo oitavo andar da Paulicéa multipla. Povoado de discussões, de desanimo, de revoltas, de anathemas, de dôres esmagadas, de intelligencias robustas no estado de nebulosidade.

Nas paredes, riscados a carvão, signaes e figuras estranhas. Poetas, pintores, operarios, gente de farda. Preoccupações sociologicas, conservadorismos e anarchismos carrancudos e barbaros. Cabelleiras esvoaçantes por sobre testas vincadas de theoremas de Arte e de Politica. Fumo caprichoso e lento de cigarros de todos os preços, gritos de imprecações e de abandono. Bohemia encolerizada olhando, através de olhares fixos e turvos, a cidade magnifica lá em baixo brunhindo ao sol, e velando, com a sua pressa e o seu ruido, as manobras dos maus, dos libertinos, dos castens, dos vestustos senadores escravos das amantes e do dinheiro inglez, a dor dos opprimidos, dos humildes, dos villipendiados, dos simples e dos puros.

Mas, já como um balsamo suavissimo a antevisão, o prenuncio da grande alvorada proxima:

— “Escutem... Ha um rumor de passos... O Brasil está andando... São multidões que crescem de todos os lados. Não são barulhos do mar, nem das florestas, nem dos ventos. Ouço passos andando...”

E o que era visão em o *O Esperado*, em o *Cavalleiro de Itararé* passou a delinear-se em contornos mais nitidos. O que no primeiro se entrevia como um sonho, no segundo se evidenciava como uma necessidade.

Ante o encalhamento da Revolução de 930, com o seu rasteirismo, a sua superficialidade, o seu afinalismo doutrinário, a sua incapacidade creadora, a sua mentalidade de amanuense e de contabilista, urge um grande movimento de destruição e de construção. Que reintegre o Brasil, uno e forte, em seu rythmo bandeirante.

Entre o *O Esperado* e o *O Cavalleiro de Itararé* medeia o anno de 931-32, no qual o romanista se faz jornalista.

E’ a época das *Notas Politicas* que em seu conjuncto vigoroso e homogeneo constituem o que de mais intelligente e nobre se tem visto nas columnas da imprensa nacional.

E veio a Revolução Paulista.

Em meio á onda crespá e irresistivel do sentimentalismo bairrista, a intelligencia e o character que tão admiravelmente causticaram o estadua-

lismo, resistiram galhardamente, de certo com o coração oppresso de amarguras e soffrimentos.

E por isto mesmo, o vendavel, a insania passados, elle reappareceu com mais autoridade, mais força moral e mais impeto.

Autoridade, força moral e impeto condensam-se em a Acção Integralista Brasileira, movimento unico na Historia patria e que nos dará ingresso na 2.^a phase do desenvolvimento nacional.

Psychologia da Revolução, para as elites, *O que é o Integralismo* para a massa, emmolduram e eschematizam o movimento.

Ambos andam de mão em mão, unindo os moços do Brasil num só e immenso pensamento.

* * *

Vae chegar o lidador. O Ceará vae ouvi-lo. Vae sentir bem de perto as larguezas da sua intelligencia e do seu coração. Vae comprehendel-o e applaudil-o delirantemente.

*Um pensador
brasileiro*

CARLOS MALHEIROS DIAS

CARLOS MALHEIRO DIAS nasceu na cidade do Porto, a 13 de agosto de 1875, e nesta cidade fez os seus primeiros estudos. Frequentou, em seguida, o Curso Superior de Letras em Lisboa, que concluiu.

Embaixador, diplomata, deputado e grande escriptor.

Já publicou varios volumes de ensaios notaveis.

Como romancista publicou os volumes: *Filho das Ervas*, *Paixão de Maria do Céu*, *O Grande Cagliostro*, *os Telles de Albengaria*.

Tem ainda a seguinte bagagem literaria: *A vencida*, *Quem é o Rei de Portugal*, *Zona de tufões*, *Do desafio á debandada*, *Cartas de Lisboa*, *Exhortação á Mocidade*, *Entre principios*, *Verdade nua*, etc.

Sua obra prima é o romance — *Paixão de Maria do Céu*.

A critica portugueza sobre o A. se pode resumir nas palavras de Joaquim Costa, A. do livro *Expressões literaria*: “E’ um talento brilhante, de multiplas aptidões. A sua prosa energica e scintillante, é reveladora de grande lucidez e, por vezes, de uma eloquencia singularmente communicativa”.

Residiu no Brasil muito tempo.

Escreveu para o “Diario de Noticias” de Lisboa varios trabalhos em torno de escriptores brasileiros de renome. E’ dessa occasião o presente estudo sobre a personalidade de Plinio Salgado.

“Em dois grupos podemos classificar as actividades, do pensamento brasileiro contemporaneo. O primeiro é constituído pelos pesquisadores das complexas condições sociologicas em que progride e se consolida a formação da nacionalidade. Esse grupo de estudiosos considera prematuro submeter a um programma ou systema politico pré-estabelecido os phenomenos ainda não assaz estudados dessa trabalhosa evolução e preocupam-se, salientemente, com as directivas a que deverá obedecer a preservação fundamental da unidade brasileira. Embora seguindo attentamente as experiencias politicas da civilização occidental, a que o Brasil está vinculado por tantos liames indissoluveis, duvidam de que taes experiencias tenham já conduzido a resultados concludentes e que possam *in totum* applicar-se ao Brasil. Essa posição de expectativa parece tanto mais justificavel quando é certo que no problema brasileiro interveem preponderantes factores que lhe são exclusivos. Exceptuada a Russia semi-asiatica, todas as nações da Europa representam approximadamente, em seu con-

juncto, a área do Brasil. Na sua immensa projecção, o problema brasileiro abrange oito milhões e meio de kilometros quadrados e prevê uma população de trezentos milhões — que ainda se está elaborando. Não ha termos de comparação entre este problema gigantesco e aquelles que a Europa, constituida e saturada de civilização, tem de resolver. O proprio progresso incessante das sciencias quasi infallivelmente gerará condições inéditas que haverão de entrar na apreciação geral ou parcial do problema. Já o transito aéreo e a radio-telegraphia profundamente alteraram as perspectivas perante as quaes se encontravam os economistas do imperio, annullando ou reduzindo espantosamente as distancias, senão do espaço, mas na sua equivalencia no tempo. As florestas insondaveis e intransitaveis do Amazonas puderam ser transpostas em algumas horas por Pinedo; e já o dirigivel “Zeppelin” se propõe, dentro de alguns mezes, emprehender uma viagem de turismo por sobre as mesmas selvas invioladas. O extensissimo littoral atlantico brasileiro, desde a Guyana á Argentina, é regularmente percorrido pelos vertiginosos super-aviões de passageiros e correio. O automovel veio trazer uma solução appropriada ás communicações convergentes ao systema arterial ferroviario, economizando nos calculos do futuro, centenas de milhares de kilometros de vias ferreas, substituidas por estradas

de rodagem. A utilização em vasta escala do potencial de força hydraulica accumulada nos desniveis dos grandes cursos fluviaes libertará o Brasil de uma parte da sua dependencia de Cardiff e New Castle. Finalmente, o almejado encontro de jazidas petroliferas ou a substituição do precioso combustivel na viação accelerada, aérea e terrestre virá — derruindo os actuaes obstaculos — inaugurar imprevisiveis perspectivas na accellerção do progresso.

Os creadores de systemas politicos, os sociologos e os economistas teem de contar nos seus calculos com essas e outras previsões, pois convém recordar que no curto espaço de meio seculo vimos o canal de Suez aberto por um cyclopico trabalho manual e o canal de Panamá juntar, pela interferencia potencial das machinas ao serviço da engenharia, as aguas do Atlantico ás do Pacifico. O prolongamento da crise mundial, que alterou o apparente equilibrio economico do seculo anterior, bem como o aspecto sombrio que assumiram as finanças nacionaes com a quêda prolongada das exportações e a agglomeração dos “deficits” orçamentarios — symptomas morbidos hoje communs á quasi generalidade das nações — ergueram-se ante os passos dos homens de Governo dotados do senso realistico a que devem subordinar-se a politica e a administração do Estado. Nessas graves apprehensões os acom-

panharam os reformadores mais moderados. E ha ainda os que objectam: — porque experimentar novos processos quando ainda não praticamos com fiel e integra observancia os processos em vigor? Como saber se os erros são do regimen ou de quem os interpreta? Se os males proveem do systema ou de nós?

No segundo grupo de pensadores reúnem-se homens de acção diversamente orientados, e nem sempre de accôrdo entre elles, que consideram independentes dos citados argumentos circumstanciaes as soluções politicas e que subordinam a solução satisfatoria daquelles problemas á concepção de um Governo dotado de independencia, de autoridade e de continuidade.

Entre esses patriotas impacientes e amargamente desilludidos de um passado que se obstina perpetuar-se: patriotas para os quaes se afigura um dever imprescriptivel corrigir, senão annullar, desde já, uma maior propagação de erros e de ideologias nefastas, destaca-se o Chefe do Integralismo Brasileiro, sr. Plinio Salgado.

O Integralismo nunca sahio em Portugal da sua phase theorica e platonica. Foi mais uma disciplina moral e intellectual do que um systema politico, embora alguns dos seus adeptos se inspirassem nas doutrinas de Maurras e Valois, de que é órgão a "Action Française".

O Estado Novo, fundado pela intervenção das forças militares na politica — preconizada já nos movimentos abortados do commandante Filomeno da Camara, antigo governador de Timor — animou-se a principio pelo exemplo fascista e procurou as soluções politicas fóra da ideologia integralista, a qual, não ha que negar, influiu sensivelmente na preparação e perservação das novas gerações, creando nellas o interesse pelos problemas politico-sociaes, accendendo um ideal nas suas jovens e impressionaveis consciencias. Deverá com justiça admittir-se que essa mystica patriotica doou uma alma civica á dictadura militar mas não a dirigiu ou guiou na sua evolução.

O Integralismo Brasileiro, procurando embora accomodar-se ás peculiaridades do complexo caso nacional, adoptou para a sua estrutura organica os processos italiano e allemão. E' uma milicia; não é propriamente um partido (1). Quando outros objectivos praticos não attingisse, por ausencia de condições favoraveis ao dominio, possivelmente conseguirá, á semelhança do tão mal recompensado integralismo portuguez, implantar um corpo de doutrina plastica e disseminar-o nas legiões da juventude, incutindo-lhes uma incompatibilidade intransigente com as ideologias dissolventes do marxismo, geradas através

(1) Este estudo é anterior á Lei de Segurança Nacional. (Nota dos organizadores).

da marcha evolutiva do individualismo liberal; consolidando nellas a fé convicta nos destinos da patria; preparando-os desde cêdo para a vida publica; educando-as na disciplina e na solidariedade; amestrando-as na escola da coragem civica — transformando, emfim, a politica num ideal. Contando já com mais que quatrocentos mil adeptos militantes (2), devidamente organizados e uniformizados, o Integralismo Brasileiro — o exercito desarmado dos *camisas verdes* — enfrentou em São Paulo uma aggressão communista, sellou com o sangue do primeiros martyres os seus compromissos idealistas.

Mas não é propriamente a sua actividade politica que nos interessa. *E' como pensador que temos de considerar Plinio Salgado*, situando-o no seu quadro, esboçando-lhe a biographia e deixando, finalmente, avaliar pelas suas doutrinas a influencia e efficacia da sua acção.

* * *

Foi em outubro de 1932 que Plinio Salgado lançou as bases do Integralismo. Os principios a que obedecia essa organização e os fins que

(2) Hoje muito mais de 1.000.000. — (1937 — fevereiro). (*Nota dos organizadores*).

visava consubstanciam os ideaes de que, ha muito, o creador se tornara o propagandista e que o estudo e a experiencia tinham reduzido ou subordinado a um corpo de doutrina ou systema philosophico.

Já no seu livro de viagens "*O Oriente*" se fixa a tendencia a reduzir a eschemas de philosophia os pensamentos e impressões do autor. Do seu romance "*A Vóz do Oeste*", sobre o periodo historico das bandeiras, disse Azevedo Amaral "apresentar particular interesse em um momento em que o renascimento rigoroso dos sentimentos patrioticos leva um numero cada vez maior de brasileiros, sobretudo da nova geração, a estudar tudo o que se relaciona com as origens e o desenvolvimento formativo da nacionalidade". Vem depois a serie recente de volumes "*O Soffrimento Universal*", "*A Quarta Humanidade*" e "*Despertemos a Nação*", que foram precedidos pela "*Psychologia da Revolução*", e nos quaes apparecem compendiadas as conferencias realizadas nas Faculdades de Direito de São Paulo e Recife, na Associação Universitaria da Bahia, na Academia Paulista de Letras, no Theatro José de Alencar, de Fortaleza, etc.

Logo, ao primeiro exame dos textos publicados, se reconhece que na dialectica do pensador interfere frequentemente a *vis* combativa de um

agitador e a technica aphoristica, affirmativa e dogmatica *de um Apostolo e de um Chefe*.

As reticencias, as perplexidades, as condicionaes tão características das intelligencias criticas, isentas de faccionismo, são substituidas, á maneira de Mussolini e de Hitler, por convicções imperativas e contagiosas. Estamos perante uma intelligencia adextrada na acção, *com a vocação nativa do commando*. E' verdade que elle não faz tábua rasa da imponente obra mental do seculo XIX. Ha certos assumptos sobre que paira ainda uma legitima duvida. As suas doutrinas não parecem por emquanto ter attingido a nitidez e a concisão de um systema solidamente articulado. No seu programma ha ainda generalizações em demasia. Essa apparente insegurança resulta da nossa incompreensão ou das proprias condições singulares em que se apresenta o complexo dos problemas brasileiros?

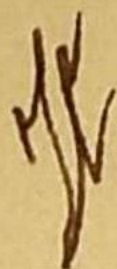
De qualquer modo, o que é innegavel é ter Plinio Salgado revelado *um talento irrecusavel de organização*, que faz accudir ao pensamento os primeiros passos de Hitler, aliás facilitados pelo instincto gregario do povo allemão, pelos seus habitos inveterados de disciplina, pela inquietude gerada nas catastrophes e attribulações padecidas e nas apprehensões da ameaça communista.

E' necessario que o Chefe do Integralismo exagere e dramatize os perigos para crear mais

facilmente um ambiente favoravel á sua offensiva doutrinaria? (3) Para servir essa tactica elle dispõe de uma eloquencia que suggestiona e arrebatá os auditorios dos jovens integralistas, os submete sem constrangimento a uma disciplina obediente, desenvolve nelles o sentido heroico da vida e os inflamma de fé e patriotismo. Já não é pouco para a aura de um Chefe”.

(3) *A rebellião de fins de novembro foi a prova de que os perigos annunciados não foram exaggerados para crear “ambiente favoravel” ... (Nota dos organizadores).*

O Chefe Nacional

A handwritten signature or set of initials in dark ink, located on the left side of the page. It appears to be a stylized, cursive mark.

ALMEIDA MAGALHÃES

FRANCISCO TEIVE DE ALMEIDA MAGALHÃES nasceu no Districto Federal a 5 de março de 1893. Fez humanidades no Collegio Diocesano de S. José do Rio Comprido e no Collegio Pedro II. Bacharelou-se em Direito na Faculdade do Rio de Janeiro. Membro da Academia Mineira de Letras, Socio do Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes.

Publicou:

Farias Brito e a Reacção Espiritualista; Teixeira de Freitas e a Unificação do Direito Privado; Universidade, Obrigatoriedade e Sigillo do Voto, (These); Ha uma consciencia americana no Direito Internacional?, (These).

O estudo de Almeida Magalhães, que conseguimos, é um depoimento que, por si só, diz muito sobre Plinio Salgado.

Plinio Salgado, que encarna neste instante historico todas as aspirações mais nobres da nacionalidade, é um moço de minha geração.

Conheço-o e sigo-o com sympathia desde os tempos em que ainda residia em S. Bento do Sapucahy.

Transferido para São Paulo estava finalmente no meio que lhe convinha.

Notabilizou-se immediatamente como uma das intelligencias mais lucidas do Brasil.

Foi dos que fizeram a campanha pela renovação mental do paiz ao lado de figuras de prestigio e valor literario.

O modernismo brasileiro muito deve á doutrinação de Plinio Salgado.

Foi um dos chefes da verdamarellismo, ao lado de Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia.

Os artigos que então escrevia continuamente, no velho orgão "*Correio Paulistano*" são trabalhos que ainda hoje merecem ser lidos pela intuição prophetica de muitos delles e pelo brilho e exactidão com que focalizava o phenomeno brasileiro.

Fez o movimento da anta. Passou. Mas fica como uma phase historica importantissima na evolução da mentalidade brasileira.

Elle queria a literatura nacional integrada na nacionalidade. Condemnava a obra ficcionista, esquizoide, deslocada de nosso meio e portanto, anti-brasileira, anti-nacional, sem significação.

Comprehendia o sentido nacional da literatura.

Do seu admiravel convite á mocidade intellectual do Brasil para que não desertasse de colaborar na grande obra de construcção da nacionalidade, convite que se vê nas primeiras paginas introductorias de LITERATURA E POLITICA, aos seus eloquentissimos romances, foi um passo.

O Estrangeiro, *O Esperado* revelam bem o pensamento do homem que dentro em pouco estaria á frente da maior organização politica, que jamais existiu no paiz com tanta unidade e tanta firmeza de principios philosophicos e sociológicos.

O Chefe Nacional da Accção Integralista Brasileira, que Mocóca teve a felicidade de ouvir na noite de 30 de Maio (1) é um desses raros especimens de homens que sabem realizar na pratica o que pensam em theoria.

(1) 1934.

Tem sido logica a evolução mental de Plinio Salgado. O seu caminho desde a inesquecivel Semana de Arte Moderna, vem sendo batido com o mesmo rythmo.

Foi o unico que não tomou veredas diferentes nas grandes encruzilhadas patheticas que temos atravessado nesta longa odyssea de dez annos!

Foi o unico que não errou a estrada!

E felizmente para o Brasil.

Por isso, hoje, Plinio Salgado, Chefe Nacional da Acção Integralista Brasileira, realiza o milagre inacreditavel de ser, na historia do Brasil, o unico homem que conseguiu formar em torno de uma doutrina politica de que é o maximo representante e a interpretação viva, o maior numero de brasileiros unidos e firmes ao seu lado na grande Revolução.

Acção superpartidaria, o Integralismo, com Plinio Salgado á frente, já está apagando todo o fulgor que tiveram os grandes movimentos historicos de nossa evolução politica, como o da Independencia e, muito mais tarde, o do civilismo.

Estamos numa nova era.

Plinio Salgado

GODOFREDO FILHO

GODOFREDO FILHO nasceu na Bahia.

E' um expoente da intelligencia bahiana. Publicista, jornalista e poeta da corrente moderna.

Collabora nos jornaes bahianos e cariocas. Apparece assiduamente no supplemento do "Diario de Noticias" do Rio.

Em 7 de outubro de 1933, escreveu n' "*A Tarde*" o penetrante artigo que publicamos.

Ainda persiste em nossa memoria o rumor de sua palavra. Nós a ouvimos ainda, bem viva e bem forte, annunciando uma claridade desconhecida que ha de illuminar os taciturnos céus de nossa hora. Ainda se não apagou do espelho de nossos olhos *aquella figura serena e triste, de cujos labios nós escutamos commovidos e surpresos, o Evangelho novo da Redempção do Brasil.*

Vencendo o scepticismo systematico de certos espiritos, aos quaes Julien Benda, numa these famosa, prohibiu o terreno da acção, esse homem, aspirando outra plasmagem para o mundo, erigiu-se em nosso amigo e nosso guia, e fez que todos nós, os homens de boa vontade, nos persuadissemos de que a sua doutrina politica é verdadeira doutrina da Vida.

Chama-se Plinio Salgado esse homem. Integralismo, a doutrina que elle traz.

Certamente que receiam no Brasil iguaes exemplos. Porque ninguem, sem esperanza immediata de lucro traduzido no alcance compensador de posições felizes, se abalançaria a emprender abnegadamente pelo nosso litoral e pelo

nosso sertão, uma semelhante cruzada que visa o preparo da mocidade para, num amanhã talvez remoto, proceder á renovação, ou melhor, á transformação de nossa ordem social e politica.

O movimento que vem agora, vencendo, é indice do melhor espirito que anima os nossos destinos. *A sombra da bandeira integralista reune-se a mocidade forte do Brasil* e, conscia do valor da disciplina, cerra fileiras para obedecer sem vacillar, ao Chefe de cujas mãos espera um dia a formação, entre nós, do verdadeiro Estado Integral.

O valor mais alto dessa campanha está no apoio que lhe dá a mocidade, no enthusiasmo com que a geração nova se arrojou á luta sem tréguas. A mocidade fascista livrou a Italia da ruina comunista; a mocidade racista ergueu a Allemanha da vergonha e do desanimo de após guerra; a mocidade syndicalista ressurgiu Portugal, insuflando-lhe vitalidade salvadora; e tambem a mocidade integralista redimirá o Brasil, livrando-o dos corvos politicos que o desgarram e do liberalismo vicioso que o infecta. *Na mocidade reside a força maior do integralismo.* Elle é uma doutrina de moços, e para todos os que, se abeirando delles, gozam os beneficios de um rejuvenescimento perfeito.

O Integralismo nasce, pois, das aspirações mais altas do povo brasileiro. E o seu mais ni-

tido, mais claro, mais crystallizado anseio de felicidade.

Não provindo de motins de quarteis, nem de exaltações democraticas de falsos demagogos, elle se propaga e se firma nas almas pelo poder persuasivo da palavra.

Pela palavra nós prégamos ás gerações de hoje e ás de amanhã. Por ella plantamos nos corações dos homens os germens da libertação, que reside unicamente na subserviencia de todas as forças da materia aos imperativos illuminados do Espirito.

A palavra de Plinio Salgado lembra assim a dos antigos apostolos primitivos da religião christã. Elle tambem, como aquelle outros, desceu de longe; como aquelles outros, elle tambem é simples e humilde de coração; como aquelles outros, elle préga tambem o advento do Espirito. Porque a vida do integralista é uma vida de sacrificio, é uma vida de abnegação, é uma vida de renuncia.

Nós sentimos a realidade do mundo moral. Nós tocamos as fronteiras desse mundo, cujo imperio nos submete formidavelmente. Por isso mesmo, dentro da logica, acreditamos que sobre a terra, o Estado é "a verdadeira realidade do individuo". Dahi, o dever desse mesmo Estado de promover a vida espiritual. De amparal-a. De alargal-a sempre. Insurgimo-nos contra todas as concepções materialistas da historia, nós somos os

homens de hoje, os que, realizando uma synthese portentosa, desdenham os preconceitos scientificos e archaicos dos fanaticos de outra idade.

No Brasil de agora, o homem de visão clara, de visão perfeita dos nossos problemas, é Plinio Salgado.

A sua campanha, iniciada pela palavra, ha de triumphar, não tenhamos duvida. *Mais hoje, mais amanhã, vencerá em definitivo.*

A palavra não manda só: commanda. D. Juan Montalvo, em Paris, ao receber a noticia da morte de Garcia Moreno que, diga-se de passagem, era tão grande ou maior do que elle, exclamou:

“Mi pluma lo mató”. Verdade profunda, essa que registra tão vigorosamente o poder do verbo.

Sabemos que apparecerão os invejosos; esses levantarão doutrinas semelhantes com o fito de confundir-nos. Sabemos que se erguerão, violentos e audazes, os adeptos do marxismo materialista. E o menos até. Nós trazemos a flamma do Ideal que sobrevive ao corpo.

Sabemos tambem que a parte peor a vencer será a dos scepticos, a dos amaveis, commodistas burguezes a dos accommodaticios freneticamente agarrados a preconceitos seculares; e os outros: os indifferentes, os indecisos, os timidos. Adeante sempre... Elles serão aplainados. Porque nós somos tambem um rôlo compressor.

Os homens passam; as idéas vingam. Aquelles pódem morrer na luta: mas estas, quando elles morrem, se tornam estrellas pregadas no eterno firmamento. Mestre, segue a tua jornada pelo aspero caminho! Nem te perturbe jámais o rumor da tempestade...

Ella será como um côro desmedido musicando o esplendor do teu sonho!

Que importam os que ficaram na planície, os que rastejam, os que não vôam porque lhes faltam as azas?

A esses, que admiraveis ficariam em teus labios aquellas palavras divinas de Zaratustra?

— “Alguns homens me teem por um coração frio; outros, por um bôbo de zombarias sinistras; porém eu vos digo a vós: placida é a minha alma e luminosa como a montanha da manhã cedo!”

*Alguns aspectos
da vida de
Plínio Salgado*

FERNANDO CALLAGE

FERNANDO CALLAGE nasceu em Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul. Tem collaborado nos principaes jornaes do paiz. Já publicou os seguintes livros: "Através do Rio Grande", "A Revolução dos Farrapos", "Episodios Historicos". Tem prompto para o prélo: "Colonização e Immigração" e "Problemas sociaes". E' collaborador effectivo do "Correio do Povo", de Porto Alegre. Actualmente faz parte do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul e da Academia de Letras do mesmo Estado. Faz parte tambem da Associação Paulista de Imprensa.

O presente trabalho é um extracto de um livro que o escriptor gaúcho está escrevendo sobre a vida e a obra de Plinio Salgado.

I

O CLUB TALVEZ...

Desde que cheguei em São Paulo, vindo do Rio Grande, lá pelo anno de 1923, fui morar numa pensão na Avenida Luiz Antonio. Para alli, no começo de 1926, foi tambem residir Plinio Salgado.

Nossas relações, que já eram bastante extensas, em virtude de trabalharmos juntos na revista "Novissima", nessa pensão, se estreitaram mais. Por uma feliz coincidencia, o autor de "O Estrangeiro" começou a habitar um quarto em frente ao meu.

Conversavamos quasi que diariamente. O nosso assumpto predilecto era o literario. Mas, tambem, conversavamos muito sobre politica, quer estrangeira, quer nacional.

Em face dos acontecimentos politicos europeus, em que a figura de Mussolini vinha empolgando o mundo com as reformas da estrutura do Estado, bem como a politica da III Internacional que, por intermedio de alguns agitadores, queria implantar, no Brasil, o regimen communista, tinhamos largas palestras.

Quasi todas as noites ficavamos em casa para o cavaco costumeiro. Tambem vinham tomar parte nelle varios intellectuaes amigos e admiradores do escriptor illustre. Entre estes é justo destacar : Raul Bopp, Plinio Mello, Mario Gracioti, Augusto F. Schmidt, Manoel Mendes, Belmonte, Cassiano Ricardo e outros. (1)

Geralmente sempre apparecia um novato com um calhamaço debaixo do braço, que vinha pedir a sua opinião “sincera”. Plinio não sabia negar. Era um extraordinario animador de quantos, literatos ou poétas, batiam á sua porta.

Ás vezes ficava tardias horas da noite, numa paciencia evangelica, ouvindo a leitura de um livro. Quasi sempre livros de maus versos...

Certa occasião, vendo a sua formidavel paciencia, aturando cacetes, fiz-lhe a seguinte objecção :

— Não sei como você, Plinio, tem tanta paciencia para aturar taes leituras. O mais interessante é que você as ouve inteirinhas e do começo ao fim !

Plinio, sorrindo, chupando um cigarro de palha, com larga bonhomia, respondeu-me:

— E’ o que lhe parece. Você pensa que eu estou prestando attenção ao livro. Engana-se.

(1) Esse ambiente foi o inspirador de um dos capitulos mais interessantes do romance “O Esperado”, e que tem o titulo de “O club talvez...”

Geralmentè estou com pensamento bem longe, nos destinos da patria. Quando o livro me agrada, realmente, eu presto attenção; mas, quando não presta, dou tratos á imaginação, architectando contos, trabalhos, estudando as figuras dos meus futuros romances...

— Mas você dá, sempre, uma opinião favoravel a taes livros.

— E' claro que dou. A psychologia desse meu asserto, funda-se no seguinte: quem traz um calhamaço para pedir uma opinião critica, traz tambem uma resolução: publicar o livro... Dahi o facto de ser inutil uma opinião desfavoravel. Por isso, não as dou. Sou um gallo velho, experimentado. Certa occasião, tive o mau senso de fazer ver, a certo poéta, que o livro possuia grandes falhas, que não deveria publical-o. Foi inutil. Consegui um inimigo e o livro foi publicado...

Achei graça no facto e não disse mais nada.

* * *

Já em 1926, por essa occasião, o pensamento politico de Plinio Salgado se achava bastante modificado. As idéas de Alberto Torres, do grande e esquecido sociologo brasileiro, iam transformando a sua mentalidade.

Notava, em espirito, a necessidade de uma reforma dos costumes politicos, uma preocupação

pelos problemas nacionaes, para que esses problemas fossem estudados, atacados pelos nossos administradores, pelos nossos estadistas, que não tinham olhos para ver as necessidades do povo brasileiro, que soffria, por parte dos politicos, um indifferentismo verdadeiramente criminoso, principalmente com relação ás populações ruraes. Os politicos só tratavam, só cuidavam dos seus interesses pessoaes, dos interesses regionaes de grupos e dos interesses dos grandes syndicatos estrangeiros, que nos emprestavam dinheiro para ficarmos presos ao judaismo internacional.

Era uma calamidade. Emquanto o mundo soffria uma transformação completa no seu rythmo evolutivo, o Brasil, em matéria de questão social, estava atrasado cem annos.

Plinio Salgado enxergava bem isso tudo. Nas palestras da avenida Luiz Antonio, sempre que podia, em discussão com os amigos, mostrava o seu pensamento, a sua opinião com respeito aos nossos politicos sem uma idéa, uma comprehensão das realidades brasileiras.

Em parte, elles, os politicos, não eram os culpados pela nossa situação, os culpados eram, sim, os nossos intellectuaes que se alhejavam, por completo do Brasil, das suas necessidades, para, tão sómente, tratar de assumptos superficiaes, “snobicos”, sem nenhum interesse para a nossa patria. O intellectual timbrava em ser estrangeiro. Um

mau brasileiro. Emquanto isso, os politicos, os incompetentes, iam se apossando do poder e criando oligarchias municipaes e estaduaes...

II

A FUNÇÃO SOCIAL DO ESCRIPTOR

Os escriptores brasileiros sempre se alhearam de todos os problemas nacionaes. Poucos, muito poucos, foram os que trataram sériamente de focalizar assumptos que importassem no progresso da nossa vida social, material e moral.

Tanto no Império, como na Republica, o desinteresse é flagrante. Quasi todos os nossos intellectuaes vivem á margem do Brasil, mais proximo de Portugal, França e Italia do que da nossa terra.

Tito Livio de Castro, no fim da monarchia, no seu livro "Questões e Debates", fez sentir a indiferença da intellectualidade brasileira em face das nossas realidades, e, no começo da Republica, Euclydes da Cunha, através do seu "Sertões", estigmatizou a nossa apathia, a nossa displicencia em torno do brasileiro que, no sertão, sem hygiene, sem escolas, sem estradas, sem estimulo, vive completamente abandonado dos poderes publicos.

Vendo esse descaso, compreendendo que a função do escriptor tem que ser social e educativa, Plinio Salgado, em meados de 1927, publica "Literatura e Politica", um volume de 140 paginas, como "convite, para que nós, os escriptores brasileiros, nos interessemos mais pela nossa terra. Ainda mesmo que esse interesse nos custe o desgosto de vermos interpretada erradamente a nossa attitude" (2). "Um convite á intellectualidade nova do Brasil para que não deserte dos sagrados serviços á Nacionalidade" (3).

Esse volume, que era como um clarim a despertar a consciencia nacional, foi, em nosso meio, infelizmente, mal interpretado. Raros, rarissimos, foram os que o comprehenderam, como elle devêra ser comprehendido. Plinio Salgado, por isso, começou a soffrer uma forte campanha, não só por parte dos nossos pseudo-letrados, como por parte dos politicoides que, agachados nas columnas dos órgãos officiaes, procuravam, por todos os meios, incompatibilizal-o com a opinião publica. Porque "no Brasil já não se acredita que haja espiritos capazes de trabalhar sem lucro immediato e pessoal". (4)

Esse livro é como um prólogo da sua completa renovação politica e mental, da sua grande acti-

(2) "Literatura e Politica", pag. V.

(3) idem, pag. XI.

(4) idem, pag. V.

vidade em pról de um movimento cultural para transformar, por completo, os costumes politicos brasileiros, nascidos do liberalismo democratico que tem feito a desgraça do mundo.

Tal é a comprehensão de Plinio Salgado, pelos nossos problemas, que, abrindo o livro, affirma com convicção :

“Sentir-se-á nestas paginas a impressão que me tem ficado da obra de Alberto Torres, das ponderações de Tavares Bastos, do novo pensamento nacional que, com feições differentes, por vezes contrastantes, espelha-se na literatura social e politica de Oliveira Vianna, Pontes de Miranda, Licinio Cardoso, Roquette Pinto, Tristão de Athayde, Jackson de Figueiredo e outros de igual merecimento. Tambem será observada a influencia dos depoimentos e commentarios de Euclides da Cunha, visionador alcantilado dos problemas brasileiros. E ver-se-á, finalmente, que tomei o Brasil dentro do seu tempo e das contingencias internacionaes, sob a impressão fortissima da situação nacional em face da luta de idéas que derivou, nos velhos paizes, da Grande Guerra e da Revolução Russa”.

Estudioso, culto, apaixonado, vivendo a sua época, claro que Plinio Salgado não podia mais sujeitar-se a formulas fixas e viver enclausurado entre quatro paredes de uma politica partidarista, estreita, que só via interesses de grupos, castas,

em desabono e desproveito da collectividade — a grande martyr de todos os maus governos por que tem passado o Brasil.

Uma realidade mais forte tinha que, forçosamente, nos interessar, pois “durante um seculo de independencia politica, nunca tomámos parte nos debates em que se discutem os destinos do Brasil. Na esphera puramente literaria, nosso romance e nossa poesia sempre tiveram um caracter de dilettantismo, porque não foram *sentidos*, mas simplesmente *imaginados*. Não se originaram nunca de raizes ethnicas, das dôres profundas dos dramas sociaes, do meio cosmico e das condicionalidades historicas. Pois o intellectual brasileiro não poudé ser o medium possuido de si mesmo, quer dizer das forças e das vózes nacionaes que estão no seu sangue, pelo facto, justamente, de divorciar-se da vida vivida no seu paiz” (5)

Plínio Salgado preceitua então :

“Já não nos interessam essas phrases que foram bandeiras de barricadas ideologicas e que acenderam nossos debates durante tantos annos. Systemas eleitoraes, processos de escolha, voto descoberto ou voto secreto, organização de partidos, constituição de assembléas politicas, presidencialismo ou parlamentismo, — tudo passou para o rôl das cousas inopportunas, deante desta realidade formidavel, que terá como consequencia to-

(5) “Literatura e Politica” — pag. VI.

dos os acontecimentos sociaes : a realidade economica". (6)

* * *

Óra, quem assim escrevia, em 1927, não era e nunca foi um *opportunista*, quando, em 1930, colloca-se francamente ao lado de um punhado de moços idealistas, porque, de ha muito, era um revolucionario convicto, não para galgar posição, arranjar um rendoso emprego publico, mas, sim, para cuidar realmente, de uma radical transformação em nosso systema politico, uma transformação pelo estudo e pela cultura verdadeira

Profundamente brasileiro, gritantemente nacionalista, sem ser jacobino, nesse seu mesmo livro, affirmava, com os olhos fitos na Patria :

"Estas considerações me levam a crêr na immensa necessidade de um levantamento da fé brasileira, de uma coordenação de forças novas, de uma intensa affirmação nacional. O Brasil precisa salvar-se do mal urbano, que tem criado situações artificiaes inexplicaveis. A mocidade brasileira tem necessidade de levantar-se, num movimento de fé. Essa alma dos nossos vastos hinterlands, essas forças espirituaes de trinta milhões de compatriotas, precisam erguer-se numa só expressão de vontade. Acima de todos os interesses pessoaes, de todos os sectarismos politi-

(6) "Literatura e Politica" — pag. 45.

cos ou religiosos, de todã vaidade, de toda aspiração individual de conforto, de gloria, colloquemos o dever de levar aos nossos sertões a nossa solidariedade, com o conforto da instrucção e da hygiene, com o patrimonio que já adquirimos de cultura, afim de que possamos, por novas estradas abertas, receber intensamente essa crença que estamos perdendo, e este amor pelo Brasil, que esfria assustadoramente, na luta esteril e na desunião, ao contacto absorvente das idéas alheias, e sob a compressão das multidões adventicias que aggravam a angustia do nosso mal urbano !” (7)

Sempre brasileiro, preocupado com a unidade da Patria, finaliza o seu bello livro com as seguintes palavras :

“A politica nada poderá fazer pela consolidação do regimen republicano. Uma propaganda forte de nacionalismo, de espirito de solidariedade, de coragem de affirmação brasileira, parallelá á obra administrativa, que compete aos governos, de ligação entre a cidade e o interior, pelo amparo a nossas fontes naturaes de riqueza, pelo soccorro, pela alphabetização e pela hygiene do nosso caboclo, constitue, tudo isso, a tarefa da geração actual do Brasil.

O Brasil existe; se não o achamos é porque não o procuramos”. (8)

(7) “Literatura e Politica” — pag. 106.

(8) idem, pag. 133.

Livro angustiado, mas de fé, “Literatura e Política”, — diversos ensaios sobre a situação que dominava o Brasil, quer na literatura, quer na política, um livro que traz em seu arcabouço uma idéa nova, (9) um presentimento novo — livro este que os nossos politicos não entenderam, e se o tivessem entendido, Plinio Salgado, fatalmente, seria collocado fóra do Partido Republicano Paulista como um authentico inimigo do governo e da Patria...

III

O ESCRIPTOR POLITICO

Além de escriptor de grandes recursos, senhor de um estylo claro, brilhante, com um modo de escrever todo seu, sobejamente demonstrados em “Discursos ás estrellas”, contos; “Literatura e Política”, ensaios de sociologia; “Oriente”, impressões de viagens; “O Estrangeiro”, romance; “O Esperado”, romance; “O Cavalleiro de Itararé”, romance e grande numero de conferencias literarias, como “A literatura gaúcha”, “A Anta e o Curu-

(9) “... a Grande Vespera de um definido pensamento nacional, que tomará com mão forte o lugar que lhe compete na evolução politica e social brasileira”. (*Literatura e Política*) — Plinio Salgado — pag. XIII — 1927). (Nota dos organizadores deste vol.).

pira", "*A formação das cidades paulistas*", Plinio Salgado revelou-se um notavel jornalista doutrinário pelas columnas da "*A Razão*", jornal que foi empastellado na noite de 23 de Maio de 1932, unico grande órgão doutrinário que, até então, existiu no Brasil. (10)

Durante quasi um anno, escreveu, diariamente, o artigo de abertura a *Nota Politica*. Nesses artigos brilhantes, inconfundiveis, culturaes, fixou o seu pensamento politico, expondo a nú o panorama nebuloso da politica nacional, toda feita de retalhos regionalistas, sem directriz, sem programma, sem ideal, sem rumo certo, sem nada de puro e elevado que dêsse, de si, um aspecto verdadeiramente brasileiro.

As suas *Notas Politicas* não se limitavam a uma critica rigorosa da precaria situação brasileira, eram verdadeiras theses, admiraveis ensinamentos, obra mais de um sociologo do que de um jornalista, que se limita a um simples commentario dos acontecimentos do dia.

Plinio Salgado com aquella visão de illuminado, com aquella prodigiosa intuição dos homens verdadeiramente geniaes que enxergam longe o futuro da Patria, o destino da terra querida, enquanto os "leaders" revolucionarios, como os che-

(10) Além desses, Plinio Salgado já publicou uma serie de notaveis estudos sociaes, politicos e philosophicos, e o romance historico "*A voz do Oeste*".

fes da Revolução Franceza, iam, dia a dia, aniquilando uns aos outros, — como accentuou Vergniaud: “A revolução como Saturno devora seus filhos” — elle, pelas columnas de “A Razão”, pregava o reajustamento das forças revolucionarias para que tomassem um caminho seguro e não perecessem em prejuizo da unidade nacional e da propria integridade da familia, da religião, da historia, dos costumes, e tudo quanto, em summa, dissesse, de perto, com os interesses do povo brasileiro.

Foi na “A Razão” que Plinio Salgado encetou, então, uma formidavel campanha contra o suffragio universal e os males irremediaveis da liberal democracia, que tem feito a desgraça do mundo e do Brasil. Pregava um governo forte, tendo, como base, o Estado corporativo, a organização de classes.

Já nesse tempo, vinha se accentuando, com esses famosos artigos de combate, verdadeiramente revolucionarios, a formação de grande movimento nacional, que, mais tarde, veria a ser a Acção Integralista Brasileira, que hoje empolga a mocidade indigena de Norte a Sul do paiz.

Vendo o panorama tristissimo do Brasil entregue até então aos incompetentes, aos “profit-teurs” da politicagem, num de seus mais notaveis estudos dessa época, “*A geração que não sabia crer*”, escreveu amargas palavras, mas profundamente verdadeiras, porque exprimem a nossa do-

lorosa situação politica em face dos nossos erros: “Essa geração que veio de Republica e que chegou cambaleando á Revolução de 1930 foi uma geração de desilludidos de todos os grandes sonhos. Ella se habituou tanto aos interesses immediatos, que não admittiui mais as formas abstractas e puras de um idealismo vivificador. Ella não acreditou mais em idéas, em programmas, em acção de um pensamento. Ella acreditou tão sómente no successo immediato, e, em consequencia, naquillo que concretizava taes successos: os homens, os chefes, os caudilhos”.

Essa situação, lamentavelmente tristissima a que foi conduzida uma mocidade sem ideal, tinha, como guia, modelo, “os mestres, os que se sentavam nas cathedras, para doutrinar á mocidade, incutiam não sómente as theorias materialistas, mas, tambem, pelo exemplo e até pela palavra, a politica do exito”.

Todas as forças pensantes do Brasil harmonizavam-se pelo mesmo diapasão, e, principalmente a imprensa, que tudo tem feito para anarchizar os costumes brasileiros. Cada jornal defendendo um syndicato, tendo um interesse immediatista nos grupos politicos, envenenava, dia a dia, a consciencia da mocidade, que, por isso mesmo não sabia ella agir e nem ter idéas.

Mas, deante do phenomeno que se esboçou por todos os recantos do Brasil, com a formação

da Acção Integralista Brasileira, elle terminava esse artigo com estas generosas palavras de entusiastico optimismo: “Não! Não e não! Não está tudo perdido. Existe uma geração nova que se levanta. Que quer caminhar. Que já começou a caminhar. Que reerguerá a Patria. Que construirá o Brasil. Que saberá ir até ao sacrificio, para redimir nossa terra e nossa gente dos erros do passado. Essa geração surge com força. Seu entusiasmo não é um fogo de palha. É um incendio assoberbante de fé, de brasilidade, de convicção e de certeza. Pois se a geração velha não soube acreditar em coisa alguma e succumbiu no pantano de todos os immediatismos, a nova geração saberá crer, e se isto é loucura, bem dita a loucura sagrada que salva as Patrias do bom senso que as destroe, enxovalha e avilta.

Capacidade de acreditar nalguma coisa. Eis a virtude da gente nova. Os velhos não poderão entender esse grande sentido da vida, que pertence ás gerações eleitas, destinadas a entrar de uma maneira violenta e decisiva na Historia”.

Esse artigo, como tantos outros que escreveu após a revolução de 30, trazia esse calor, esse fogo sagrado de uma idéa nova imperecível. Dia a dia, sua penna estigmatizava os erros do passado e os vicios do presente, mostrando, com clareza, esse chaos em que temos vivido, sem que uma vóz profundamente patriotica tivésse surgido pa-

ra nos conduzir a uma situação de verdadeira organização politico-social e defendesse o Brasil do judaismo internacional.

Mas, Plinio Salgado, felizmente, não clamava no deserto, porque, hoje, é uma realidade a Acção Integralista Brasileira.

IV

A NOBREZA E O CHARACTER DO CHEFE NACIONAL

Tem-se dito e repetido (os individuos de má fé) que Plinio Salgado só *evoluiu* depois da revolução de 1930. Nada de mais injusto e de mais torpe. Muito antes da revolução que derrubou a velha oligarchia politica, já vinha elle pelo livro, pela conferencia, pelos seus trabalhos literarios, manifestando o seu espirito eminentemente revolucionario. Mas um revolucionario no bom sentido, na idéa, nos actos que praticava, e, em todas as suas manifestações intellectuaes.

Era um “revolucionário” de ampla visão sociologica e que desejava não a “mudança” de homens na administração do paiz, mas, sim, a transformação radical dos nossos costumes politico-sociaes. Para isso, queria a mudança do Es-

tado para uma nova estrutura, que correspondesse ás necessidades brasileiras.

Quando, em principios de 1930, viajou para a Europa (11) estava completamente desligado

(11) Uma das maiores injustiças que se lhe fez, foi de que fez essa viagem á custa dos cofres do Thesouro do Estado de S. Paulo. Elle a fez como preceptor do jovem Joaquim Carlos de Souza Aranha, tendo a sua dignissima progenitora custeado as despesas.

Os organizadores do presente livro resolveram esclarecer mais esta *nota* do A., transcrevendo a seguinte *secção livre*, publicada no "Diario de S. Paulo" de 6-3-1931:

PLINIO SALGADO E O "DIARIO NACIONAL"

O "Diario Nacional" affirmou:

1.º) — que me fiz "deputado de um momento para outro, por obra e graça de artigos laudatorios aos governos depostos";

2.º) — que elles, jornalistas do "Diario", sempre me julgaram, apenas, um "bom moço";

3.º) — que fiz uma viagem á Europa e ao Oriente, á custa do governo, ou de politicos;

4.º) — que estou actualmente na Legião Revolucionaria, usufruindo proventos.

Respondo:

I

Fui eleito deputado em 1927. Minha vida politica tinha começado muito cedo. Chamo para isso o testemunho das populações do Norte do Estado, onde fundei, com Gama Rodrigues, que poderá falar da minha combatividade, em 1918, o Partido Municipalista, de caracter independente. Em 1924, achava-me eu como redactor do "Correio Paulistano", quando se deu o rompimento

de quaesquer compromissos com o Partido do qual fazia parte. Já, nesse tempo, a desillusão, pelos

chamado da Colligação, em que uma ala do P. R. P. em que figurava o dr. Marrey Junior, se pôz em opposição ao governo do sr. Washington Luiz. Apesar da excelente situação que se me antolhava, se ficasse eu com o governo, declarei ao meu velho amigo Flaminio Ferreira, o seguinte: “Entre um amigo que cáe e outro que fica de cima, eu acompanho o amigo que cáe”. Assim, deixei o “Correio Paulistano” e fui secretario geral da Colligação. Sobre a minha actuação nessa aggremação politica, sobre o meu desassombro, minha efficiencia e dignidade, eu repto destas linhas, o chefe democratico, sr. Marrey Junior para que venha dizer o que sabe. O sr. Marrey Junior sabe que deixei collocações, que fiquei em situação de quasi penuria, mas que fui dos mais ardorosos, dos mais intransigentes batalhadores. A minha actuação jornalística nessa occasião conhecem-na todos os então colligados, hoje muitos democraticos, e pôdem disso dar testemunho os actuaes directores do “O Estado de São Paulo”.

Em 1925, derimidas as contendias politicas em São Paulo, meu velho amigo Flaminio Ferreira declarou-me que a minha mesa na redacção do “Correio” continuava vazia. Não voltei, por conveniencias particulares, mas prometti que daria sempre a minha collaboração ao organo perrepista. Essa collaboração marcou o inicio da grande campanha de renovação mental do paiz, onde preguei meu credo nacionalista, hoje concretizado no Manifesto da Legião Revolucionaria de São Paulo. (NOTA: Plinio Salgado abandonou logo a *Legião* porque esta desvirtuou o seu pensamento, trahindo-o). Nunca bajulei quem quer que seja, como nunca ataquei ninguém do ponto de vista pessoal. Fui um doutrinador. E não me limitei ao jornal paulista, escrevi, visando a mesma campanha, em numerosos jornaes do paiz.

Em 1926, publiquei o “Estrangeiro”.

Foi nesse momento, em que eu representei a propria consciencia de uma geração nova, que se impunha, que

nossos homens e pela nossa politica de campanario, o tornara um revoltado. Muitas vezes, fez-me

o sr. Julio Prestes, attendendo não só a esse facto, mas ás correntes eleitoraes que eu representava, de ha muito, no Norte do Estado, applaudiu a indicação do meu nome pelas forças que o faziam, declarando-me que pretendia esforçar-se para pôr em execução um programma de governo que se enquadrasse na realidade visionada no "Estrangeiro", do qual falavam no momento os grandes technicos da nossa sociologia.

E vieram as eleições. Entrei pelo 2.º turno. Fui o candidato mais votado. Fui eleito, não sómente pelo P. R. P., mas pela totalidade das forças eleitoraes do 3.º districto, *inclusivé o Partido Democratico*.

E' preciso que o "Diario Nacional" saiba que o Partido Democratico, no 4.º districto, o Partido Independente, do sr. Gama Rodrigues, as dissidencias locaes das differentes cidades, todas essas forças se colligaram para votar no meu nome. Esse movimento é publico e notorio no Norte do Estado.

Não fui, portanto, eleito por obra e graça de artigos laudatorios. Eu tinha um passado de lutas, de trabalho, de estudos, de reputação como escriptor e como homem, e representava já alguma cousa deante da qual o proprio Partido Democratico soube portar-se com respeito.

II

O "bom moço" a que se refere o "Diario Nacional", com intenção peyorativa, é, realmente, um bom moço, se attentarmos para o seguinte: — viveu sempre honestamente do trabalho; nunca fez jornalismo de picareta; cumpriu sempre os seus deveres nos lugares onde tem trabalhado.

Agora, esse "bom moço", produziu a seguinte obra:

Livros: "O Estrangeiro", romance, social (V. os estudos de Tristão de Athayde, Aggripino Grieco, Monteiro Lobato, Oliveira Vianna, Jackson de Figueiredo,

ver o seu estado de espirito, a sua intranquillidade pelos destinos do Brasil.

Motta Filho, Sud Menucci, e cento e tantos outros de todas as correntes de idéas do paiz); “O Esperado”, romance social, do qual o proprio “Diario Nacional” disse, ha dias, tratar-se de um livro do escriptor “que leva mais a serio a sua missão entre nós”; “Discurso ás estrellas”, chronicas; “Literatura e politica”, ensaios sociologicos; “O Curupira e o Carão”, livro de polemica defendendo o ideal de brasilidade; “O Homem do Brasil”, estudo sobre o homem brasileiro como factor economico; “Geographia sentimental”, no prelo, estudo dos elementos psychologicos de unidade sentimental das populações brasileiras; “Literatura Gaucha”, ensaio de critica literaria; e outros trabalhos em elaboração.

Eu convido agora o “Diario Nacional” para que cite a obra escripta de seus directores, afim de que o povo de São Paulo possa avaliar se a mim ou a meus detractores cabe, no sentido que empregaram, o epitheto de “bom moço...”

III

O “Diario Nacional” affirma que fiz uma viagem á Europa e ao Oriente, á custa do governo ou de politicos.

Não possuindo fortuna, como os argentarios plutocratas do Partido Democratico, não me acanho de contar ao povo do meu Estado a maneira como viajei á Europa e ao Oriente. Junto a estas linhas publico os documentos oriundos do Banco Francez e Italiano e da Navigazione Generale Italiana, que demonstram a origem do dinheiro com que fiz essa viagem, que tanta inveja está despertando nos homens do “Diario Nacional”.

Viajei a serviço particular, e as declarações abaixo provam exuberantemente esse facto. Tive por incumbencia zelar pela educação e pela instrucção de um joven patricio, o sr. Joaquim Carlos Egydio de Souza Aranha, filho da exma. sra. d. Analia Ferreira de Souza Aranha e cunhado do sr. Alfredo Egydio de Souza Aranha, e ser ao mesmo tempo o depositario de uma som-

Viaja, então. Percorre 14 paizes. Na Italia e na França, estuda todos os problemas do mo-

ma que sua veneranda progenitora a mim confiou para as despesas do filho e do preceptor.

Se eu tivesse viajado até como tripulante infimo de bordo, — como o fizeram em 1880 os que mais tarde foram figuras das mais ardorosas na renovação do então archaico imperio nipponico — ainda assim eu não teria acanhamento de o contar, nesta época em que, em vez de dignificarmos os agiotas de cartola e os politicos useiros e vezeiros em advocacias administrativas, queremos dignificar o Trabalho e o Espirito. Chamo a attenção dos meus patricios para os documentos que com estas linhas publico. Sei que elles não me diminuirão, pelo contrario, me elevarão; elles exaltarão o brasileiro modesto e pobre, que sabe que toda a sua grandeza reside na força do seu espirito, no esforço continuo e no amor da sua terra e da sua gente.

Agora, tambem, o repto:

O Partido Democratico esteve no poder 40 dias. O “Diario Nacional”, com a truculencia de um jornal de provincia, publicou longas listas de pagamentos do Palacio, onde numa figurou o meu nome. Tem funcção em São Paulo uma commissão de syndicancia. Pois bem. Eu desafio o “Diario Nacional” para que diga, dentro do prazo que me pedir, por que Secretaria passou o dinheiro com que diz ter eu viajado para a Europa e o Oriente.

E se a prova não vier, que o povo julgue a calumnia. E seja o supremo juiz entre mim e os meus accusadores.

IV

Appello para a Legião Revolucionaria de São Paulo; appello para os cidadãos que estão á frente do governo da minha terra; para que informem ao “Diario Nacional” e ao Partido Democratico, se estes lhes pedirem esclarecimentos sobre:

mento contemporaneo. Em Roma, conversa com Mussolini. Fica entusiasmado pela obra de

— se estou exercendo alguma funcção remunerada;
— se estou recebendo algum provento, seja elle de que espécie fôr;

— se já pedi alguma cousa, para mim ou amigos;
— se fui procurar a Legião, ou fui procurado por ella.

Esta ultima proposição, aliás, já foi respondida pelo sr. Mauricio Goulart, secretario geral da Legião Revolucionaria de São Paulo, na "A Gazeta", numero de 5 de março, e para as suas declarações chamo a attenção do povo.

Appello para os antigos perrepistas; appello para os proprios membros do Partido Democratico; appello para todos os que exercem funcção publica ou a exerceram nos governos passados; appello para a imprensa da minha terra; appello para o publico em geral, especialmente para os que me conhecem de longa data; a todos que souberem qualquer cousa que deponha contra a minha honra ou o meu caracter, para que venham a publico, para que me denunciem, apontando factos concretos. Ao proprio sr. Julio Prestes que está fóra do paiz, mas que poderá vir a ter conhecimento deste meu appello, peço que diga se algum dia subi as escadas do palacio para pedir qualquer cousa para mim ou para os meus. Que s. excia., diga se, durante todas as demarches para a formação da chapa de deputados, eu algum dia puz os pés no Palacio.

Appello, pois, vehementemente, para todos os meus patricios, para que abram devassa na minha vida publica e na minha vida privada.

Se os homens do "Diario Nacional" quizerem ou puderem, que façam o mesmo. Quanto a mim, não temo devassas, nem na essencia e pureza da doutrina politica que sempre preguei, que é aquella mesma que expuz em discursos e conferencias, em artigos da imprensa, em livros, num trabalho de 10 annos. Que é aquella mesma que expuz em cartas a amigos, quando, deante das velhas civilizações europeas, eu jurei vir trabalhar, vir sacrifi-

construcção nacional do "Duce". Nota que o fascismo transformou um povo velho num povo

car meus interesses e até minha vida, pela nossa Patria Commum.

Para a frente!

PLINIO SALGADO

A documentação:

S. Paulo, 5 de março de 1931.

Illmo. sr. Plinio Salgado.

Nesta.

Prezado sr.

Attendendo ao seu pedido verbal de hontem, cumprenos declarar-lhe que a passagem do vapor DUILIO, sahido de Santos em 26 de abril de 1930, com a qual v. s. viajou para Genova, bem como o bilhete de excursão aos paizes do Oriente, no vapor BRASILE, da Sitmar, sahido de Genova em 11 de maio de 1930, foram pagos nesta Companhia pelo dr. Alfredo Egydio de Souza Aranha. No mesmo dia, o referido senhor pagou identicas passagens para o sr. Joaquim Carlos Egydio de Souza Aranha.

Sem mais, é com elevada estima e distincta consideração que nos subscrevemos, de v. s.

Attos. Obros.

"ITALIA-AMERICA"

Sociedade Brasileira de
Empresas Maritimas

(.a) *Falco*

S. Paulo, 4 de março de 1931.

Illmo. sr. dr. Plinio Salgado.

Nesta.

Prezado sr.

joven e agil. De Veneza, em 7 de Julho de 1930, escreveu-me a seguinte carta :

Referimo-nos ao seu prezado favor de 3 do corrente e respondemos ás perguntas nelle formuladas:

I — (Em que data me foi aberta uma carta de credito, nesse Banco, e, a seguir, quaes os saques que fiz em paizes da Europa e em conta de quem foram os mesmos debitados?)

A carta de credito foi emittida em 24 de abril de 1930 por ordem de d. Analia Ferreira de Souza Aranha, pela quantia de Lrs. 1.500 —, valida até 24-4-1931.

Essa quantia foi utilizada integralmente e as importancias que foram utilizadas parcelladamente foram debitadas na conta de d. Analia Ferreira de Souza Aranha, conforme avisos que enviamos á mesma.

II — (Se consta nesse Banco algum pagamento a meu favor, por conta ou ordem de quaesquer Poderes Publicos estaduaes, municipaes ou federaes?)

Não consta em nosso Banco, nesta succursal de São Paulo, pagamento algum a seu favor.

III — (Se consta algum pagamento, por conta ou ordem de qualquer politico do P. R. P.?)

Resposta identica á precedente.

IV — (Se disponho de qualquer saldo nesse Banco?)

V. s. não dispõe de saldo algum na succursal de São Paulo do nosso Banco.

Sem mais, valem-nos da oportunidade para apresentar-lhe os protestos de nossa elevada estima e consideração.

De v. s. amos. attos. obros.
BANCA FRANCESE E ITALIANA
PER L'AMERICA DEL SUD

(a.) *Di Mattina Margutti*

“Meu caro Callage. Estive hoje na Exposição Biennal de Veneza. É um certamen que honra a Italia, e, principalmente, o governo fascista. Vi todas as tendencias da pintura moderna, mas o que ha de notavel é o proprio programma da Exposição, que vem assignado pelo Podestá de Veneza e as autoridades do Ministerio de Educação; nelle estão exactamente, as idéas do nosso grupo. As palavras com que Marinetti apresenta os futuristas são tambem muito interessantes. V. leia o artigo que a respeito da “Arte”, sob o fascismo, vou mandar ao “Correio” e “Paiz”. Sigo no dia 12 para Paris e de lá lhe escreverei uma longa carta sobre os assumptos da nossa Patria e do grande movimento que precisamos ahi fazer, não no sentido errado do liberalismo, porém do nacionalismo. Mobilização das forças intellectuaes que teem pensamento novo sobre politica. Unificação do espirito novo que fez a revolução literaria e é o unico capaz de entrar na historia brasileira, com força decisiva. Conversei longamente com Musollini. Elle tambem acha que antes dos partidos é necessario o movimento de idéas. Voltarei para o Brasil com um programma de acção. Façamos uma grande Patria na America. Abraços. PLINIO”.

Eis, em traços rapidos, nesta carta intima, todo o “opportunismo” de Plinio Salgado, que os seus inimigos tanto alardeiam... Mas ainda, de Paris, em 26 de Julho, escrevia-me uma longa missiva, dando-me suas impressões da Cidade-Luz... Nessa carta, depois de traçar um panorama do que mais o impressionou e commoveu, terminava com as seguintes palavras: “*Da Italia, sahi com um programma de acção. Esse fogo sagrado, não se apagará nesta maravilhosa França dissolvedora do character estrangeiro. Leval-o-ei ao Brasil. Volto cheio de entusiasmo para trabalhar pela nossa Patria*”.

Penso que para definir o character, a transformação mental de Plinio Salgado, o que acima transcrevi é o bastante para não se duvidar da sua sinceridade, do seu apostolado que hoje vem fazendo para levar o Brasil a um nivel de grandeza insuperavel.

*As moscas
da praça publica*

MARIO FERREIRA DE MEDEIROS

MARIO FERREIRA DE MEDEIROS nasceu a 24 de setembro de 1912, na cidade do Rio de Janeiro. Cresceu e se educou na provincia do Rio Grande do Sul.

Bacharelou-se em 1929, pelo Gymnasio Municipal Nossa Senhora Auxiliadora, de Bagé. Em 1933 formou-se em Direito, pela Faculdade de Porto Alegre. Logo depois, exerceu o cargo de Juiz de Dom Pedrito. Transferido desse lugar por motivos de ordem politica, pediu exoneração e passou a advogar naquella cidade, onde foi chefe municipal do Integralismo.

E' membro da Academia Rio Grandense de Letras.

Collaborou nos grandes matutinos de Porto Alegre — "*Diario de Noticias*" e "*Correio do Povo*". Foi director do "*Anauê*", jornal de Dom Pedrito. Actualmente dirige "*Revolução*", semanario da provincia do Rio Grande do Sul.

Publicou: "*Alberto Torres e a Revolução de São Paulo*" — ensaios de sociologia (1934).

Em preparo: "*No caminho da Boa-Vontade*", discursos; — "*Oratorio*", poesias; — "*Politica*", these de concurso; — "*Pequenos estudos brasileiros*", observações sociologicas.

Em 3 de maio de 1935 escreveu no "*ANAUE!*", jornal de Dom Pedrito o artigo que enfeixamos no presente volume.

ASSIM FALAVA ZARATUSTRA

Falando ao inventor dos valores novos, aconselhava-o Zaratustra, que fugisse da praça publica, onde proliferam as moscas venenosas, para a solidade, onde existe a arvore querida, de forte ramagem que escuta silenciosa, pendida para o mar.

E conta Nietzsche que Zaratustra dizia:

— Vejo-te cansado das moscas venenosas, vejo-te arranhado e ensanguentado, e o teu orgulho nem uma só vez se quer encolerizar.

Ellas desejariam o teu sangue com a maior innocencia; as suas almas anemicas reclamam sangue e picam com a maior innocencia...

Castigam-te pelas tuas virtudes todas.

Só te perdoam verdadeiramente os teus erros...

Na tua presença sentem-se pequenos, e a sua baixeza arde em invisivel vingança contra ti...

Sim, meu amigo, és a consciencia roedora dos teus proximos, porque não são dignos de ti. Por isso te odeiam e queriam sugar-te o sangue”.

PLINIO SALGADO

No meio da falta de cultura, do confusionismo pedante e cheio de illustração balofa dos nossos homens politicos, Plinio Salgado veio quebrar a tradição invariavel, que a mediocridade disseminada consagrara, para surgir differente, com as suas idéas definidas, o seu pensamento illuminado pela claridade de que fala Gilberto Amado, a sua acção disciplinada, uma vida inteira polarizada no espirito, partindo de um principio, através de uma marcha, que se orientou para um fim predeterminado.

Não é milagre, pois, que a sua obra guarde uma profunda coherencia. Porque, foi assim que elle poudé escrever — “Despertemos a Nação” — reunindo artigos publicados em occasiões bem diversas, e que demonstrem, entretanto, uma perfeita unidade ideológica.

Quatro coisas sobresaem dos trabalhos de Plinio Salgado — a belleza da sua forma, a sua coherencia, a elevação moral das suas apreciações e dos seus julgamentos, e o mais apaixonado sentimento de brasilidade que já possuímos.

Desta maneira este homem tinha que vencer, como se impoz pelo seu impar valor pessoal.

SANTIDADE POLITICA

San Tiago Dantas tem recebido do terrivel critico, que é Agripino Grieco, os mais calorosos elogios. De uma feita, escrevendo este, sobre a QUALIDADE na nova geração brasileira, dizia, enthusiasmado, que ella já produzira expoentes do valor de Antonio Gallotti e San Tiago Dantas.

Pois, este San Tiago Dantas tão respeitavelmente culto, falando da elevação moral de Plinio Salgado, na ultima sessão do Congresso Integralista de Petropolis, qualificou-a de SANTIDADE POLITICA.

Não são outros os testemunhos de Augusto F. Schmidt, Virginio Santa Rosa, Gustavo Barroso e Octavio de Faria.

O MOVIMENTO INTEGRALISTA

Das obras de Plinio Salgado, nenhuma mais extraordinaria do que a Acção Integralista Brasileira.

Quero encaral-a sómente sob um aspecto — a sua extensão.

Pinheiro Machado, no governo; Ruy Barbosa, com o seu genio vocabular e o prestigio tradicional da sua cultura; Assis Brasil, com o auxilio de organizações politicas já consolidadas; Oswaldo

Aranha, no governo; Getulio Vargas, no governo; os “tenentes”, com os bons olhos do governo; as “frente-unicas” estaduais, com os seus partidos já perfeitamente argamassados; nenhum delles conseguiu ORGANIZAR, durante a Republica, um só PARTIDO NACIONAL.

Aliás, essa verdade foi reconhecida pela “Federação”, órgão do P. R. Liberal.

E Plinio Salgado organizou esse partido nacional. — A Acção Integralista Brasileira estende-se e funciona do Rio Grande do Sul ao Territorio do Acre.

Constate-se, examine-se e admire-se.

AS MOSCAS DA PRAÇA PUBLICA

Sempre hão de se levantar contra o inventor de valores novos, as moscas da praça publica. Deante da sua presença, que se ergue como um dedo justiceiro — “accuso”!...” ellas sentem-se pequenas e a sua baixeza arde em invisivel vingança contra o heroe Revolucionario.

Ahi está o exemplo de Jesus.

As moscas da praça publica assanharam-se, tambem, contra Plinio Salgado, e procuram pical-o e sugar-lhe o sangue.

Se elle seguisse o conselho de Zaratustra, abandonal-as-ias, e, com soberano desprezo, fugiria para a soledade.

Mas o Chefe segue a lição de Jesus, que é mais sublime. Prefere ficar, para queimar-se como um meteoro pelo bem da Pátria.

Além disso, ha no seu livro — “A Voz do Oeste” — uma parábola que ensina: o guerreiro deve ser surdo a todos os chamados e não abandonar nunca o seu bom combate. Um dia, elle ha de vencer a sombra que se estende na sua frente e todos os gestos que procuram demovel-o da sua luta, todas as vozes que o calumniaram, hão de calar-se, para, depois, brotarem mais volumosas e mais intensas, entoando, gritando, cantos e hosannas em seu louvor.

As moscas da praça publica dão-me nojo e dão-me, sobretudo, pena.

*Plinio Salgado,
estheta e reformador*

M. PAULO FILHO

M. PAULO FILHO — advogado, ex-deputado á Assembléa Nacional Constituinte, professor do Ensino Technico Secundario do Districto Federal, director do *Correio da Manhã*, vice-presidente da Associação Brasileira de Imprensa e director do P. E. Club do Brasil.

Tem a publicar um romance de costumes — *A Mascara*, um volume de ensaios de critica literaria e um volume de conferencias sobre educação nacional.

“O sr. Plinio Salgado não é um politico brasileiro, no sentido vulgar da expressão. Está na politica, sem duvida, porque é um propagandista em acção. Mas a sua linguagem nada tem de commum com a de outros individuos que, neste paiz atormentado e desilludido, procuram exercer a arte ou sciencia — não estou bem certo — de governar o povo.

O sr. Plinio Salgado é, antes de tudo, um homem de letras. Essa qualidade essencial, que vibra no seu instincto, como na sua intelligencia, revela-se em qualquer escripto ou discurso que elle faça. O estheta tem sobre o reformador uma influencia extraordinaria. Póde-se mesmo accrescentar que decisiva. Na Europa ou nos Estados Unidos, isso seria mais um titulo de recommendação para o organizador e director espiritual do movimento integralista no Brasil. Aqui, não. Os que não negam nem affirmam, preferindo duvidar, o que é muito mais commodo e nocivo, continuam, entretanto, a vêr no batalhador incansavel, apenas, o romancista e poeta seduzido pela miragem de uma Revolução conservadora. E sob

o raciocinio errado de que ao literato falta o senso da realidade objectiva no que examina e discute, resumem o juizo critico pela certeza de que as Musas são incompativeis com os arduos e severos deveres no trato da coisa publica.

Acódem-me estas observações depois da leitura do livro mais recente desse escriptor, intitulado *Palavra Nova dos Tempos Novos*. “Este livro, assignala o autor a pretexto de prefacio, vale em conjuncto, porque realiza, na multiplicidade de seus aspectos particulares e no sentido de seus lineamentos geraes, a unidade de um pensamento”. Em verdade, o que está no tomo em circulação são ensaios e conferencias a serviço da campanha integralista. O sr. Plinio Salgado, que não é velho, mas que pertence a uma geração que está passando, dirige-se, de preferencia, aos moços. Porque entende que “mocidade é anti-materialismo, é anti-scepticismo, é anti-commodismo, é anti-melancolia”, elle volta as costas á velhice e convida a juventude a lutar, perseverando nesse estado de fé e enthusiasmo. Lutar contra quem? Contra a liberal-democracia, accusada de ser ao mesmo tempo *estoica* e *epicurista*. Dentro do angulo desse naturalismo hellenico, segundo o libello, o regimen não poderia conceber o governo senão pelo systema epicurista, materialista, gozador e individualista”.

“Ha tempos, numa modesta apreciação sobre outro livro do sr. Plinio Salgado — *A Quarta Humanidade* — tive oportunidade de assignalar que o Integralismo realizara o milagre de crear opiniões e debates em redor de problemas pelos quaes só os raros estudiosos e competentes se vinham interessando. Com a Republica de 1930, elle fez como o Positivismo em 1889: trouxe o gosto, a paixão mesmo pelas investigações e afirmações philosophicas. Tão grande beneficio á intelligencia e ao saber dos brasileiros não se lhe negará. *Palavra Nova dos Tempos Novos* comprova que se não andava pelos limites do absurdo. E’ um livro que se lê com agrado. Para concordar ou discordar. Mas se lê a sério porque foi seriamente escripto.

O sr. Plinio Salgado, na propaganda e na acção, ainda tem esta vantagem: é um homem de letras com um grande poder de persuasão. Na campanha pela Revolução que annuncia, seguro da sua victoria não sómente dentro das fronteiras do Brasil, como tambem em toda a parte meridional do continente, elle é o mesmo animador, o mesmo estheta, que já tínhamos admirado no romance *O Estrangeiro*”.

*Como
conheci o Chefe*

OLBIANO DE MELLO

OLBIANO DE MELLO nasceu em 12 de Outubro de 1892, na Fazenda "Armazem", Provincia de Minas.

E' bacharel em sciencias e letras pelo gymnasio de Ouro Preto. E' formado em pharmacia e odontologia pela escola da mesma cidade, em 1911. Cursou medicina em Bello Horizonte até 1916 sendo interrompido, em seus estudos, por molestia.

Foi promotor publico interino da comarca de Theophilo Ottoni de 1925 a 1927. De 1928 a 1930 exerceu o cargo de Inspector Federal do Ensino em Theophilo Ottoni.

Escreveu:

"*Credito Agricola*", em 1928, que lhe valeu ser convidado a tomar parte no Congresso de Credito Agricola e Popular realizado no Rio de Janeiro em 1929-30"; "*Republica Syndicalista*" e "*Comunismo ou Fascismo*", em 1931; "*Levanta-te, Brasil*", em março de 1932; collaborou na "*A Razão*", jornal dirigido por Plinio Salgado em S. Paulo; ultimamente publicou "*Razões do Integralismo*", "*Concepção do Estado Integralista*".

São Paulo, 5 de Janeiro de 1933.

Faz já duas semanas que conhecemos pessoalmente Plinio Salgado. Para tráz, desde março de 32, que havíamos entrado em articulação e nos tornáramos irmãos de uma mesma ansia que era e é a construcção do ESTADO INTEGRALISTA BRASILEIRO, á sombra do qual a Nação, livre do pluripartidarismo politico e da possibilidade de se dissolver, como Patria, no internacionalismo sovietico — emancipar-se-ia de vez das garras do super-capitalismo judaico e passaria, então, a viver, em paz prospera e feliz, o seu grande destino. Através de uma activa correspondencia, (1) o actual Chefe Nacional, punha em

(1) Os organizadores incluem neste volume a seguinte carta, que Plinio Salgado escreveu ao publicista Olbiano Mello, carta de grande valor historico:

“São Paulo, 1 de Março de 1932”.

Olbiano Mello,

Desculpe o papel e a intimidade: escrevo-lhe na minha mesa da redacção. Seu livro e sua carta chegaram no instante em que eu lhe ia remetter uma longa missiva; porque eu já tinha lido o seu trabalho e tinha dito com meus botões: eis aqui um homem. Eu já havia or-

cada linha e em cada topico das cartas que nos escrevia para Minas todo o seu grande enthusiasmo contagiante na conquista de uma nova synthese politico-doutrinaria que, fielmente, traduzisse todo o desejo de melhoria que varre o seculo em todos os quadrantes do globo e que se theorizou já agora sob o nome de INTEGRALISMO BRASILEIRO. Nova DOCTRINA que de S. Paulo elle com um grupo de estudantes e operarios pensava fazer correr (como de facto vae acontecendo) como um incendio, dentro em pouco, pela vastidão immensa da Terra do Bra-

ganizado um eschema, muito parecido com o seu. Eu tinha chegado ás mesmas conclusões que V.

Mandei que lhe enviassem a "A Razão". Esse jornal está realizando um grande movimento, dentro de suas idéas. E' pena, sinto realmente muito que V. não tivesse acompanhado os 200 artigos que publiquei diariamente, sobre o assumpto. Não faz mal: o essencial é pormos-nos em contacto. Falemos, pois, de coisas praticas.

Fundámos aqui em São Paulo uma Sociedade de Estudos Politicos, que nós chamamos, mais resumidamente de *Sep.* O fim da *Sep.* é crear uma nova mentalidade. Na Capital, ella está augmentando cada vez mais o numero de adeptos; estamos organizando cellulas em cada uma das cidades do Estado. Resolvi pedir aos editores e autores que nos auxiliem nesta hora de catechese e de iniciação. Vou divulgar, por um systema que engendrei, a obra de Alberto Torres, de Oliveira Vianna, de Tristão de Athayde, de Octavio Faria, de Alberto Faria, de Euclydes da Cunha, de Oliveira Lima, de Nabuco, a literatura fascista do Rocco, do Gentile, do Mussolini, do Prezzolini, as obras de Sardinha, que é o que Portugal nos offerece de mais interessante, e, com o tempo, os trabalhos de escriptores francezes, inglezes, americanos e

sil. Rompidos, de ha muito, com todos os postulados da LIBERAL DEMOCRACIA e tendo repudiado o COMMUNISMO, de publico, pelas paginas de dois livros nossos, editados em 1931 — teriamos que forçosamente encontrar, no caminho da nossa vida, este Homem: — a actual figura de CONDOTTIERI que qual antenna captadora totalizaria dentro de mais alguns annos as energias latentes da nossa raça num sentido profundamente nacionalista e, mais que isto, altamente humanista.

Por isso estavamos a chamado de Plinio

allemaes. Pretendo organizar commissões de estudo e divulgação especializadas cada qual em assumptos economico-financeiros; sociologicos; religiosos; culturaes. Todas convergirão para a directoria da propaganda. No fim de cada mez, pretendo publicar um jornal de recortes, com os melhores artigos que apparecerem no paiz. Emfim, hei de enviar a Você o plano geral, logo que o tenhamos impresso.

Esse movimento deve ser effectuado em todos os Estados do Brasil, afim de crearmos os capitães da futura campanha de renovação, ou melhor: de reposição do Brasil na sua base de realidade, pois a liberal-democracia não tem feito mais do que contrariar a indole do povo brasileiro, que é *essencialmente* governista, e tanto assim é que os governadores de Estados nunca perderam eleições.

Sobre tres bases deve assentar a obra de construcção nacional:

- a) — base geographica (*Município*);
 - b) — base economico-social (*Classe*);
 - c) — base moral (tradição religiosa e patriarchal).
- Fóra disso, será tudo mentira. Não acha?

Salgado, em fins de Dezembro daquelle anno, na Terra de Anchieta. Numa manhã brumosa e humida, numa casa da Praça Olavo Bilac, tendo na nossa frente o perfil deste Homem que, de primeira vista, se projectou no nosso consciente como uma figura estranha de inquieto e inadaptado no ambiente politico, tristonho e amorpho deste agonizante fim de uma Civilização absolutamente materialista. Alli estava PLINIO SALGADO. O organizador da SOCIEDADE DE ESTUDOS POLITICOS, que se transformara, naquelle Outubro que se seguiu á mais sangrenta

Pois bem. Venho pedir a V. dois favores para o Brasil: 1.º) procure organizar em Minas uma sociedade semelhante, com irradiação por todos os municipios e articulação com a nossa de São Paulo; 2.º) envie-me o maior numero possivel de exemplares do seu livro, que quero dar uma grande divulgação entre os nossos conscriptos. Este segundo favor estou pedindo a todos autores e editores porque estamos em começo. Dentro em breve, quero crer que a *Sep.* poderá adquirir edições inteiras de bons livros, como o seu. Estamos partindo da base, firmemente. Não acceitamos qualquer associado. E este, depois que entra, tem de se submeter a varias provas de capacidade mental, para ser um combatente, um apostolo. O trabalho é immenso, mas o grupo que tenho aqui é joven, tem fé e abnegação. Porque sentimos todos que precisamos arrancar o Brasil deste immenso pantano...

Escreva-me, Olbiano, para "A Razão". Mande-me uns artigos, se tiver tempo e quizer dar-nos esse prazer. Eu lhe mando um apertado abraço.

(a) PLINIO SALGADO"

luta civil registrada pela Historia Nacional, na ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. Por debaixo, porém, de toda aquella apparencia nervosa, irrequieta e de inadaptado a quem bem o observasse ia surgindo aos poucos para afinal magnificamente se projectar de cheio um esplendido especimen de lutador, onde se não chocavam num sentido destructivo, forças contrarias. Alli, em verdade, estava um Homem, donde jorrava abundantemente uma profunda paz espiritual. Uma organização onde se casavam, em harmoniosa confluencia, os tres factores que condicionam as privilegiadas vidas humanas; os de ordem espiritual, como os intellectuaes e ainda os materiaes.

Haviamos fundado, por sua ordem, no Nordeste de Minas, dois dias depois do de S. Paulo, o segundo nucleo integralista do Brasil. E agora traçado o programma de acção para aquelles dias na grande metropole paulista, puzemo-nos todos a trabalhar na séde installada modestamente á Av. Brigadeiro Luiz Antonio, numero 12. Dias de entusiasmo, mas tambem de duvidas e de soffrimentos na grande ansia em que todos se achavam de ver o movimento andar, crescer, tomar vulto. Ia nascendo sob nossas vistas a grande Revolução. Nascendo aos poucos. De mansinho. Paulatinamente. Ia tomando corpo e alma a IDÉA NOVA, nebulosa que tinha sido até ha pouco para todos os seus iniciadores.

*Como conheci
Plinio Salgado*

PHILEMON DA MATTA

PHILEMON DA MATTA nasceu em Campos, provincia do Rio de Janeiro, em 1888.

Aos 14 annos era collaborador dos jornaes *O Combate* e *A Gazeta do Povo* da cidade de Campos. Tambem escrevia para a revista literaria de Theophilo Guimarães: *A Aurora*.

Fez os preparatorios no D. Pedro II, no Rio, e no Gymnasio Salesiano de São Joaquim.

Formou-se em pharmacia pela Faculdade de Medicina do Rio, sendo orador da turma. Formou-se em medicina pela mesma Faculdade, annos depois, defendendo these, obtendo distincção.

E' collaborador de jornaes e revistas do Rio e do interior. Como poeta, escreve para *Fon-Fon*, *Estação Theatral* e *Rua do Ouvidor*, do saudoso abolicionista Serpa Junior.

Para o prof. Jardim de Albuquerque, Philemon da Matta foi um dos que, ha quasi 30 annos, fizeram a *primeira* festa da Bandeira.

Trabalhou na redacção d'*O Seculo*, com Bricio Filho, e n'*A Folha*, de Medeiros e Albuquerque.

Publicou:

Da acção therapeutica dos raios actinicos, (these); *Oração aos Mestres*, (discurso).

A obra de Philemon é toda esparsa infelizmente.

Quando assignei "A RAZÃO", fil-o para satisfazer ao pedido de um amigo. Mas, logo nos primeiros numeros, tive o espirito attrahido para as NOTAS POLITICAS que aquelle jornal publicava. Não pude dispensar mais taes artigos, cujo autor procurei, desde logo, descobrir quem era. Habitudo a lêr jornaes, os melhores e maiores da imprensa brasileira, conhecendo um pouco do "métier", tendo privado, noutros tempos, com as pennas mais brilhantes do jornalismo indigena, nunca se me deparara semelhante veio de ouro. Não quero affirmar que essas NOTAS fossem, profissionalmente falando, melhores que outras traçadas principalmente na imprensa do Rio, da Bahia, de S. Paulo, de Recife, de Porto Alegre, onde, em jornaes vetustos, pennas de escól despediram sempre chispas estonteantes. Mas estas pennas todas, devo ter a coragem de dizel-o, estiveram sempre ao serviço dos partidos da liberal democracia, compradas ou alugadas. Foram sempre pennas mercenarias ao serviço de interesses inconfessaveis, umas servindo aos cesares de fancia, outras a soldo dos judeus internacionaes, que tudo teem feito para trazer o Brasil numa eter-

na escravidão economica. Aquellas NOTAS estavam acima de tudo. Tocavam-me o coração de brasileiro orgulhoso de minha terra e de minha gente, desses cabôclos destorcidos que desbravaram os sertões bravios, plantando cidades. Falavam-me ellas á intelligencia, preparada, desde a minha meninice, á sua integral comprehensão. Alegravam-me, emfim, essas NOTAS o espirito, por verificar que, num deserto de idéas, um verbo novo surgia espancando as trevas, e mostrando ao Brasil o caminho da salvação.

Nem mesmo perlustrando as paginas da historia encontraríamos verbo mais alti-eloquente, com essa sonoridade de estylo, com essa clareza de argumentos, com essa erudição profundamente séria; e, sobretudo, com esse sentimento, purificado no idealismo da Patria, nascido nas mais profundas raizes deste chão que adoramos. Nem na propaganda abolicionista. Nem na republicana. Nem, muitos annos depois, quando a palavra augusta do poeta maximo despertava o patriotismo da mocidade brasileira, levando a vestir a farda gloriosa do exercito nacional.

Aquellas NOTAS politicas d'A RAZÃO eram um evangelho novo que os individuos escravizados aos interesses de um partido não poderiam jamais entender, eram um canto claro e festivo da verdadeira liberdade, que deseja arrancar os obsecados, que vivem no clima das pequeninas apprehen-

sões, para a Compreensão Suprema: — o culto da Pátria.

E eu, ao lêr sempre AS NOTAS (de quem eram? de quem seriam?) chamava baixinho, de mim para mim:

— Bento Pereira!

— Borba Gato!

— Caramurú!

— Sepé!

E aquellas NOTAS, como se falassem, com uma voz vinda do seio virgem da terra brasileira me respondiam:

— Presente! Presente! Presente! Presente!

Eram o que havia de mais sublime... E, por isso mesmo, ellas serão immortaes. As idéas, alli contidas, hão de crescer, hão de germinar. E, já nesta altura, procurei indagar do autor. Faz tres annos, talvez!

— Alpinolo, por favor, quem é que escreve AS NOTAS politicas d'A RAZÃO?

— São de Plinio Salgado!

E, desde esse dia, Plinio, ficou sendo o meu idolo, o meu Duce, o meu Fuehrer, o meu Guia. Plinio, falando, é a propria Alma do Brasil dizendo o que sente, contando o caminho que se tem a trilhar.

O Chefe do Integralismo

CUSTODIO DE VIVEIROS

CUSTODIO DE VIVEIROS — alto
funcionario do Ministerio do
Trabalho — jornalista e escriptor
consagrado pela imprensa do Rio.

Romancista e ensaista fecun-
do, ultimamente publicou os se-
guintes livros: "*O sonho do phi-
losopho integralista*", e "*Os ini-
migos do Sigma*".

E' grande a sua bagagem li-
teraria.

O homem que hoje chefia a "Acção Integralista Brasileira" é mais conhecido através de seus livros do que pela campanha formidável que dirige, com o intuito de arejar uma nacionalidade joven que apresenta, todavia, indícios de velhice precoce.

Plinio Salgado affirmou a sua mentalidade de pensador na *Psychologia da Revolução*, mas affirmou-a apenas na camada culta do paiz, capaz de apprehender as conclusões fortes a que chegou após formular premissas syntheticas que revelaram um espirito á altura deste momento difficilimo que o Brasil vive.

O Chefe do Integralismo não deve ser apenas conhecido pela cultura philosophica que seus escriptos denunciam. Ha faces mais interessantes da personalidade desse homem que reúne hoje, num cadinho de educação civica, a flôr de uma nacionalidade disposta a conquistar a felicidade, seja embora necessario o sacrificio da propria vida.

Em 1926, publicando o romance "*O Estrangeiro*", onde se continha o pensamento revolucionario e uma critica acerba á politica dominante

do P. R. P., iniciou a campanha nacionalista nas proprias columnas do *Correio Paulistano*, órgão official daquelle partido. Em 1928, indo á presidencia do Estado o sr. Julio Prestes, com idéas de renovar os quadros politicos, fez incluir Plinio Salgado na chapa estadual pelo 3.º districto, mettendo ao mesmo começar uma obra forte de renovação politica.

Embora Plinio Salgado houvesse relutado muito em acceitar a indicação de seu nome, teve uma votação grandiosa na zona norte do Estado, recebendo os suffragios de todos os partidos -- o Democratico, o Independente e o P. R. P.

Foi eleito por unanimidade. Seus discursos, na Camara, de caracter puramente doutrinario e tendentes á renovação politica levaram até a opposição a apoiar-lhe os projectos.

Finalmente, já em 1930, vendo que era impossivel a renovação de idéas dentro dos quadros partidarios, seguiu para a Europa como preceptor de um menor cuja familia lhe custeou as despesas de viagem.

Nesse momento, em que os ambiciosos ficavam todos em torno de Julio Prestes, que estava eleito, Plinio Salgado, que tudo poderia ter, tudo abandonou!

Percorrendo 14 paizes e estudando os problemas modernos, escreveu constantemente a seus amigos, concitando-os á revolução nacionalista.

Visitou 14 paizes com os olhos da alma, vivendo a grandeza e a decadencia de raças hoje extinctas, e deu-nos o livro sobre o Oriente, que é uma das mais perfeitas syntheses da mentalidade dos povos a que devemos as origens da existencia.

* * *

Em Paris escreveu parte de "*O Esperado*", outro romance francamente revolucionario, que publicou em 1931. Ao regressar á patria, tendo encontrado o paiz em revolução de quadros, adiou para mais tarde a sua revolução de idéas. E, em 1932, publicou o romance "*O Cavalleiro de Itararé*", obra que dedicou á mocidade civil e militar do Brasil.

De 1931 a 1932, através das "*Notas Politicas*", publicadas no jornal que dirigiu — *A Razão* — creou os primeiros integralistas, cuja acção teve como prenuncio a sociedade, por elle organizada, de Estudos Politicos.

Em outubro de 1932, lançou o celebre manifesto de outubro e seguiu para o interior, desbravando os sertões quasi selvagens, com a tenacidade apostolar dos monges. Plantou, no coração do Brasil que ainda não soffrera o contagio nefasto da ambição, as idéas puras que a bandeira azul e branca defende.

Magnetizou o homem simples do sertão, e, por onde passava, apenas com o poder da palavra, ia creando hostes, semeando civismos, preparando a mèsse fecunda, que agora brota da terra virgem, em borbotões allucinantes!

Plinio Salgado caracteriza-se pela convicção de seus ideaes. Nesse homem simples tudo está em torno de um principio, que é para elle como um symbolo de luz possante a illuminar os seculos mortos, clareando tambem os caminhos em que deverão desfilar os homens da quarta humanidade, aquella que se salvou da hecatombe e que terá de conduzir o Brasil novo aos seus destinos de honra.

O Chefe do sigma

AMERICO PALHA

AMERICO PALHA nasceu em Recife, a 22 de dezembro de 1894. Foi redactor do "*Jornal de Recife*" e da "*A Tarde*", ambos da capital pernambucana, da "*Gazeta de Noticias*" e da "*A Razão*", de Fortaleza, director da "*Reacção*", também dessa cidade.

Publicou:

"D. Luiz de Brito, o Sacerdote e o Patriota" (Recife — 1914); "*A Ilusão Brasileira*" (Rio — 1934); "*A Religião na Obra Educativa*" (conferencia realizada na Casa de Minas Geraes, em 13 de Maio de 1936); "*O Communismo contra a Humanidade*" (conferencia realizada na Liga de Defesa Nacional, em 19 de Agosto de 1936): "*Jornada Sangrenta*" (campanha jornalística contra o comunismo).

Actualmente, redactor articulista do "*Diario Carioca*" e secretario do Departamento Nacional do Trabalho.

“O Integralismo é uma doutrina que não tem cunho personalista. Nem o poderia ter. O unico factor do grande éxito e do tamanho que tomou a sua expansão por todo o Brasil, foi o seu character puramente nacionalista, o vigor das idéas que defende e propaga, o calor do enthusiasmo que desperta a pureza das suas theses inconfundiveis”.

* * *

“O sr. Plinio Salgado foi quem creou o Integralismo. Mas não foi elle quem fabricou as idéas, porque estas estavam latentes na consciencia brasileira, embora dispersas e sem rythmo, sem ter quem as corporificasse num verdadeiro Codigo. Coube ao illustre brasileiro a obra memoravel de preparar o Brasil para a luta contra os que vinham, tramando a ruina da patria e o esphacelamento da unidade nacional”.

* * *

“O Integralismo não faz trabalho de dispersão. Nem tampouco a sua doutrina é propagada,

no escuro, em suburbios escondidos, com medo da policia. O Sigma está ahi aos olhos de todos, com um Chefe que tem personalidade moral, com sectores em movimento, á luz meridiana, vivendo ás claras, sem recuos ou subterfugios”.

* * *

“O Integralismo tem, á sua frente, um homem integral, culto, intelligente, idealista e sincero. Elle sabe dizer, sabe falar, sabe dirigir, sabe convencer, sabe impôr a disciplina e o respeito. Venceu pelo poder da fé e pelo esplendor das idéas que sustenta, vigorosa e galhardamente, pelo Brasil.

A luta contra o communismo encontrou nelle um Chefe ousado e forte. Um Chefe que começou commandando meia duzia de camisas-verdes em São Paulo, e hoje controla mais de um milhão de homens em todo o paiz. A maior estupidez será negar o valor desse Chefe. Venham os adversarios do Integralismo combatel-o no terreno da doutrina, num largo campo onde todas as idéas podem travar o duello da lealdade e do cavalheirismo. Abandonem, porém, os processos do ridiculo e do insulto pessoal, que não constróem, nem edificam, não enaltecem, nem convencem.

Vivemos uma época de egoismos ferozes, de ambições inesgotaveis, de deshumanidades desen-

freiadas, de materialismo grosseiro. O dever dos bons brasileiros é reagir contra os males dessa época, elevando o nível espiritual da raça. A resurreição moral do Brasil depende da compreensão nitida do panorama social que temos deante dos olhos, com todas as suas realidades dolorosas. Da resurreição moral virá o resurgimento economico, a regeneração politica e a affirmação do verdadeiro sentimento democratico no paiz.

A vocação brasileira para o culto da liberdade não póde ser esmagada, é certo. Mas, póde ser forçada, como deve, a amoldar-se aos rigores inflexiveis da lei e da ordem. A liberdade individual termina quando começa a prejudicar a liberdade collectiva. E a collectividade representa a propria nação. A campanha integralista está votada a essa obra immensa.

Poderão ser demorados os seus frutos. Poderão ser rudes os golpes a receber. Poderão ser innumeras as vicissitudes a arrostar e as difficuldades a vencer. Mas, o Brasil, fadado a grandes destinos no scenario da humanidade neste seculo, não perecerá nas mãos dos seus algozes e seus maus filhos”.

Reverdescimento

ALVARO ARMANDO

ALVARO ARMANDO pseudonymo, que semanalmente figura n'uma columna do "*Correio da Manhã*", não poderia fugir ao scepticismo generoso do seculo da analyse, e foi sob a mais absoluta neutralidade de opinião que o chronista quiz ouvir e vêr 'o Chefe do Integralismo, movimento para o qual até então não tinha tido mais do que uma natural curiosidade. Compareceu ao Instituto Nacional de Musica, a uma festa dos camisas-verdes. Satisfez a curiosidade e para quanto viu e ouviu, teve as palavras que seguem.

Alvaro Armando dirige, actualmente, o "*Correio Universal*".

“Lendo no “Correio” o brilhante artigo de Paulo Filho sob o titulo “Milagre do Sigma”, venho casar á sua a minha opinião sobre Plinio Salgado e a obra que vem realizando no Brasil.

Vivendo alheio ao Movimento Integralista, fui apenas por uma curiosidade muito justificavel ouvir o “homem” no Instituto Nacional de Musica, numa festa aliás, dita de pura esthetica.

A entusiastica allocução do chefe nacional deixou-me entretanto a impressão de que elle é realmente capaz de qualquer coisa pelo Brasil.

Sente-se-lhe no modo desassombrado com que ergue a vóz, no profundo conhecimento dos multiplos assumptos que encara, na força de persuuação que incute nas suas palavras, que não se trata de um méro “fazedor de discursos”, mas de alguém com idoneidade para abalar os alicerces de uma sociedade”.

* * *

“A maior impressão que teem todos que o escutam, é de estar-se na presença de um *chefe*.

Pela sinceridade do modo por que expõe suas doutrinas, tem-se a certeza de que elle não promette o impossivel, porque não começa por onde os outros acabam, mas porque pretende antes de tudo a preparação anterior das multidões.

A esse systema de conversão poder-se-ia chamar o Reverdescimento do Brasil”.

* * *

“Não abordaremos aqui as idéas politicas de Plinio Salgado. O que não se lhe pode negar é o admiravel poder de converter a nossa juventude displicente e sceptica, que ridiculariza o patriotismo, que tem vergonha de cantar o Hymno Nacional e de amar o Brasil em vóz alta. Essa mocidade que se acotovela pelas academias, sem cultura nem convicções, para “defender” um canudo á custa de médias irrisorias...

São esses rapazes frivolos, magnificas estampas, é verdade, que o sport ou o alfaiate apolli-nizou, mas cujas discussões não saberiam girar senão em torno da technica de um “goal” ou da tactica de um Max Baer! Jovens, que não crêem na Patria porque não a conhecem, porque não “realizam” o que são as suas possibilidades. Essa rapaziada, em cujas mãos o Brasil ha de cahir amanhã é que necessita deste reverdescimento de almas, dessa crença na nossa Terra que se lê nas

physionomias illuminadas da jovem Milicia Integralista! E' no desassombro das suas attitudes, na sua noção de responsabilidade, no seu excesso de Brasileirismo que comprehendemos que esses moços cuja marcha airosa e musical é um hymno vivo e pujante, ha de ser o baluarte da nossa nacionalidade. Tal como se um formidavel cyclone houvesse revolucionado esses corações em flôr, o "milagre do sigma" varreu-lhes a inercia das attitudes, sacudiu-lhes a apathia dos espiritos amortecidos pela futilidade do ambiente, reverdesceu-lhes a esperança descolorida !

Que sejam discutidos os pontos de vista politicos dos "camisas verdes". Mas podemos assegurar que os homens sahidos dessa revolução de consciencias hão de conseguir fazer da nossa grande Nação, uma Nação immensa, capaz de impor-se ao credito de todos os povos, á admiração da Humanidade".

Perfil de Plinio Salgado ()*

() Este artigo foi publicado n'“O progresso do Estado de S. Paulo”, em 1929, sem assignatura.*

“Plinio Salgado é um deputado differente de todos os outros... Não é doutor em coisa alguma, mas é doutor de verdade.

Não é de familia dada ás grandezas da politica, nem ás da fortuna, mas se viu envolvido nas teias da grande politica e bafejado pelo cornucopia das graças dos Deuses.

Filho de uma terra em que tudo é simples e bom, o Plinio só respirava modestia e bondade.

São Bento do Sapucahy é o seu berço afortunado, porque Plinio, na geração actual dos intellectuaes de S. Paulo, se não é a figura maior, á maior nada ficará devendo.

Este moço se fez por si, mourejando noite e dia, nos jornaes e nos escriptorios, com o sacrificio immenso da propria saúde, para ganhar sempre o sustento seu e dos seus.

Eu o conheci como revisor de um matutino, hobreando-se com esse pugilo de intellectuaes (que são os menos considerados da vida jornalística).

Foi desse meio obscuro, onde vive gente que encontra, nas redacções, todas as portas fechadas que Plinio Salgado conseguiu emergir, sob o escu-

do de um talento enorme e de uma intelligencia vasta, alicerçados no preparo de um estudo sequioso de saber para produzir.

Da penumbra que nem bem o Plinio rasgou os primeiros véus e eil-o já sagrado pela opinião publica e pelos letrados como um dos eleitos da penna.

As obras suas se multiplicaram e vieram a publico receber a consagração da victoria.

Culminou, provocando revoadas de applausos, com o seu livro O ESTRANGEIRO — integrando-se como legitima gloria da nossa intellectualidade.

Plinio, no emtanto, não se embebedou com as honras da conquista, continuando o mesmo homem modesto, lhano, todo bondade, mourejador do dia ou da noite, na ansia de vencer para viver.

De bom, de tão natural nas suas expansões, elle não previra que já construira sobre alicerces solidos o seu monumento e que já se tornava o credor da gratidão de seus conterraneos pelo muito que os elevára no conceito de S. Paulo e da Republica.

Chegada a oportunidade de renovação do Congresso Paulista, o terceiro districto, pela vóz justiceira do chefe do governo do Estado, apontou, entre os mais dignos de seus filhos que deveriam represental-o, o nome já glorioso de Plinio Salgado.

E Plinio foi eleito, com grande votação.

Deputado, não é um inutil, nem mudo.

Já apresentou projectos salutaes, como, entre elles, aquelle referente a cultura do fumo, especialidade da sua zona.

Tem paixão pelas idéas e as sabe defender com calor.

Plinio, já o dissemos, é differente dos outros deputados. Emquanto a maioria de seus pares se contenta em descansar nos prestigios dos nomes e dos padrinhos — elle que possue nome de valia real e padrinho de poder sem igual, não esmorece no trabalho, e estuda e procura servir por todos os meios e modos a sua terra e a sua gente.

Chefe de uma escola literaria muito combatida, por desconhecida, elle não se arreceia das arremettidas e segura cada vez mais alto a sua bandeira, gritando o seu nacionalismo sadio e constructivo.

Plinio venceu sem armas, como vencem os homens bons e uteis, destemerosos e conscientes.

Como deputado não sabemos quem é mais honrado com o mandato; se elle que o acceitou para beneficiar seus conterraneos, ou se estes tendo o orgulho de ver-se representados por uma das maiores intellectualidades de S. Paulo actual”.

Outros Depoimentos

MENOTTI DEL PICCHIA

NESTOR VICTOR

CASSIANO RICARDO

C. DA VEIGA LIMA

REVISTA DO GLOBO

ADOLPHO AGORIO

THEODOMIRO V. DE AN-
DRADE

GUSTAVO BARROSO

OSORIO DE OLIVEIRA

BELISARIO PENNA

PLINIO BARRETO

HILDEBRANDO SIQUEIRA

FLAVIO DE CAMPOS

MADEIRA DE FREITAS

ALMACHIO DINIZ

MIGUEL REALE

1.

Plinio Salgado é um milagre de talento e de dynamismo. Esse caboclinho enxuto, nervoso, formidavel, *leva avante a mais bella campanha civica de que ha noticia nos annaes do Brasil. Ninguém mais duvida do seu triumpho, por quanto ninguém póde duvidar da intelligencia brasileira.* Plinio móra modestissimamente. Vive sem guarda-costas, exposto a todos os riscos. Tem uma coragem fatalista de indio ou de mongol. Ha dias, tendo eu ido levar-lhe meu abraço, encontrei-o junto da sua machina de escrever, martelando as téclas entre as fumaradas do seu eterno cigarro:

— Você está louco? E o odio dos bolchevistas?

— Não tem nada rapaz. Cada qual tem sua estrella...

MENOTTI DEL PICCHIA — “Diario de Noticias” — 22 de Março de 1936 — *Rio.*

2.

Plinio Salgado é um brasileiro dos bons. Tão moço ainda, ao que me informam, admira como já tem pensado tanto, sobretudo como tem pensado tanto sobre o nosso paiz.

NESTOR VICTOR — “O Globo” —
5/7/26 — *Rio.*

3.

... Ser brasileiro não é ter olhos bastantes para contemplar a physionomia exterior das cousas que identificam o territorio, na sua moldura barbara de oito milhões de kilometros quadrados. Mas é sentir que essas cousas terão influido no nosso destino. Em vez de reconhecê-las, reconhecer-se nellas. Ver-se nellas, como no espelho dos nossos rios. Sentir-se ligado a ellas, como se todas ellas nos houvessem impregnado de intima communhão as menores porções de espirito. Ser brasileiro é sentir, cada um de nós, que não póde viver sem ellas, porque ellas entraram na substancia das nossas acções, determinaram o curso da nossa existencia vegetativa ou intellectual, detiveram os nossos passos, perfumaram as nossas aspirações, fizeram florir o thesouro da nossa personalidade propria. Plinio Salgado está neste caso: é um brasileiro que conseguiu “viver” o Brasil, penetrar os recantos humidos da terra

brava, fixar-lhe os aspectos mentaes, ouvir o tropel da nação vindoura adivinhal-a nas intenções mais obscuras de mundo virgem, plasmar o tumulto da cidade babelica. Numa palavra: ser brasileiro.

CASSIANO RICARDO — “Correio Paulistano” — 1926 — *S. Paulo*.

4.

Plinio Salgado é um artista de admiraveis recursos e um observador sensível ás realidades humanas.

C. DA VEIGA LIMA — “Phenix” — Agosto, 26 — *Rio*.

5.

Plinio é um dos homens mais perigosos do Brasil. Perigoso porque é inteligente, tem cultura e um programma definido de acção. Escreve romances de idéas. Um dos unicos entre nós. O ESTRANGEIRO, O ESPERADO e, ultimamente, O CAVALLEIRO DE ITARARÉ são livros complexos e “numerosos”, como diria o velho e saudoso Graça Aranha. Livros que nos mostram em traços largos e nitidos o panorama social do Brasil de hoje. Livros que fazem pensar.

“REVISTA DO GLOBO” — anno V n. 9.

6.

... Plinio Salgado, prodigioso animador do Integralismo e Chefe Supremo das hostes organizadas para completar a obra dos heróis da Independencia, libertando o povo do Ypiranga das olygarchias financeiras do estrangeiro...

ADOLPHO AGORIO, publicista e pensador uruguayo.

7.

À "élite" brasileira, ao Gigante do Norte desta parte da America está destinado o papel de dynamo verdadeiramente transcendental que determinará com seu impulso creador um vasto movimento integralista nos demais paizes do nosso continente. Verdadeiros symbolos dessa reforma são os bandeirantes a que se refere o Chefe Plinio Salgado com seu illuminismo redemptor e emancipador.

THEODOMIRO VARELLA DE ANDRADE, publicista uruguayo.

8.

A voz do Chefe Nacional annunciou que diríamos uma palavra nova ao mundo. Nenhum integralista duvida que o que o Chefe diz se realiza; mas nenhum Integralista pensou que isso se

realizasse tão depressa. Antes de conquistarmos o poder, de pormos em pratica as nossas idéas, de tornarmos o Brasil a Grande Potencia que sonhamos, eminentes figuras da intellectualidade uruguaya reconhecem que somos já um “impulso creador, um “dynamo” que espalhará um vasto movimento integralista nos demais paizes do nosso continente”.

Essa gloria será a recompensa de Plinio Salgado, impulso, creador desse impulso creador!

GUSTAVO BARROSO, da Academia Brasileira.

9.

Conheci Plinio Salgado, ha dez annos, simples redactor dum jornal. O homem que é hoje conhecido em todo o Brasil, não tinha publicado ainda um unico livro. Mas a conversa que tive com o simples jornalista de então, impressionou-me vivamente. Vi nelle uma intelligencia e uma vontade. E não me enganei. Pouco tempo depois, o romance “*O Estrangeiro*”, consagrou o nome de Plinio Salgado como homem de letras. Mas tanto nesse romance como no que se lhe seguiu adivinhava-se uma preocupação dominante: a dos problemas sociaes e da acção politica.

OSORIO DE OLIVEIRA, ensaista portuguez.

10.

Talento, vasta cultura, character integro, força de vontade, convicção plena do acerto da sua doutrina, patriotismo sem jaça, simplicidade de costumes e de vida, energia calma e raciocinada, visão percuciente constituem um conjuncto rarissimo de predicados que exornam a personalidade de Plinio Salgado.

É natural, pois, que seja um grande conductor de homens, um Chefe venerado e obedecido, pela absoluta confiança que inspira a cada um e a todos os seus commandados, que já se contam por muitas centenas de milhares.

BELISARIO PENNA, ex-Ministro da
Educação.

11.

Um traço extremamente sympathico dos trabalhos do sr. Plinio Salgado é o nacionalismo. Pensa elle que o Brasil deve accentuar mais essa feição da sua existencia. Tendo chegado a um instante de revisão de todos os valores, cumprenos abandonar a longa posição passiva em que nos mantivemos. Urge que tratemos de ser o que somos — com as nossas possibilidades, o nosso character, com a consciencia de nossas necessidades.

PLINIO BARRETO, Director d'“O Estado de S. Paulo”.

12.

Não ha exaggero em dizer-se que Plinio Salgado possue uma das mais claras intelligencias desta geração. E' romancista eminente, o maior de nossos dias, segundo Alberto de Oliveira. E' pensador de visão nitida e potente. E' sociologo brilhante. Suas paginas ácerca do Brasil são notaveis. Não ha problema nosso que deixe de preoccupar seu espirito inquieto e arguto. O panorama nacional, elle não o fragmentou para fixál-o. Integrou-se na alma do Brasil e por isso poudes comprehendel-o em sua totalidade. Dahi o cunho empolgante de verdade que caracteriza as suas syntheses. O tom prophetico e divinatorio de suas palavras.

HILDEBRANDO SIQUEIRA, —
membro do Instituto Historico e
Geographico de S. Paulo — (Out.
de 1931).

13.

E' um escriptor. *E formidavel.* Numa terra em que escriptor é termo barato, que se dependura em qualquer alinhavador de phrases desconchavadas, chamar alguém de escriptor não é elogiar e, por isso, puz á frente, autoritario, um formidavel inconfundivel. Formidavel mesmo. *Senhor de uma força expressional contundente, de um poder de synthese inacreditavel e inedita*

entre nós, o homem que movimenta, neste livro, como um gigante, a massa humana que faz o agora de nossa terra, é, sem duvida, para quem olha as cousas sem “parti pris” de qualquer especie, o maior, talvez o unico escriptor que possuimos. Isso mesmo: Escriptor, com um E deste tamanho, para rehabilitar o termo. Defeitos? Erros de observação? Enganos em conclusões? Deve ter, certamente, mas não me cabe apontal-os aqui, porque não faço critica, no sentido esmiuçalhante, no sentido traça ou ourives da fórmula, mas me interessa, unicamente, o “volume estructural”, o vigamento-mestre da obra”.

JAYME AVELLAR, pseudonymo do
escriptor Flavio de Campos.

14.

Plinio é o Chefe; assim o querem as forças que sobreexcedem a humana vontade; porque não é elle que adhire ao posto; mas é o posto que adhire a elle. Plinio não quer ser Chefe, tendo a Chefia como fim; tem-na, e a acceita, como instrumento necessario á consecução do seu objectivo: a grandeza do Brasil! E emquanto o liberalismo ambiente retalha a patria, atormenta os espiritos com sobresaltos e crueis apprehensões para os destinos periclitantes da nacionalidade; emquanto a cupidez dos politicos, pela posse das chefias, é o pomo da discordia entre os que se

propõem responder pelos destinos do Brasil; enquanto a maledicencia viperina dos incapazes solétra o boato do scisma nas fileiras integralistas — Plinio Salgado, autogenicamente unido a todos os seus companheiros de jornada, sem excepção de um só; fundido com todos elles, todos, todos, todos, desde o mais humilde camisa-verde ao mais alto dignitario do Movimento, dá, á face da nação attenta, aquella prova soberba de renuncia, de escrupulo, de honra, de senso de responsabilidade, de nobreza, de todas as virtudes que se devem conjugar numa organização de Chefe.

MADEIRA DE FREITAS, — prof. da
Escola de Medicina do Est.
do Rio.

15.

A obra de PLINIO é de profunda expressão nacional. Dahi sua repercussão, em numerosas ondas sonoras sobre a moderna intelligencia do Brasil, agitada depois da Revolução de 1930. Nessa obra ha os indices de uma alevantada comprehensão philosophica da hora actual. As idéas do homem ardem, deixando de ser silenciosas. Ardem, porem, não como chamas de incendios, que devastam civilizações, destroam crenças, carbonizem deuses e reduzam o mundo a ruinas, mas como fachos infestando as nações, os povos, as massas, para rumarem sobre a obra immensa da

intelligencia humana, grandioso alvo para onde as philosophias culturaes, como a de PLINIO SALGADO, resolvida num Integralismo de concentrações politicas, levam — alviçareira — os homens possuidos de vontade e intellectualidade. Não poderei, quiçá, ser um soldado do Integralismo. Mas, vejo nelle, nesta hora de indecisões e vacillações, uma bandeira, á cuja sombra a humanidade avance sobre o futuro de segurança, de ordem, de disciplina, para se victoriar uma paz evolutiva.

ALMACHIO DINIZ, — prof. e parlamentar.

16.

Agora, já estamos completando as primeiras fichas, com os dados fornecidos pelos primeiros “tests”. Logo, saberemos penetrar na penumbra do sub-consciente da Raça. Euclides da Cunha, Alberto Torres, Farias Brito, Jackson de Figueiredo, Graça Aranha, Capistrano de Abreu bateram as primeiras chapas, no espaço e no tempo. O brasileiro viu, gostou e disse: “Como o meu proximo é exquisito!”

Faltava quem tirasse a grande photographia, e que, além de photographo, fosse radiologista e clinico capaz de usar de remedios corajosamente decisivos. Este homem é Plinio Salgado.

MIGUEL REALE

APPENDICE

Diversas apreciações sobre Plinio Salgado como escriptor e pensador

PLINIO SALGADO E O ROMANCE NACIONAL

HEITOR MARÇAL (1)

Eu me transportara a Camocim, pequeno porto ao norte do meu Estado natal, uma cidadezinha tranquillá modorrando á beira de uma praia ampla, sem fim e batida por um vento livre e constante. Buscara esse recanto a conselho medico convalescente ainda da enfermidade que me grudára ao leito mezes a fio: — trecho da vida em que todos me suppunham mais distante da vida que da morte — e levara para a quietude desse refugio uma meia duzia de brochuras — parca ração sabe Deus como conseguida! dosada pelo récipe, uma especie de diéta para o meu espirito nos longos e interminaveis dias de repouso. Entre esses poucos volumes que me acompanharam havia um, a capa alva com dois listrões verdes, impresso em mau papel e em typo miúdo: “O Estrangeiro” de Plinio Salgado, que mão carinhosa

(1) HEITOR MARÇAL nasceu a 4 de Julho de 1910, em Fortaleza — Ceará.

E' um dos expoentes da corrente modernista do norte do paiz. Seus livros tem merecido justos louvores da critica.

Publicou: Na Quietude do Claustro, poema; — A legislação canonica do Brasil colonial, ensaio; — Sinhá-Dona, romance.

No prélo: Litoral, romance; — Chapéu de Couro, romance.

Heltor Marçal trabalhou nos maiores jornaes do Rio. Actualmente é alto funcionario da Recebedoria Federal em S. Paulo.

e amiga me enviara de São Paulo. E foi esse o livro que iniciei primeiro a ler. Comecei a leitura das suas paginas sofregamente. A' janella do "chalet" onde eu morava, na praia, cuja paizagem ainda vive nos meus olhos nitidamente — numa presença eterna do mar, com velas alvas fugindo ao sôpro forte do terral, ora com os "costeiras" empennachados de negro fumo, num lento e compassado ruflar de helices borbulhando a agua verde e clara do mar e rio misturados, comecei a viver a vida daquellas vidas, misturei-me aos personagens do romance, auscultando-os, sentindo-os, adivinhando emoções, reconstituindo scenarios, vivendo uma, duas vezes, mentalmente, episodios já lidos, tomando para mim um pouco do soffrimento, da angustia, e das decepções de todos os figurantes. E' que, pagina e pagina, debruçado sobre os soffrimentos e as alegrias de todas as almas que transitam e palpitam no romance, com as suas inquietações e as suas renunciias eu ia, sem o querer, surprehendendo a mim proprio, nos sentimentos ignorados da saborosa comparsaria do romance, nas duvidas dos inquiétos e na submissão dos resignados. Nenhum capitulo do livro deixou de ter para mim essa fragrancia subtil da realidade humana que tanto interesse me offerecia, convencendo-me não ter deante de mim, em minhas mãos, uma dessas tantas obras transitorias que a gente apenas lê, apenas vae se inteirando do entrecho nas scenas que se succedem e vae passando as folhas com uma vaga curiosidade pelo desfecho, não sem occultar o fastio crescente, leitura essa tão do agrado dos adolescentes e dos pessimistas...

* * *

Logo aos primeiros trechos de "O Estrangeiro" eu o comprehendí em sua essencia; visionei o seu sentido e percebi o que representavam aquellas paginas, o que,

folhas além, eu ia ver confirmado na tristeza desconsolada de Nhô--Indalecio, ao sentir-se desamparado dentro da propria Patria, offendido, humilhado, mais ainda, malsinando não possuirem os brasileiros um "consul" que os protegesse dentro das proprias fronteiras do paiz em que nasciam e viviam ensopando a terra com o suor do seu corpo na faina quotidiana e proficua.

"O Estrangeiro" é um romance de personagens concretos agindo dentro da vida; e não seres imaginarios representando, pobres fantoches presos, pelo bico da pena á ficção do novellista como acontece na maioria dos trabalhos do genero nacionaes... Não é uma historia de anonymos, de sem almas, de sem sentimentos que, ao contrario dos personagens de Proust, só sabem abrir portas e fechar janellas, dissolvidos na verbalidade dos seus creadores como observamos na maioria dos romances brasileiros. O livro impressionou-me fundamente porque era differente e vinha de encontro ás solicitações do meu espirito já desilludido pela ficção indigena. Era alguma cousa de novo num paiz em que os romancistas se divorciavam da vida e em que, por muito tempo, se cuidou mais da forma que dos personagens, onde cada figura era apenas uma effigie sem expressão, trabalho de talha ou touretica, burilada como um verso parnasiano mas sem uma linha que denunciase ou indicasse emoção; onde os episodios não representavam nada de vida nem se lhes pressentia uma migalha de humano nas suas paginas porque os gestos, as attitudes dos figurantes eram limitados á belleza das palavras que os poderiam exprimir. Isso sem falarmos na dialogação quasi sempre artificialissima, feita de palavras mortas agrupadas intencionalmente, nas quaes, mesmo quando existia belleza, na accepção lidima do termo, não faltava o ridiculo. Esse erro, de que se não conseguiu libertar o proprio Graça Aranha em Chanaan

— o dialogo entre Milkau e Lentz faz-me evocar a dissaborida conversação dos dois holandezes em “West Indische Discours” publicado em 1653 — foi vencido por Plinio Salgado pelo processo proprio, pessoal, que adoptou na feitura do seu romance. E não foi só esse o defeito que conseguiu eliminar do seu livro fugindo á regra, distanciando-se para a frente dos outros romancistas contemporaneos. O abuso da paizagem — o exhaustivo das descripções comprimidas, que muitas vezes forçam o leitor a passar adeante sem degustal-as — onde para cada folha, ramo ou insignificante detalhe, sobejam em outros autores os adjectivos rebuscados, num desperdicio vocabular de quem não sabe discernir entre o necessario e o superfluo não se encontra nesse romance. E delle não se poderá dizer, repetindo a phrase de D’Israeli em relação á Europa afora Londres e Paris — que tudo é paizagem — defeito esse que o foi tambem da “Bagaceira” comprehendido a tempo pelo seu autor que se penitenciou no prefacio com uma justificação que era antes uma escusa... Isso sem falar em muitos outros romances onde o scenario — como em certas operas — absorve os proprios figurantes. Sem incidir em nenhum desses erros, sem um delize de ideação, sem nenhum artificio, sem nenhum verbalismo ôco, sem nenhuma tirada de palavras vagas sem conteúdo “O Estrangeiro” impoz-se no momento do seu apparecimento como um dos melhores e talvez o mais perfeito romance editado no Brasil.

* * *

No “O Estrangeiro” ha uma lição do Brasil que só os brasileiros dignos dessa designação podem comprehender. Sem desfigurar a realidade por conveniencia ou facciosismo Plinio Salgado interpretou correctamente a angustia da alma nacional. Mostrou-nos uma Patria com

gestos afflictos, sem equívocos, sem mal entendidos, fora das contingencias pessoaes, desprendido de formulas abstractas, apresentando-nos como ella o é em sua essencia, em seu sentido exacto. Fazendo isso deu-nos um livro de agonia, agonia na sua expressão pura, grito de soccorro para uma sociedade em decomposição, grito de angustia para um povo que se dissolvia sem resistir, numa submissão tacita: os Pantojos servindo de pasto á vida nocturna das cidades cosmopolitas, uma mocidade estragada pelo dinheiro ganho sem suor e gasto sem remorso.

E Ivan se construindo sem saber para que; e os restos da fortuna dos Pantojos para levarem Marina ao suicidio. E no meio de todas as miserias, a figura de Juvencio — que eu considero o primeiro integralista do Brasil — lutando contra a absorpção e o desaparecimento da Patria.

“O Estrangeiro” foi uma advertencia ao brasileiro: — Olha! este é o teu retrato!

E foi tambem um grande conselho, que hoje o Integralismo mostra que foi ouvido...

“O ESTRANGEIRO”

RODRIGUES DE ABREU (1)

Acabo de ler “O Estrangeiro”, romance de Plinio Salgado. Quero um adjectivo forte perto deste livro. Mas, banalizaram os adjectivos “formidável”, “genial”. E’ o Livro. O Livro da Inquietude, da Duvida e da Esperança, na hora em que se forma a Raça.

* * *

Eu não leio livros, de um folego. Gosto de meditar, de mastigar gulosamente as idéas. Este eu li, contra a praxe. Ferrei nelle, e só o deixei quando o velario cahiu sobre o drama em que vivi.

* * *

Não posso fazer a critica do livro. Eu penso que eu estive nas suas paginas. Eu não posso criticar o Brasil

(1) RODRIGUES DE ABREU nasceu em Capivary — S. Paulo e falleceu em Baurú, a 24 de novembro de 1927.

Foi redactor d’“A Cigarra” e collaborou na imprensa diaria da Capital.

Publicou: Nocturnos, 1919; A sala dos passos perdidos, 1924; Casa destelhada, 1927. Em 1933 sahiram novas edições de seus livros.

Rodrigues de Abreu é um dos maiores poetas do Brasil. Nos ultimos dias de sua vida, tornou-se um idolo da mocidade de S. Paulo, que acompanhava commovidamente seus soffrimentos e os lampejos de seu genio poetico, tambem revelados no fulgor de sua prosa, como ensaista e critico.

que passa. Sinto-o. E que vá. Deus o leve onde elle fôr... E esse livro é o Brasil.

* * *

Estou respirando forte. Estou suando. Será a doença dos meus pulmões? Será o suor da minha tísica?

E' a Verdade do livro a me abafar. E' o suor da Tragedia, que se consuma, a ungir-me.

Brasil de amanhã, de quanta força occulta, de quanto pranto anonymo, de quanto levedar de ideaes estás surgindo!

O escriptor moderno rolou na tua lama, subiu ás tuas estrellas, e te viu.

Este livro: Tragedia da Duvida e da Esperança, mas bemdita tragedia. Dos Golgothas é que jorram as Illuminações e as Certezas!

* * *

Foi, um dia, na Russia, quando o paiz quiz libertar-se e crear, Biélinisky, o critico que teve a visão exacta do que deveria ser a Arte russa. Mas não tinha o dom creador. Veiu Nicolau Gogol, o genio que escreveu "Almas mortas". E realizou o que o critico concebera...

Não se póde descrever de um paiz, onde se dá este milagre: Biélinisky e Gogol num cerebro só.

* * *

Para mim, desta phase inquietante da arte nacional, a personalidade de Plinio Salgado se projectará, luminosa, para o valle do futuro, na feição maxima e dupla da intelligencia critica e realizadora.

E' Biélinisky e Gogol do Brasil que renasce.

O SACY, O AVANHANDAVA E O IMPERIALISMO PACIFICO...

JACKSON FIGUEIREDO (1)

Quem acompanha com interesse o movimento da critica contemporanea em derredor da obra de Marcel Proust, verifica, dentro de pouco tempo, que o essencial nesse debate, como em todos os demais sobre a arte, é o da relação moral entre a personalidade do autor e a belleza apprehendida, realizada, a belleza propriamente literaria.

Entretanto, o phenomeno que mais me preocupa na obra do singularissimo revelador, é o da sua despersonalização, se assim podemos dizer, da sua quasi absoluta despersonalização dentro de uma obra que, á primeira vista, se apresenta como a ultima palavra do subjectivismo, como a mais perfeita transfusão de um "eu" no complexo ambiente da modernidade, transfusão tão violenta, ou melhor, tão imperiosa, que o que mais nos

(1) JACKSON FIGUEIREDO nasceu aos 9 dias do mez de Outubro de 1891, na cidade de Aracajú, Provincia de Sergipe.

Escriptor e pamphletario de grande vigor, collaborou em muitos jornaes do Norte e do Sul do Paiz e em muitas revistas.

Foi fundador do "Centro D. Vital", que vem realizando obra de real e incontestavel valor.

Escreveu: Bater de azas — soneto, 1908; Notas de uma carteira — artigos; A profissão de fé de um poeta — estudo de critica literaria; Zingaros — versos; Xavier Marques — ensaio; Algumas reflexões sobre

admira, ao fim da analyse a que sujeitamos os seus dois elementos — de um lado, a alma do artista, do outro, a multiplicidade moral da vida contemporanea — o que mais nos admira, repito, é a simplicidade a que se reduz o segundo termo daquella relação: o mundo que se fez uma pura expressão, entre amorosa e endolorida, de um eu sobretudo preocupado de si mesmo.

Guardadas as proporções, um caso ha na literatura nacional, neste momento, que tambem, do mesmo modo, me aviva a curiosidade psychologica, e é o do Sr. Plinio Salgado, o autor d'“O Estrangeiro”, romance ou chronica da vida paulista, como elle proprio o sub-intitula. O caso do Sr. Plinio Salgado não é de modo algum o de Proust, no sentido daquelle naufragio do mundo no luminoso crepusculo de um eu. Mas em uma das suas feições mais accentuadas, coincide, de forma impressionante, com a do grande romancista francez: a da despersonalização real, profunda, de um autor que se apresenta com toda a exterioridade de um subjectivismo exaggerado.

Mas, por outro lado, o caso do Sr. Plinio Salgado terá, talvez, esta definição: objectivação quasi perfeita de um subjectivismo equilibrado. O que faria pensar no exaggero seria justamente essa profunda capacidade de fixar-se em face das coisas e, por consequência, dominá-las.

Seja qual fôr a nossa escolha, porém, entre as duas hypotheses, o que ha de positivo é o de ser o Sr. Plinio

a philosophia de Farias Brito; Crepusculo Interior — versos; Questão Social na philosophia de Farias Brito; Humilhados e luminosos — critica; Do nacionalismo na hora presente — carta; A reacção do Bom Senso; Auta Souza — critica; Pascal e a inquietação moderna — ensaio de philosophia; Affirmações; Literatura Reaccionaria; A columna de fogo; Durval de Moraes e os poetas de Nossa Senhora; Aevum — romance.

Morreu em 1928, a 4 de novembro, no Rio, afogado, em consequencia de um desastre.

Escreveu em 1.º de dezembro de 1926 o presente estudo, que publicou na “Gazeta de Noticias”.

Salgado um configurador por excellencia, um homem que não sae nunca de si mesmo, não vê nunca com olhos de emprestimo, mas com força bastante de dominio sobre si proprio, a tal ponto que, em todo o movimento, o tumulto do seu romance, jámais consentiu em apparecer em scena. Sente-se que elle está por traz, nos bastidores, a focalizar os personagens, e ás vezes nem esconde que os dirige tambem. Mas até o que deixa apparecer como pensamento proprio, do narrador, do ficcionista — se quizerem — ganha na sua prosa um tom, uma physionomia de além de si mesmo, da sua pessoa, da sua condicionalidade de espectador interessado.

Este seu caso com o de Andrade Muricy (bem mais delicado, mas não mais impressionante) dão á prosa brasileira contemporanea, um valor singular na sua historia: não o de transplantação de escola ou forma europeia, mas o de documentação e testemunho nosso tambem de uma attitude nova do espirito em face do mundo.

Ora, é evidente que um livro como o do Sr. Plinio Salgado mereceria, do ponto de vista esthetico, uma analyse aprofundada e, a meu vêr, mesmo, um elogio dos mais calorosos.

Não é, porém, desse ponto de vista que o poema ou romance, a ficção lyrico-dramatica d'“O Estrangeiro” merece, a esta hora, o meu maior interesse.

O meu desejo é mais simples, e é só o de chamar a attenção dos que me lêem para uma nova feição do optimismo brasileiro, feição tanto mais empolgante quanto não ha linha particular della que não revele um soffrimento, uma amargura, uma ansia da nacionalidade.

“Eu creio que o Sacy, na sua puerilidade, sabe enfrentar todas as formas do imperialismo pacifico...”

Sim, S. Paulo não é a classica “mais poderosa das unidades da Federação”. S. Paulo é sobretudo, o mais sério problema moral da nacionalidade, problema em

cuja intima contextura pôde-se dizer que está preso, como num aranhol, todo o futuro do elemento propriamente nacional, isto é, o futuro da brasilidade.

Se este livro, se este romance, se este resultado da actividade configuradora de um espirito, dá testemunho, por sua vez, da força configuradora da collectividade paulista, que balsamo que é este livro para a nossa inquietação!

O Estrangeiro para quem a terra surgira “pura e divina como a virgem das purificações”.

Salus infirmorum

Consolatrix afflictorum;

para quem, no emtanto, fôra, apenas, “o caminho do triumpho, que o devolvía a todas as amarguras e rebeldias de outr’ora; devesa desabrochada em espinhos, como os olhos mysteriosos de Maria de Lourdes”; isto é, com a força vital e a tristeza mortal do amor; e que, por fim, nem ao menos neutralizara o veneno que trouxera nas veias, esse Estrangeiro é aquelle, irreductivel, a quem a terra nova, se não despersionaliza, na desmoralização e na miseria, acaba por fulminar, impellindo-o, de repente, novamente, para si mesmo. Mas ha outro Estrangeiro, multiplo e vulgar, que serve de côro a essa figura dramatica e dolorosa. E’ a este que o Brasil oppõe a puerilidade poderosa do Sacy... Esta sómente?

O proprio livro do Sr. Plinio Salgado aponta outras barreiras, que são, ao mesmo tempo, machinas de nacionalização, retortas de brasilidade,

“Desgraçado do homem sem paredes”.

E’ o proprio Estrangeiro — o irreductivel — quem o proclama na dôr do seu renascimento, á distancia, no seio da sua miseria originaria.

Dahi a lição admiravel: “Não o sonho-individuo, o sonho parcella, das experiencias de Ivan, oriundas de

um estado pessoal; mas o sonho-paiz, filho espontaneo da terra e da raça”...

E tudo o mais que transforma a “boutade” de Mello Moraes Filho sobre o nacionalismo da febre amarella, naquelle sério aviso da Apotheose ao Anhanguéra!

“Juvencio deve andar fugido pelo sertão. Elle era o Anhanguéra palrador e illuminado. Como o Avanhanda, que estourava alli perto da sua maleita e do seu esquecimento, — a vigilante força obscura...”

Para nós, nacionalistas racionais, e não sómente, ou quasi nada sentimentaes, este poema d’“O Estrangeiro” é, mesmo nos seus mais afflictivos e crueis avisos, um livro de esperanza e de fé.

FORÇAS NOVAS

MONTEIRO LOBATO (1)

Vem de S. Paulo um livro que vale pela mais pura revelação artistica destes ultimos tempos. "O Estrangeiro", de Plinio Salgado. E' mais que um romance. Dá a impressão duma grande obra cyclica, ao molde da "Comedia Humana", de Balzac; qualquer coisa como notas estenographadas com mão febril para ulterior desenvolvimento. E talvez por isso seja tão forte, tão nova a impressão que causa. A mesma que causaria a Comedia Humana se do estado de diluição analytica passasse ao de concentração synthetica num só volume.

Plinio Salgado consegue o milagre de abarcar todo o phenomeno paulista, o mais complexo do Brasil, tal-

(1) MONTEIRO LOBATO nasceu a 18 de Abril de 1882, em Taubaté. Cresceu lá e na fazenda de Santa Maria. Fez tudo quanto ás crianças fazem — manha, etc. Brincou os brinquedos que todas brincam — de esconder, pegador, bolinha, peão, etc. Aprendeu a ler e começou a ler muito cedo. Ficou maniaco pelos livros.

O primeiro livro que leu chamava-se Dez contos. Havia umas estampas coloridas. Depois, o Robinson, na edição Laemert. Lembra-se da palavra "solitario" que apparece com frequencia nessa obra. Não achou jeito que solitario fosse marido de solitaria — e pediu explicações a uma tia. Com ella aprendeu que solitario é só.

Esteve num Collegio Americano, em Taubaté.

Entrou para o Instituto de Sciencias e Letras, em S. Paulo.

vez um dos mais curiosos do mundo inteiro, mettendo-o num quadro panoramico de pintor impressionista.

Que formidável *steeple-chase* é S. Paulo! Confluem para elle não só as incoerciveis energias do homem que arregaça as mangas na Italia, na Syria, na Allemanha, na Russia, no inferno e vem para a America vencer, como os elementos mais eugenicos de todos os Estados do Brasil. E referve a *curée* da terra roxa, em torno do Café, ouro-phenix de eterno rebrotar. O atropelado *rush* ao Klondike repete-se. Faca nos dentes, musculos retesados e um grito só: Dinheiro!

Essa onda advena, arreitada de ambição, choca-se com os primeiros occupantes, os desbravadores já victoriosos, e deflagra o drama do *struggle* que Plinio Salgado traceja a espatuladas fulgurantes, com nababesco desperdicio de tintas raras. E, como sempre, vence o mais forte.

Completados os exames entrou para a Academia de Direito sem ter o minimo gosto por aquillo — só para satisfazer a vontade do seu avô, com quem foi morar depois da morte de seus paes, aos 15 annos.

Tentou advogar em Taubaté. Desistiu porque nunca acertava com o sello. Tudo que elle fazia o juiz dava para trás: "Complete o sello e volte", coisas assim. Virou então promotor publico de Areias.

Começou a escrever com nomes falsos em jornaezinhos — sobretudo num celebre Minarette de Pindamonhangaba. Seu livro "Cidades Mortas" encerra a literatura desse periodo.

Escreveu no "Estado" e na "Revista do Brasil". Mais tarde comprou essa ultima. Rapidamente essa publicação virou casa editora — Monteiro Lobato & Cia., e depois Cia. Graphico Editora Monteiro Lobato.

Cresceu vertiginosamente essa empresa, já transformada em sociedade anonyma. Cresceu tanto que não resistiu á grande crise de 1925 — e foi á fallencia.

Publicou varios livros de contos e criticas.

Urupês, Cidades Mortas, Idéas de Jeca Tatú, Negrinha, Onda Verde e Macaco que se fez Homem. O curioso da sua companhia editora foi ter ella sahido desses livros. O seu ultimo livro é "O Escandalo do Petroleo". De facto é um escandalo! Num mez alcançou a terceira edição.

Nos Mondolfis descreve Salgado o cyclo ascendente dos colonos de boa cabeça e rijos no trabalho. Com rapidez passam da Hospedaria dos Immigrantes á riqueza e á direcção politica. Formam o amanhã de S. Paulo.

Ao lado delles, cyclo descendente, os Pantojos, familia antiga mas já dessorada das boas energias vitaes, morrem na curva da parabola. Pantojo vende aos Mondolfis suas terras e vae para S. Paulo esbanjar em farras o dinheiro. Morre na penuria, com os filhos já a se diluïrem na massa anonyma dos vencidos.

Zé Candinho, caboclo rijo de cerne, symboliza a velha guarda que se retira para o sertão mas não se rende. Vae continuar a obra dos seus maiores, néo-bandeirante que é, violador nato de terras virgens.

O professor Juvencio resiste crispado no seu nacionalismo de raciocinio, mas vae sendo posto de banda

Fol para os Estados Unidos como Addido Commercial. Quasi cinco annos de New York o curaram das feridas da fallencia. Só escreveu nesse periodo livros para crianças — a série Narizinho Arrebitado. No Rio fez um pouco de jornallismo, n'“O Jornal”, e deu dois livros: O Choque das Raças e Mr. Slang e o Brasil.

De volta da America publicou Ferro, Na antevespera, America e coisas para crianças. Caiu logo no petroleo e no petroleo está até hoje — e nelle ficará até que saia.

Sua opinião é a seguinte: “Sua vocação nunca pôde seguil-a. Fez-se advogado para satisfazer um avô. Fez-se literato por besteira. Nos comços chegou a considerar-se pintor, tal era sua mania de pintar. Julgou por muito tempo que fosse sua verdadeira vocação. Hoje está perfeitamente esclarecido. Sua verdadeira vocação é para pescador. Quando está de anzol na mão á beira dum rio, esquece o mundo e até o petroleo. No emtanto nunca poudo pescar por causa de uma coisa de azínhas chamada mosquito.

Há de tirar petroleo, e de medo dos milhões que inevitavelmente hão de vir atrás d'elle, só tem dois caminhos a seguir: suicidar-se, para evitar a preamar de amigos ou ir ser mendigo na India — como o Purun Baghat, de Kliping”.

Escreveu em 19/9/926 n'“A Manhã” do Rio “Forças Novas”, que termina propheticamente.

pelo terrível parigato, como voz de éco impossível na algazarra da refrega.

O major Feliciano representa a politica victoriosa, safadissima, toda em resumo no “vencer para gozar”.

Eugenio Fortes, o poeta, figura o intellectualismo doentio, sem forças para a violencia da acção. Contempla e commenta, mas de palanque.

Ivan, um russo, constitue a figura central do livro. “Synthese de todos os personagens (diz o autor no prefacio onde eschematiza a obra), consciencia de todos os males. Acção norteada por um idealismo *a priori*, annullado por scepticismos crueis em face do utilitarismo ambiente e do preconceito esmagador. Plethora de personalidades contrastantes e incapazes”.

Mas de nada valeria o bello esquema prefacial se o autor não introvertesse na realização da obra uma onda revolta de talento, e não a fizesse exactamente como fez, numa desordem procurada e sem preocupação de forma. De tontura em tontura segue o leitor pelo livro a dentro, empolgado pela força do estylo, que é unica e sem rival entre nós. Quadros ha pintados como os pintaria Jupiter — a coriscos. A outros esboça o autor com tintas novas, ineditas na palheta academica, audaciosissimas.

Um chá dansante: “Na nuvem dourada do jazz, corpos brancos e macios enroscavam-se na empernada delicia das môrnas chamadas geitosas e discretas. Os roseos labios entreabertos e os olhos de ternura molhada adivinhavam premidas puberdades.

Mas os chás-dansantes, em geral, eram em beneficio de santa Therezinha de Jesús...”

Mais uma transcripção que dê medida do seu impressionismo. Juvencio, o exasperado nacionalista, vae com seus alumnos em excursão ao salto do Avanhanda-va e leva comsigo os trez papagaios que dera de presen-

te a Carmine Mondolfi e que tomara de novo. Que tomara porque tinham as aves aprendido o hymno fascista e outras italianidades. Queria, dentro da natureza selvagem, restaurar a brasilidade dos papagaios.

— “Vou cural-os no sertão.

Mas foi inutil...

Uns caboclos de Santa Barbara acercaram-se, curiosos.

Os fords pinoteavam como cabritos na estrada pedregosa que furava a matta-virgem.

O Tieté tombou, de chofre, com ribombo e estilhas. Catadupa de ouro liquido. Piscina larga de muros a pique. E os papagaios de Carmine gritavam, roucos:

Giovinezza, giovinezza, primavera di bellezza!

Uma grande arara gargalhou gostosa no alto de um ipê. Juvencio, de pé sobre a rocha, exclamou:

— Quem ri desta cachoeira?

E voltando-se para os discipulos e caipiras amontoados:

— Vamos! Algum de vocês é capaz de rir desta cachoeira?

E explicou:

— Esta queda d'agua poderia fornecer força a muitas cidades, mover usinas, illuminar. Assim é o homem da nossa terra. No litoral desmancha-se em arroio, mas aqui é bruto e forte.

Agarrou então os papagaios — *giovinezza! giovinezza!* — e, um por um, os foi estrangulando, atirando-os na onda brava da catadupa.

— Indignos todos os seres que falam como papagaios, sem pôr nas palavras a força e o calor da Terra! Indignos os homens que falam com os labios e acabam transformando-se na insensibilidade dos phonographos!”

Todo o livro de Plinio Salgado é uma inaudita riqueza de novidades barbaras, sem metro, sem verniz.

sem lixa academica — só força, a força pura inda não enfiada em fios de cobre das grandes cataratas brutas.

Não cabe nesta columna o muito que ha a dizer de livro tão forte e novo.

Nella fique, pois, apenas, um brado de entusiasmo pelo "algo nuevo" que vem de revelar-se ao paiz. Já tardava que S. Paulo, terra de prodigios, dêsse da sua uberdade mental tão saboroso fruto. Plinio Salgado é uma força nova com a qual o paiz tem que contar.

PALAVRAS DE UM SOCIOLOGO

OLIVEIRA VIANNA (1)

“Pretendia dizer largamente o meu encanto, a minha surpresa, o meu maravilhamento pela sua obra. Leio, hoje porém, na MANHÃ, do Rio, um artigo do Lobato, em que diz, do modo que elle sabe fazer, a sua impressão de leitura — e isto me poupa o trabalho de dizer mais nada — porque não poderia fazel-o melhor e mais luminosamente. Eu subscrevo integralmente o juizo de Lobato, accrescentando, porém, que desejaria vêr o bello plano do *Estrangeiro* desenvolvido pelo seu autor num outro dominio, no dominio dos estudos sociaes, em que fixasse e explicasse o phenomeno paulista de nossos dias num quadro igualmente profundo e poderosamente estruturado, mas posto em base scientifica e não em bases de ficção. O Talento lhe sobra. Que faça isto”.

(1) OLIVEIRA VIANNA, o maior sociologo do Brasil. E' autor dos seguintes livros: *Populações Meridionaes do Brasil*, V. 1. — duas edições; *Pequenos estudos de psychologia social*, 1923; *O idealismo na evolução politica do Imperio e da Republica*, 1922; *Evolução do Povo Brasileiro*, 1923; *O occaso do Imperio*, 1926; *O idealismo da Constituição*, 1927; *O credito sobre o café*, 1927; *Problemas da politica objectiva*, 1930. Tem em preparação varios volumes.
Oliveira Vianna nasceu na provincia fluminense.

UM LIVRO NECESSARIO

TRISTÃO DE ATHAYDE (1)

“E’ o romance da raça em formação, da nacionalidade em fusão, o romance do “melting-pot” paulista. Cheio de raizes na terra. E de galhos, no ambiente bem vivo, bem nosso, de hoje. Um livro, enfim, que traz a primeira qualidade de uma obra literaria duravel: — a *necessidade*”.

* * *

“Um livro necessario. Bem do fundo da consciencia. Bem amassado de pensamento, de perplexidade, de hesitação, de revoltas e de esperanças”.

* * *

“E’ o São Paulo de hoje. Essa cousa formidavel, que vae para a frente. Duramenté. Implacavelmente. Cheio

(1) TRISTÃO DE ATHAYDE é líder catholico no Brasil, Membro da Academia Brasileira, Presidente do Centro D. Vital, Director da revista “Ordem”. E’ autor dos seguintes volumes: — Affonso Arinos; — Estudos, 1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a, 5.^a séries; — Esboços de uma Introducção á Economia Moderna; — Preparação á Sociologia; — Debates Pedagogicos; — Problema da Burguezia; — Economia Prepolitica; — Politica; — Contra-Revolução Espiritual; — Pela Reforma Social; — Tentativa de Itinerario; — Freud; — Do Pio VI a Pio XI; — Indicações Politicas; — Introducção ao Direito Moderno; — No Limiar da Idade Nova; — O Espirito e o Mundo.

de vícios, de males, de misérias caladas, de arrogancias intoleráveis, de arrivismo, de patifarias, de escandalos”.

* * *

“Todos esses momentos de raça, que o Sr. Plinio Salgado aponta, ora no intellectual, que se isola na sua torre, ora no crapula, que falsifica assignaturas, ora no velho “gaga” dos bordeis, ora no italianinho desbravador de pantanos e povoador de terra, ou no caboclo atrevido, que vac cyclopicamente na ponta do ariete, nessa prôa de Rio Preto, que é esporão da abordagem, — todos esses momentos são pedaços de vida da nossa agitação incoherente de hoje, de nossa fusão ardente, que arde, no espirito em carne viva de quem tenta pensar aqui. Tudo isso dá ao livro uma força de encarnação pouco commum.”

* * *

“... não é deslocado evocar “*Os Sertões*” ao falar de um livro que se prende, afinal, á mesma corrente de expressão da raça nova, da nacionalidade em esperança, com seus crimes e suas possibilidades. São ambos livros BARBAROS, escriptos menos que gravados a ponta de faca”.

O MOMENTO DO ROMANCE BRASILEIRO

ANDRADE MURICY (1)

Passei ultimamente umas horas muito curiosas, nem sempre aprazíveis, lendo romances modernos brasileiros. Reli alguns, de que antes tomara conhecimento, e aqui estou de posse de uma nova experiencia indelevel. Já tive occasião de escrever sobre poucas daquellas obras, isso apenas com a incerta e fallivel percepção do particular e do individuado. Desta vez a impressão foi panoramica. Devêra, portanto, dizer do geral e do especifico. Anda tudo, porém, terrivelmente instavel, e será talvez impraticavel fixar uma visão que valha por um reflexo authentico do momento, no dominio da ficção, e por tentativa séria de estabelecer um primeiro quadro de valores, de que se pudesse soccorrer o publico, em meio do confusionismo actual.

(1) JOSE' CANDIDO DE ANDRADE MURICY nasceu em Curityba, capital do Paraná, a 4 de dezembro de 1895.

Estudou harmonia, composição e piano com o organista e regente suiso Léo Kessler, que tambem o iniciou nos dominios da esthetica musical.

Bacharelou-se em direito na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro. E' professor cathedratico da Escola Superior de Commercio do Rio de Janeiro.

Escreveu "A Festa inquieta", novella, 1926; "Suave Convivio", estudos criticos, 1922.

Escreveu ultimamente "A Nova Literatura Brasileira", 1936.

Quem, neste instante, procurasse collocar o espirito em condições de retornar a um clima legitimamente *intellectual* (como tem sido facil em periodos outros de nossas letras), teria a surpresa de sentir-se exilado neste mundo de fallaciosa publicidade que substitue a verdadeira atmospheria vital, capaz de fecundar o espirito creador. Verificaria que, por isso mesmo, a preocupação interessada norteia os juizos, dando á realidade puramente social preponderancia excludente sobre a livre movimentação do espirito, tão melindrosa, mas tambem tão decisiva para o trabalho da criação.

A revolução esthetica independeu sempre das revoluções politicas. E em arte só a expressão realiza. O *modus ethico*, profundamente abalado em seus alicerces, vae influir, não ha duvida, lá muito adeante, na propria essencia da criação.

O seu processo, porém, é imprevisivel, fatalmente. Quando o marxista Radek julga discernir, na mais recente obra de Boris Pliniack, um definido encaminhamento para uma orthodoxia esthetico-communista, apenas a si mesmo se illude, e a quem quizer acompanhá-lo, porque a victoria, no caso, permanece, nuamente no terreno politico-social. A *arte* de Pliniack nada tem com isso. Aliás, Mauriac, respondendo á critica do mesmo

Em 1926 foi nomeado para a Secretaria da Côrte de Appellação do Districto Federal. Em 1932, a convite da Universidade do Rio de Janeiro, realizou no Instituto Nacional de Musica um curso de Extensão Universitaria da Musica, Esthetica Musical e Folk-lore Nacional.

De Andrade Muricy, — disse Tasso da Silveira em um optimo rodapé d' "A Nação" — Andrade Muricy é um dos maiores escriptores jamais nascidos no Brasil. E' o critico mais completo, mais agudo e subtil que até agora produzimos.

Tasso da Silveira tem razão.

O presente trabalho "O momento do romance brasileiro", que publicamos, prova o pulso do critico e estylista admiravel, que é Andrade Muricy. Nelle temos rapidamente um insuspeito depoimento de Andrade Muricy sobre o valor do Chefe como escriptor e pensador.

Radek a Proust, lembra que só o conteúdo de humanidade vale, sendo accessorios o assumpto e as personagens (caracter, classe social, estado de civilização).

Ora, na apreciação do romance moderno brasileiro, o criterio, esthetico de commoção, belleza e sentimento foi quasi sempre expressamente olvidado por uns, instinctivamente, por outros. Vejamos por que.

O successo de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha determinou um desvio do nosso gosto em materia de ficção. *Charaán*, de Graça Aranha, immediatamente posterior á grande obra de Euclides, beneficiou da moda do "sociologismo", do "ethnologismo", do "anthropogeographismo".

Dahi o successo restricto de obras como a dum gratuito e humanissimo Lima Barreto.

Dahi o successo do primeiro romance moderno marcante: *O Estrangeiro*, de Plinio Salgado, que se alçava ao cyclico e ao representativo. Em poesia e em prosa, só o "representativo" interessava o publico letrado. Isso no que se referia ás letras brasileiras, porquanto elle se comprazia nos Morand, nos Proust, nos Joyce e nos Pirandello, muito menos ambiciosos (politicamente) do que qualquer estreante de "romance-cyclico".

Em ultima analyse o brilhante O Estrangeiro prenunciava menos um romancista notavel do que o chefe actual do Integralismo.

Plinio Salgado não exigia a definitiva incorporação do intellectual na vida politica sem que isso correspondesse, nelle, a poderosa intuição do seu destino pessoal.

Emquanto o estheticismo vanguardista, provindo do Dadaismo e de Marinetti, grassava em São Paulo, e tambem aqui no Rio, o Nordeste, representado pelo joven parahybano José Americo de Almeida, dava uma nova nota da "epopeia". A *Bagaceira* foi o fruto daquella reincidencia. O caso de *O Estrangeiro* reflectia-se no

vivaz romance nordestino. O poema de folk-lore e de tumultuoso pittoresco *Macunaíma* de Mario de Andrade, parecia encaminhar o seu illustre autor para rumo paralelo.

Coube ao Nordeste porém levar essa tendência a um iterativo fastigio.

Não é possível apreciar claramente o panorama do romance moderno brasileiro sem, desde logo, focalizar e delimitar nelle o caso do romance nordestino, que tem sido apresentado ao Brasil como expressão exemplar da sua criação ficcionista. Demais, esse romance representa, já, um conjuncto muito homogeneo, homogeneo até á monotonia, com muito pouca excepção, ao ponto de alguns delles poderem ser permutados, sem nenhum prejuizo, entre os respectivos autores. São, todos elles, cyclicos. Querem representar algum aspecto local que reflecta uma realidade economico-social, devidamente circumscripta para os effeitos da these: *Cacáu*, *Banguê*, *Os Corumbas*, *Alambique*, *Maleita*, *Coiteiros*, *Boqueirão*, *Bagaceira*, *Menino do Engenho*, etc. A intenção de todos é nitidamente interessada, no sentido de dar ao publico o proveito duma experiencia que affecta a formação da alma popular e a organização da sociedade. Excepção feita para os livros de José Americo, e para *Os Corumbas*, de Amando Fontes, todos pertencem ao genero autobiographico, ou que, proximo d'elle, usufrue das vantagens do tratamento na 1.^a pessoa do singular, dando a tudo o tom atrahente do processo memorialistico. Processo facil e perigoso. A narração tingida de algum eralo subjectivismo, lá vae sahindo, com a naturalidade da recomposição pela memoria. Isso, nas mãos de Marcel Proust, forneceu-lhe um instrumento incomparavel. Nem póde elle ser desdenhado. E', porém, evidente, no caso do romance nordestino, que serve para occultar muitas insufficiencias, e dar um ar sabido a quem é apé-

nas ingenuo aprendiz. Dahi a importancia do romance sergipano *Os Corumbas*, já referido. Romance, em meio de tantas lentas e penosas narrativas auto-biographicas. Obra em que ha estrutura interna (ninguem pôde viver e mover-se sem esqueleto); em que os “casos”, psychologicos e as situações serão talvez mais vivas do que as proprias personagens, mas cuja absoluta objectividade é irrecusavel. Escripto com singeleza directa. Tambem não ha de negar o merito excepcional de *A Bagaceira*, rutilante de imagens de fresca plasticidade, levado por entre margens de maravilhamento lyrico, meritos esses que ha que recusar a estes *Coiteiros* e *O Boqueirão*, cuja triste, total aridez expressional despe os respectivos intuitos cyclico-representativos de qualquer interesse esthetico. Houve quem affirmasse que, com esses livros, estão feitos o “romance do cangaço” e o “romance da secca”. Estarão *feitos*, não, porém, *realizados*. Um mau momento, dum escriptor de tantos recursos.

E é essa aridez occasional que o approxima da primaridade real, ou por vezes affectada dos romancistas “auto-biographicos”.

Delles, José Lins do Rego é o mais bem armado literariamente. Vê-se que formou o seu espirito numa hora um pouco anterior áquella em que os demais o fizeram. Sente-se nelle algumas “influencias” de *escriptores*, ligação á grande correnteza viva e sempre nova da tradição (não ha outra palavra) literaria. Nos tres romances publicados: *Menino do Engenho*, *Doidinho* e *Banguê* ha indicações dum *métier* que se vae affirmando e enrijando. Nelles, porém, como nos romances de José Americo, já tomamos contacto com a *doença*, a morbidez asphyxiante da alma sertaneja, no Nordeste. Ao ponto de dar-nos, a nós, sulistas, a impressão de estranheza, na accepção propria da palavra. Tão longe, aquillo, da alma contemplativa, mas desrecalcada, aberta, do sertanejo do

Sul. Já nos livros de Lins do Rego, como na própria *A Bagaceira*, encontramos-nos com uma realidade que o brasileiro só pôde acceitar em caracter de immediata transitoriedade, por incompativel com a arejada pastoral americana que precisamos viver.

E' como o retrato de um mundo em decomposição: vontades que se esvaem, personalidades que se diffundem e annullam em pan-sensualidade.

Maleita de Lucio Cardoso, representa modalidade do mesmo phenomeno. O *opio*, a *cocaina* da sensualidade são nelle, substituidos pela *maleita*, pela *palustre*. Desde a primeira pagina do romance, uma névoa vertiginosa de febre embaça, definitivamente, as perspectivas. Vamos, até o fim, num só tacteio estonteado.

Qualquer coisa, entretanto, nos tranquilliza intimamente. Sente-se o sólo mais seguro do que nos volumes de Lins do Rego. E' que ha, em *Maleita*, uma força que sabe querer, que é quebrada, porém que não é vencida. O heróe desse joven romance é effectivamente um *heróe*, um *heroezinho* extremamente sympathico... por que, em meio de tantos individuos esmagados pela propria doença da vontade, por um fatalismo gelatinoso, aquelle tem alguma capacidade de acção. E' um homenzinho, da raça dos fundadores e dos conquistadores.

Os Caetés, de Graciliano Ramos, mais objectivo, é em compensação, primario grosseiramente. Uma indicação de romancista apenas, como o foi outro primitivo, mas de muito maior amplitude de visão: Rodolfo Theophilo. Não pude ainda lêr *S. Bernardo*.

Tambem romancista por *grosso* (*grosso modo*) é o autor de *Alambique*, Clovis Amorim.

Nesse livro, a falta de caracteristicos individuaes de estylo, emoção e de inventiva vae até a mais vulgar facilidade. Romance proletario... e aqui encontramos o autor de *Cacáu* e de *Suor*, Jorge Amado: *Alambique*, se

fôra bem escripto, pudéra ser de Jorge Amado. Representa o mesmo caso literario-sociologico. As intenções são as mesmas nos dois jovens autores. E o que é intencional, em Jorge Amado, é o que elle apresenta de peor. A "*These*" proletaria não interessa, em arte, no que se refere á efficacia esthetica, como não interessa a "*These*" catholica, ou a capitalista, ou a historicista, ou a anthropologista. Ou qualquer outra. E da *These* provêm os erros desagradaveis existentes nos dois livros de Jorge Amado. Dentre elles, a pornographia mal preparada, collocada alli como nota local e typica, mas por fórma contrafeita, num evidente espirito de exhibicionismo, como nunca teve a macular-lhe a obscenidade épica, Adelino Magalhães, nas suas *Visões, Scenas e Perfis*, que precederam Joyce e o seu *Ulysses*.

Ainda em *Cacáú*, havia certa legitimidade na aspiração ao character representativo e cyclico. Suor não tem nada que o justifique. Alli só a *These*, e, a seu serviço, observação superficial dos ambientes populares, *soi-disant* "proletarios". Os males do nosso humilde zé-povinho não resaltam alli com o seu *tonus* proprio. Está tudo alli muito systematico, as côres inutilmente sobre-carregadas. O relato não vae além do interesse duma boa reportagem, não fôra a preferencia ingenua pelos assumptos excusos. Jorge Amado trouxe, para vêr esta desprendida e buligosa gente carioca olhos prevenidos, e visão preconcebida.

Attribuiu-lhe um erthismo sexual e uma morbidez psychologica, que maior experiencia e uma feliz insistencia farão transmudar em simples e descontrolado sentimentalismo. Tudo isso para crear similares do *Judeus sem dinheiro*, *Passageiros de 3.ª*, e outras coisas taes, legitimas, ellas, nos ambientes que as suscitaram. Quando vemos que Jorge Amado escreve melhor do que os seus collegas nordestinos, numa lingua consistente e elastica,

prenunciando escriptor organico, não ha hesitar em se lhe dizer que só de realidade authentica, sublimada encantadoramente em belleza, se faz obra de arte. Quando um Maritain condemna, baseado em São Thomaz, qualquer intenção religiosa e proselytista no trabalho de criação artistica, não será um Radek, em seu primarismo, que conseguirá subordinar a sensibilidade e a imaginação artisticas a meras necessidades de propaganda. Se o fizerem, será em pura perda. A arte póde resultar em propaganda. Assim Dostoiewsky. Tem porém, de ser, antes do mais, arte e só!

Vale, em *Cacáu* o seu melhor livro, uma simplicidade destemida, muito favoravel, á criação do romance. Diga-se, entretanto, que *Cacáu* não é romance porém novella mais ou menos auto-biographica.

A eloquencia não faz tanto mal á arte quanto se diz, actualmente.

A dóse, a harmonização é quem devem ser strictas, e só dependem, para o exito do conjuncto, do instincto e da intelligencia do autor. Jorge Amado prescindiu da eloquencia, quasi sempre e não fez nem bem nem mal: prescindiu apenas. Foi mais feliz do que José Americo de Almeida, que abusou da eloquencia em *Coiteros* e em *O Boqueirão*, tirando a naturalidade ao dialogo e inflando as vózes sertanejas até o mais classico entono heroico. *Suor* resente-se, além de tantos outros irremediaveis defeitos, de pressa flagrante, e de não crystallizado. Arte não permite meios termos: razão pela qual um nobre artista como José Americo, escrevendo a *meia-força* os seus painéis sertanejos, delles não tracejou com felicidade nem o arabesco geral.

E' preciso confessar que a leitura de todos esses romances nordestinos deixa, por fim, penosa impressão: a da decomposição ethica duma sub-raça, por tantos titulos heroica e infinitamente soffredora, generosa, expan-

siva, cantando o mais multiforme e rico folk-lore americano. Mas o excesso da piedade exclue a verdadeira sympathia. Resulta que, da parte do leitor Brasil-sul e Brasil-centro, só uma reacção se faz desde logo: a ansia violenta por que extirpe da realidade brasileira a terrível endemia que está allucinando e estiolando o Nordeste. Se essa crise não existe, que só sejam culpados da falsa impressão os seus romancistas.

1.

Plinio Salgado é o espirito de minha terra que se fez verbo e habitou entre nós. E' Pagé. Creou o feitiço, a alta bruxaria do "O Estrangeiro". Um milagre: o melhor romance do Brasil e um dos melhores romances do mundo! Uma obra realizadissima entre todas no modernismo nacional! Elle prepara os feitiços com as essencias geniaes: — sabe ser universal justamente por ser nacional; tem o segredo das grandes syntheses, das grandes energias, dos grandes raios; e a simplicidade sem trivialidade, e a graça de alargar até um circulo de raio (∞) os factos e as causas dos circulos minimos da vida. Seu livro é tão alto que só lhe puderam encontrar uma falha: "a perfeição". "*Obra construida*, obra de these, e portanto antiga" — eructou dona critica com sua acidez... *Construida!* Queria que um arranha-céu se erguesse como os *castellos* que rimam com bellos-castellos no ar? Se o surrealisme implantasse a improvisação como os tolos venceriam! Mas *surrealisme* não é *sussotisme*. E Plinio ahi está feito um mestre-romancista e "O Estrangeiro" — uma obra mestre. E' pois de estricta justiça a immensa admiração que lhe tenho e que confesso aqui nesta primeira pagina do meu livro.

MURILLO DE ARAUJO (Dedicatória tirada do livro "A iluminação da Vida", que está, hoje, fazendo parte do nosso archivo. — Rio de Janeiro, 26/11/27. — Ipanema.

2.

O Estrangeiro é um grande livro, um dos mais bellos livros ultimamente publicados. E' a revelação de quem sabe vêr e sentir a Patria, de quem olha profundamente commovido através de um sonho de arte, os *proprios destinos da nacionalidade*.

ROQUE CALLAGE — "Diario de Noticias" — Porto Alegre.

3.

O livro mais notavel da lingua.

NUTO SANT'ANNA — "A Gazeta"
— 1926 — S. Paulo.

4.

Vem agora "O Estrangeiro", de Plinio Salgado, — e eis que a opinião publica, inopinadamente posta em contacto com *um dos temperamentos mais originaes do instante literario*, se sente presa de inquietação e de duvida, como se esse livro viesse resuscitar velhos problemas insoluveis e como, se em lugar de um romance — obra portanto, de ficção — se tratasse de um profundo compendio de philosophia social. Aliás, essa marcada *inclinação philosophica* é o que caracteriza o temperamento de Plinio Salgado. Em qualquer dos seus escriptos, sente-se predominar o espirito de investigação e percebe-se que o literato faz força para esconder o philosopho.

FRANCISCO PATI — "A Tribuna"
— Santos.

5.

Fôra preciso crear-se uma Academia para premiar a obra de Plinio. Essa Academia existe. E' toda a mocidade estudante de minha terra. E' todo o pensamento novo que estilhaça, vibra, fulgura, sob um sol novo, na visão verde da terra. E' o espirito da Patria cantando pela mocidade, que procura, acima dos inuteis partidos, a grande communhão do tempo com o espaço. E' o Brasil redivivo. E' a resurreição da alma nacional. A integração na verdade. O alcance do grande momento.

MARIUS — "Platéa" — S. Paulo
— 10/4/26.

6.

Obra de desafogo mental, util depoimento de um homem livre, "O Estrangeiro" é uma obra fervilhante, pullulante de idéas, é a obra de um literato *que se completa no pensador, no historiador, no sociologo. Obra panoramica que faz vêr o Brasil de hoje como uma carta em relevo.*

AGRIPPINO GRIECO — "A Manhã"
— 29/12/26 — Rio.

7.

Não ha como Plinio Salgado para pegar tudo em duas palavras, em breves scenas expressivas.

JOSÉ AMERICO DE ALMEIDA — "A
União" — Parahyba.

8.

... bello e original romance "O Estrangeiro": Chronica, pamphleto, sociologia, historia, realidade e ficção, genesis da nova nacionalidade...

AFRANIO PEIXOTO

9.

Eu creio, aliás, que é uma figura a reclamar ainda muito exame a desse escriptor paulista que se desdobra num homem de idéas e num homem de acção, alternando romances e iniciativas, o “Cavalleiro de Itararé” e a “Acção Integralista”, e conseguindo um raro ambiente de vibração e entusiasmo em torno de suas convicções.

Pessoalmente, acho que elle é um grande artista, cuja sensibilidade alcança, posta em contacto com as dores de seu povo e os males de sua terra, um poder de lucidez e de eloquencia sobre que devemos deter a attenção.

LUIZ DELGADO — “A Imprensa”
— João Pessôa — 17 de Ju-
lho de 1933.

10.

“... assim Plinio Salgado falou a nossa verdade”.

MOTTA FILHO, — de um estudo
sobre “O Esperado”

INDICE

	Pag.
Carta <i>fac simile</i> de Rodrigues de Abreu	V
Dados biographicos de Plinio Salgado	1

I PARTE

Apontamentos sobre a acção politica de Plinio Salgado	15
Addendo (<i>A grande hora do Brasil</i> — Helio Fontes)	39

II PARTE

(Depoimentos)

Tasso da Silveira	51
Virginio Santa Rosa	69
Ribeiro Couto	97
Augusto Frederico Schmidt	107
Jehovah Motta	113
Malheiro Dias	123
Almeida Magalhães	135
Godofredo Filho	141
Fernando Callage	149
Mario Ferreira de Medeiros	177
M. Paulo Filho	185
Olbiano de Mello	191
Philemon da Matta	199
Custodio de Viveiros	205
Americo Palha	211
Alvaro Armando	297
"O Progresso do Est. de S. Paulo"	223
Menotti del Picchia	229
Nestor Victor	230

Cassiano Ricardo	230
C. da Veiga Lima	231
Revista do Globo	231
Adolpho Agorio	232
Theodomiro V. de Andrade	232
Gustavo Barroso	232
Osorio de Oliveira	233
Belisario Penna	234
Plinio Barreto	234
Hildebrando Siqueira	235
Flavio de Campos	235
Madeira de Freitas	236
Almachio Diniz	237
Miguel Reale	238

APPENDICE

(Diversas apreciações sobre Plinio Salgado como escritor e pensador)

Heitor Marçal	241
Rodrigues de Abreu	246
Jackson Figueiredo	248
Monteiro Lobato	253
Oliveira Vianna	259
Tristão de Athayde	260
Andrade Muricy	262
Murillo de Araujo	271
Roque Callage	272
Nuto Sant'Anna	272
Francisco Pati	272
Marius	273
Agripino Grieco	273
José Americo de Almeida	273
Afranio Peixoto	273
Luiz Delgado	274
Motta Filho	274

Opiniões sobre a PANORAMA

PANORAMA... «bella revista, que consegue conter tanta cousa em tão pequeno volume». Oliveira Vianna — Niteroi.

PANORAMA — «está deliciosamente equilibrada com secções oportunas, variedade e clareza».

Luis da Camara Cascudo — Natal.

PANORAMA não se destina apenas a fazer a propaganda politica do Integralismo. Seu titulo e sub-titulo, e mais ainda o summario dos numeros apparecidos, indicam-no perfeitamente. E' um repositorio de estudos sobre a nossa realidade: sobre a soberba realidade que Deus nos poz nas mãos para que a conduzissemos a glorioso destino.

Tasso da Silveira — Rio.

PANORAMA... «é uma publicação digna de um movimento como o nosso de renovação cultural, moral e politica do Brasil.

Mario Marroquim — Maceió.

... orgulho-me do nosso Movimento... pelo auspicioso facto de haver dado aos brasileiros a maior e melhor revista cultural que até hoje surgiu em nossa Patria...

Tte. José Salles — Guanabara.

«... manda-nos a lealdade critica reconhecer que **PANORAMA**... reúne uma brilhante collaboração á altura de contradictar quantos recusam ao movimento chefiado pelo actor do Estrangeiro, caracteres de elevação intellectual. Este mensario é dos mais fortes em seu genero»...

Boletim de Ariel — abril 1936 — n.º 7 — Rio.

A notavel acceitação que logrou esta collectanea do pensamento novo, recommenda-a como a melhor revista de cultura, que se edita hoje no Brasil.

A Gazeta — Jaboticabal.

O Pensamento integralista acaba de se enriquecer com uma revista — **PANORAMA** — destinada á mais larga repercussão nas rodas intellectuaes do paiz.

«Fronteiras» — Recife.

PANORAMA é uma revista moderna e substanciosa, onde collaboram as mais conhecidas figuras do mundo intellectual brasileiro.

A Razão — Pouso Alegre.

* Este livro foi composto e impresso nas Officinas da Empresa Graphica "Revista dos Tribunaes".
Rua Xavier de Toledo, 72 - S. Paulo,
em Janeiro de 1937. •

ALGUMAS OPINIÕES SOBRE O LIVRO

“Plinio Salgado”

No bello in-8.^o sobre Plinio Salgado reúnem-se mais de cincoenta preciosos depoimentos a respeito do artista, pensador, politico e homem de acção de que as circunstancias da hora que vivemos e uma predeterminação particular fizeram a figura dominante de toda uma ardente, ansiada e audaciosa geração brasileira.

TASSO DA SILVEIRA

Esse livro, para mim representa um foco poderoso, a mostrar, na escuridão politica, o brasileiro que os Diogenes procuram...

CUSTODIO DE VIVEIROS

Para se ter direito de falar em Plinio Salgado, é preciso ler os seus innumerados livros, meditar sobre a sua obra, sem precedente na historia brasileira, e, antes, ler, minuciosamente, o livro de que no momento me occupo neste rapido registo de apresentação — E. C.

(Diario de Noticias — Bahia)

Editado pela “Revista Panorama” acaba de aparecer e alcançou rapidamente a segunda edição, um notavel trabalho sobre o Chefe Nacional do Integralismo.

A capa é magnifica. Toda feita de retalhos de jornaes, os mais diversos e dos mais diversos recantos do Brasil, dá uma perfeita impressão do “facto-Plinio Salgado” e da sua extraordinaria projecção sobre o cenario brasileiro.

Traz, no começo, uma esplendida biographia sobre esse homem que, em 1926, Monteiro Lobato saudava como “uma força nova com a qual o paiz tem que contar”.

Seguem-se varios artigos, de escriptores de todo o Brasil, emittindo o seu enthusiasmado depoimento sobre a acção politica do Chefe Nacional do Integralismo.

Vêm, posteriormente, as apreciações sobre a sua obra literaria.

Esse livro é um motivo de jubilo para nós.

(Revolução — Porto Alegre)

Preço do volume 7\$000

(Em todo Brasil)

Edição da revista **PANORAMA**
Rua 11 de Agosto, 64 — 6.^o andar
Sala 34 — SÃO PAULO